

Henry Dunant

LEMBRANÇA  
DE SOLFERINO



CICV



Henry Dunant

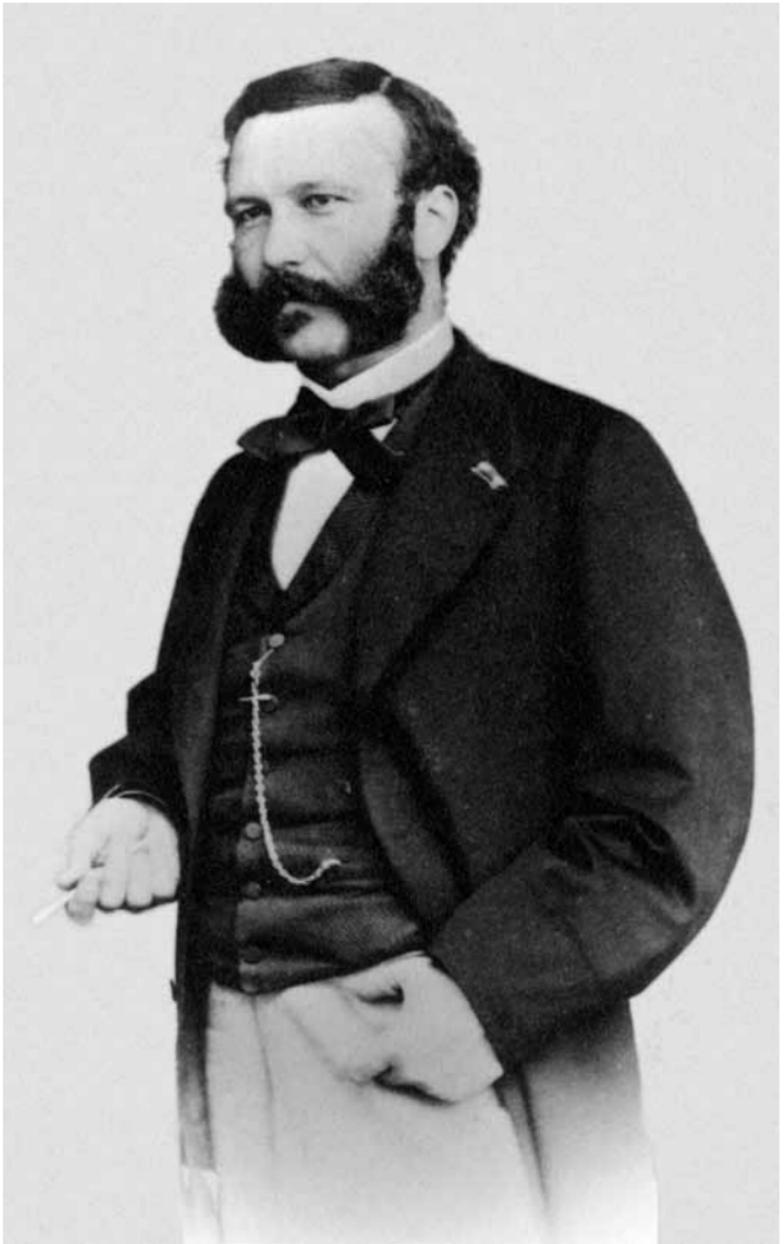
# LEMBRANÇA DE SOLFERINO



**CICV**

Comité Internacional da Cruz Vermelha  
19, avenue de la Paix  
1202 Genebra, Suíça  
T +41 22 734 60 01 F +41 22 733 20 57  
shop@icrc.org www.icrc.org  
© CICV, maio de 2016.

ISBN 978-2-940396-43-6  
Direitos autorais: CICV



*J.-Henry Dunant (1828-1910)*



## HENRY DUNANT 1828-1910

*Conhecido como o pai da Cruz Vermelha, Jean Henry Dunant nasceu em 8 de maio de 1828 em Genebra, Suíça. Seu pai, homem de negócios bem-sucedido e cidadão de certo destaque que tinha recursos. Sua mãe era uma mulher bondosa e devota. Mais do que ninguém, ela foi a pessoa responsável pela educação de seu filho primogênito. A influência dela contou muito na formação de seu caráter.*

*À medida que Dunant amadurecia, desfrutava de todos os privilégios a que tinha acesso em virtude da posição social e econômica de sua família. Ao mesmo tempo, conhecia os rigores habituais a um filho de um cidadão suíço comprometido com suas obrigações. A atmosfera da Genebra calvinista também influenciou seu crescimento e desenvolvimento. Cedo, Dunant desenvolveu convicções religiosas profundas e princípios morais elevados.*

*Nos primeiros anos da maturidade encontrou vazão para suas energias aliando-se a vários movimentos ou causas e engajando-se em atividades caridosas e religiosas. Durante algum tempo participou de um movimento – na época bastante forte em muitas partes da Europa – pela união de cristãos e judeus. Tornou-se membro de uma organização em Genebra conhecida como Liga dos Donativos, cuja proposta era levar conforto espiritual e auxílio material para os pobres, enfermos e amargurados. Também visitava regularmente a*

*prisão da cidade, onde trabalhava para ajudar a corrigir os transgressores da lei.*

*No entanto, até quase os 30 anos de idade, o maior interesse de Dunant estava em um grupo de organizações na Suíça, França e Bélgica, que atuava com o nome de “União Cristã dos Homens Jovens” (UCHJ). Era o equivalente da então recém-criada Associação Cristã dos Homens Jovens, na Inglaterra. No início de 1853 nasceu um movimento para transformar as “Uniões” em uma organização. Dunant se opôs firmemente ao plano, por entender que era demasiado limitado, e fez uma contraproposta: deveria ser organizada uma “União Mundial” para incluir a UCHJ. Em grande parte graças à persistência de Dunant, isto foi feito na primeira conferência mundial da UCHJ, ocorrida em Paris, em 1855.*

*Apesar da dedicação de Dunant a causas desse tipo, ele não se limitava suas atividades a elas. Também estava engajado em se estruturar para uma carreira empresarial, e em se lançar nessa tarefa. Em 1849 foi aprendiz em um banco de Genebra para conhecer o sistema bancário. Evoluiu tão bem que, em 1853, recebeu um encargo temporário na Argélia, como gerente geral de uma empresa subsidiária da sua firma, conhecida como “Colonies Suisses de Setif”. Mais tarde se desligou da companhia e começou a se dedicar aos negócios por conta própria. O jovem enérgico parecia destinado a uma carreira empresarial de sucesso e a obter uma fortuna considerável.*

*Durante uma viagem de negócios à Itália, por acaso, Dunant chegou a Castiglione della Pieve no mesmo dia de*

*junho de 1859 em que a Batalha de Solferino havia sido combatida perto dali. Quando a cidade ficou abarrotada de vítimas e os serviços médicos do exército disponíveis se revelaram inadequados, para Dunant foi totalmente natural se esforçar para ajudar a aliviar a dor e o sofrimento dos feridos. Por temperamento, tradição e educação, ele não poderia deixar por menos. A partir daquele momento, as atividades empresariais de Dunant e seus outros interesses tornaram-se secundários, uma vez que ele procurava encontrar um modo para que esse sofrimento pudesse ser de alguma forma evitado, ou pelo menos, atenuado, nas futuras guerras.*

*A publicação de Lembrança de Solferino marcou o início de um breve período em que Dunant alcançou o auge da sua carreira. Sua proposta de que sociedades de voluntários treinados fossem organizadas em todos os países com vistas a ajudar a cuidar dos combatentes feridos em tempos de guerra foi endossada com entusiasmo por muitas pessoas. Além disso, sua ideia de estabelecer um tratado internacional entre as nações a fim de garantir um tratamento mais humano para os feridos despertou um interesse considerável. Dunant viajou para muitas capitais da Europa. Todas as portas estavam abertas para ele, o que lhe permitiu conversar diretamente com muitas pessoas influentes. Membros da realeza e homens do povo escutaram-no respeitosamente quando explicava suas propostas. Se uma parte do público tinha dúvidas quanto à possibilidade de colocar em prática o que ele exortava, mesmo assim o escutava. Foi uma experiência prazerosa para esse jovem que havia chegado da escuridão sem avisar, para tocar o coração e instigar a consciência da Europa.*

*Em 1863 e 1864, a estrela de Dunant atingiu seu apogeu e depois, quase imediatamente, começou a declinar. As pessoas se reuniam em seu apoio, foi organizado um comitê e eram realizadas conferências. Mas durante a transformação de seu sonho em realidade, Dunant, o visionário, foi aos poucos se afastando, enquanto homens de ação começaram a assumir o comando. Os anos de 1865 e 1866 foram marcados pela sua menor participação no movimento que suas propostas haviam gerado. A timidez ou a desconfiança de Dunant foram em parte responsáveis por isso: estranhamente, o jovem que era tão eloquente e convincente com sua caneta e nas conversas, tinha pouco para dizer ou oferecer nas reuniões e conferências.*

*O ano de 1867 foi catastrófico para Dunant. Suas empresas, que havia muito tempo eram negligenciadas, precisaram ser liquidadas. Durante o processo de liquidação, abdicou praticamente de tudo o que possuía para satisfazer seus credores. Logo depois deixou Genebra, para nunca mais voltar. Tinha então apenas 39 anos.*

*Os 20 anos seguintes foram realmente difíceis para Dunant. Ele vivia precariamente, contando com a ninharia que os amigos podiam lhe dar e uma pequena mesada de seus familiares. A pobreza e a penúria não lhe eram estranhos. Aparecia em público ocasionalmente, na França, Alemanha, Itália e Inglaterra, para ser homenageado por sua participação na fundação da Cruz Vermelha ou por sua ligação com outros projetos com os quais havia se identificado. No entanto, na maior parte do tempo vivia na obscuridade.*

*De repente, certo dia de julho de 1887, um senhor apareceu na pequena cidade de Heiden, Suíça. Os moradores locais ficaram sabendo logo de que se tratava de Dunant. Embora ele tivesse apenas 59 anos, duas décadas de decepções e privações tinham-no envelhecido prematuramente. No seu novo lar, várias pessoas o ajudavam e lhe dispensavam o respeito que ele merecia, e por algum tempo continuou a demonstrar um entusiasmado interesse na evolução do movimento a que se dedicara tanto para estabelecer. De vez em quando, recebia notícias ou era procurado por alguns poucos amigos e antigos clientes que sabiam que ele ainda estava vivo. Por volta de 1892, a saúde ruim e a idade avançada o obrigaram a fixar residência na casa de saúde local, onde passou os últimos 18 anos de sua vida.*

*Em 1895, um jovem jornalista que fazia uma expedição nas montanhas perto de Heiden ouviu falar de Dunant e quis entrevistá-lo. Em poucos dias o mundo ficou sabendo que Dunant ainda estava vivo, embora estivesse vivendo em condições de certa forma penosas para alguém que havia dado tanto para o mundo. Começaram a aparecer ofertas de ajuda; o reconhecimento pelos grandes serviços prestados chegava pelo correio; vinha das pessoas abastadas e dos humildes, de lugares próximos e distantes. O Papa Leão XIII enviou-lhe seu retrato assinado, onde ele próprio havia escrito à mão as palavras “Fiat pax in virtute tua Deus”.<sup>1</sup> Dunant, tranquilo na serenidade da idade, apreciou os louvores que lhe conferiam. No entanto, deixou claro que não precisava de ajuda; suas poucas necessidades básicas eram mais do que satisfeitas pela casa de saúde e por seus vizinhos em Heiden.*

<sup>1</sup> Pelo Teu poder, que haja paz, Oh Deus!

*Mas Dunant ainda conheceria o ápice da glória. Em 1901, o comitê Nobel outorgou-lhe o primeiro Prêmio da Paz, compartilhado com o francês Frédéric Passy. Como Dunant estava fraco demais para fazer a longa viagem até Christiana, o prêmio e, mais tarde, a medalha, lhe foram enviados. De Genebra, seu antigo lar, chegou esta mensagem do Comitê Internacional da Cruz Vermelha:*

*“Não há homem que mais mereça esta honra, porque foi o senhor, quarenta anos atrás, que estabeleceu a organização internacional para o conforto dos feridos nos campos de batalha. Sem o senhor, a Cruz Vermelha, a extraordinária conquista humanitária do século dezenove, provavelmente nunca teria sido realizada.”*

*No domingo, 30 de outubro de 1910, Jean Henry Dunant faleceu em Heiden, rodeado das pessoas e das montanhas onde havia encontrado paz de espírito, amizade e um porto seguro.*

# LEMBRANÇA

DE

# SOLFERINO

---

A vitória sangrenta em Magenta abriu as portas de Milão para o exército francês e levou o entusiasmo dos italianos para o auge. Pavia, Lodi e Cremona tinham visto a chegada de seus libertadores e estavam recebendo-os com entusiasmo. Os austríacos haviam se retirado de suas fileiras próximas aos rios Adda, Oglio e Chiese, e agora, determinados a conseguir uma vingança gloriosa por suas antigas derrotas, tinham reunido uma força considerável às margens do rio Mincio, liderada com firmeza pelo próprio jovem Imperador austríaco.

No dia 17 de junho, o Rei Vittorio Emanuele chegou a Brescia, onde foi aclamado calorosamente por um povo que fora oprimido por dez longos anos, e que via o filho de

Carlo Alberto como seu salvador e herói. No dia seguinte, Napoleão fez uma entrada triunfal na mesma cidade, em meio a um entusiasmo generalizado. Todos se regozijavam com a oportunidade de mostrar sua gratidão para o soberano que veio ajudá-los a conquistar novamente sua liberdade e independência.

Em 21 de junho, o Imperador dos franceses e Rei da Sardenha deixou Brescia, um dia depois da saída do exército. No dia 22, Lonato, Castenedolo e Montechiaro foram ocupadas, e na noite do dia 23, o Imperador, na qualidade de Comandante-chefe, emitiu ordens explícitas para o exército do Rei Vittorio Emanuele, que estava acampado em Desenzano e formou a ala esquerda do Exército Aliado, para atacar Pozzolengo na manhã do dia 24. O Marechal Baraguey d'Hilliers deveria seguir para Solferino; o Marechal e Duque de Magenta, para Cavriana; o General Niel deveria ir para Guidizzolo, e o Marechal Canrobert para Medola, enquanto a Guarda Imperial recebeu ordens de prosseguir para Castiglione. Juntos, esses agrupamentos constituíam uma força militar com um total de cento e cinquenta mil homens e quatrocentas peças de artilharia.

O quartel-general do Império havia sido transferido de Verona para Villafranca, e em seguida para Valeggio, e os soldados receberam ordens para atravessar novamente o rio Mincio em Peschiera, Salionze, Valeggio, Ferri, Goito e Mântova. A maioria do exército se instalou entre Pozzolengo e Guidizzolo, de forma a atacar o exército franco-sardo entre os rios Mincio e Chiese, de acordo com a sugestão dos marechais de campo mais experientes.

As forças austríacas sob o comando do Imperador

formaram dois exércitos: o primeiro era liderado pelo Marechal de campo Conde Wimpffen, cujo comando incluía as unidades lideradas pelo Príncipe Edmond de Schwarzenberg, pelo Conde Schaffgotsche, e pelo Barão Veigl, e ainda a Divisão de Cavalaria do Conde Zedtwitz. Essas unidades formavam a ala esquerda do exército e haviam se posicionado nas proximidades de Volta, Guidizzolo, Medola e Castel Goffredo. O Segundo Exército era liderado pelo Conde General Schlick, que tinha sob seu comando os Condes Marechais de campo Clam-Gallas e Stadion, o Barão Von Zobel, e Ritter Von Benedek, além da Divisão de Cavalaria do Conde Mendsdorff. Esta era a ala direita do exército, a que controlava Cavriana, Solferino, Pozzologno e San Martino.

Dessa forma, na manhã do dia 24, os austríacos ocuparam todas as posições favoráveis entre Pozzologno, Solferino, Cavriana e Guidizzolo. Dispuseram seu formidável conjunto de artilharia ao longo de uma fileira de colinas baixas para instalar ali o epicentro de uma enorme frente de ataque, possibilitando assim que as alas direita e esquerda do exército pudessem se retirar, se fosse necessário, sob a proteção dessas colinas fortificadas, que eles consideravam invencíveis.

Embora as duas forças inimigas estivessem marchando uma contra a outra, não esperavam encontrar e travar uma batalha tão cedo quanto de fato ocorreu. Os austríacos esperavam que apenas uma parte do exército aliado tivesse atravessado o rio Chiese; eles não podiam conhecer o plano do Imperador Napoleão, e a informação de que dispunham era inexata.

Os aliados também não tinham ideia de que iriam

se deparar frente a frente tão rápido com o exército do Imperador da Áustria. Os reconhecimentos de terreno e as observações que haviam feito; os relatórios das sentinelas avançadas, e os sobrevoos dos balões realizados no dia 23 não haviam fornecido nenhum indício de uma contraofensiva ou de um ataque.

Assim sendo, embora ambos os lados estivessem verdadeiramente esperando que uma grande batalha fosse acontecer em breve, o encontro entre os austríacos e os franco-sardos na sexta-feira, 24 de junho, não foi realmente intencional, uma vez que os dois adversários estavam equivocados em relação aos movimentos recíprocos.

Todos ouviram falar ou devem ter lido algum relato sobre a Batalha de Solferino. A memória sobre ela é tão viva que ninguém a esqueceu, principalmente porque as consequências daquele dia ainda estão sendo sentidas em muitos países europeus.

Eu era um turista sem nenhum tipo de participação naquele grande conflito, mas tive o raro privilégio, por causa de uma sucessão de circunstâncias extraordinárias, de testemunhar as cenas comoventes que resolvi descrever. Nessas páginas transmito apenas as minhas impressões pessoais; de forma que meus leitores não devem procurar aqui detalhes específicos, nem informações sobre temas estratégicos; esses assuntos têm seu espaço em outros textos.

Naquele memorável dia 24 de junho, mais de 300 mil homens se depararam frente a frente; a linha de combate tinha cerca de 20 quilômetros de comprimento, e os enfrentamentos continuaram por mais de quinze horas.

Depois de padecer o cansaço da marcha de uma noite

inteira, no dia 23, o exército austríaco teve de aguentar a feroz investida do exército aliado no amanhecer do dia 24. Mais tarde eles precisaram aguentar o calor intenso de um clima abafado, além de fome e sede, uma vez que, com exceção de uma dose dupla de conhaque, não tinham recebido praticamente nenhuma ração de comida durante toda aquela sexta-feira. Já o exército francês estava em marcha antes do amanhecer e não havia comido ou tomado nada a não ser café. Portanto, as forças em combate, especialmente aqueles soldados que tinham a infelicidade de estar feridos, encontravam-se em um estado de extrema exaustão no final daquela batalha terrível!

Por volta das 3h da manhã, a Primeira e a Segunda Unidades, comandadas pelos Marechais Baraguey d'Hilliers e de Mac-Mahon, avançaram para atacar Solferino e Cavriana, mas os comandantes de suas colunas mal haviam passado Castiglione quando encontraram diante deles os postos avançados austríacos, prontos para deter seu prosseguimento.

Logo no começo da ação, o Imperador Francisco José deixou seu quartel-general e mudou-se para Volta com sua equipe. Estava acompanhado dos arquidukes da Casa de Lorraine, entre os quais devem ser mencionados o Grão-duque da Toscana e o Duque de Modena.

A primeira batalha aconteceu em meio às dificuldades do terreno, que era totalmente estranho aos Aliados. O exército francês foi obrigado a seguir em meio a renques e renques de amoreiras entremeadas por fileiras de videiras, formando um verdadeiro obstáculo. Em muitos lugares o terreno estava cortado por grandes fossos formados pela

terra seca, e por longas muralhas de cerca de 90 centímetros ou 1 metro e meio de altura, largas embaixo e afuniladas em cima. Os cavalos precisavam passar por essas muralhas e atravessar os fossos.

De seus postos avançados nas colinas, os austríacos atacaram os franceses com fogos de artilharia e desfecharam-lhes uma agressiva saraivada de cartuchos, e uma chuva de granadas metralhadas. A sujeira e o pó que eram levantados quando essa imensa nuvem de projéteis retumbava no chão se misturavam aos gases das armas e dos obuses. Enfrentando o estrondo desse ataque de artilharia, com a morte rugindo e despencando sobre eles, os franceses se lançaram como uma força de assalto avassaladora, chegando da planície para varrer tudo e atacar as posições que estavam determinados a conquistar.

No calor tórrido do meio-dia, os combates travados com ira de todos os lados tornaram-se cada vez mais ferozes. Colunas compactas de homens lançaram-se uns contra os outros com a impetuosidade de uma torrente destruidora que leva embora tudo o que encontra à frente; numa escaramuça, os regimentos franceses se arremessaram sobre os austríacos, que eram constantemente reforçados, e ficaram cada vez mais fortes e ameaçadores, resistindo aos ataques com a força de paredes de aço. Inteiras divisões livraram-se de suas mochilas para poder investir com mais desenvoltura contra os inimigos usando baionetas fixas. Quando um batalhão era repellido, imediatamente outro o substituiu. Cada monte, cada pico, cada penhasco era cenário de combates mortais; os corpos jaziam em pilhas nas colinas e nos vales.

Uma luta corpo a corpo era travada com todo o seu

horror e abominação; os austríacos e os aliados esmagavam-se uns aos outros com os pés, matando-se diante de pilhas de cadáveres em sangue, abatendo seus inimigos com as soleiras dos fuzis, esmagando os crânios, rasgando a barriga com o sabre e a baioneta. Não havia nenhuma benevolência com os prisioneiros; era uma carnificina total; uma luta entre animais selvagens, enlouquecidos por sangue e fúria. Mesmo os feridos combatiam até o último suspiro. Quando ficavam sem armas, pegavam seus inimigos pela garganta e os cortavam com seus dentes.

Um pouco mais adiante, o cenário era o mesmo, só mais horripilante pela aproximação de um esquadrão de cavalaria em galope, cujas patas pisotearam sobre os mortos e agonizantes que encontrava pelo caminho. Um pobre ferido teve o queixo levado embora; a cabeça de outro foi estilhaçada; um terceiro, que poderia ter sido salvo, teve o tórax perfurado. Juramentos e guinchos de raiva, gemidos de angústia e desespero se misturavam aos relinchos dos cavalos.

Depois da cavalaria a todo galope, chega a artilharia. Os tiros de canhão caíram estrondosamente sobre os mortos e feridos, e espalharam confusão no terreno. Miolos jorraram embaixo das rodas; membros eram quebrados e dilacerados; corpos eram mutilados depois de reconhecidos – a terra estava literalmente encharcada de sangue, e o campo coberto de restos humanos.

Soldados franceses escalaram as colinas e, enfrentando dificuldade, sob o fogo cruzado dos austríacos, subiram os morros íngremes e as encostas rochosas, impelidos pelo mais irascível fervor, debaixo dos disparos dos obuses e das metralhadas. Alguns poucos destacamentos de homens

escolhidos, consumidos pelos esforços e encharcados de suor, mal conseguiriam atingir o topo da montanha – e então iriam prorromper sobre os austríacos como uma avalanche, arruinando-os, forçando-os a abandonar a posição, dispersando-os e perseguindo-os até o fundo de fossos e desfiladeiros.

As posições dos austríacos eram excelentes, uma vez que estavam entrincheirados nas casas e igrejas de Medola, Solferino e Cavriana. Mas nada detinha, interrompia ou diminuía a carnificina. Havia matança coletiva, e matança corpo a corpo; cada pedaço de terra era disputado com as baionetas; cada posição era defendida passo a passo. As cidades eram conquistadas, casa a casa e fazenda a fazenda; e cada uma delas, por sua vez, tornava-se palco de um cerco. Cada porta, cada janela, cada quintal era cenário de um massacre apavorante.

Um tumulto espantoso foi provocado nas linhas de combate austríacas pela chuva de metralhas disparada pelos franceses, que atingiu eficazmente grandes extensões de terreno. Cobriu as colinas de mortos e provocou vítimas até entre os distantes agrupamentos de soldados alemães. No entanto, os austríacos não estavam batendo em retirada de uma vez só; recuavam somente aos poucos, e assim puderam retomar logo a ofensiva e se concentrar de novo. Mesmo assim, mais uma vez foram dispersos.

Na planície, nuvens de poeira das estradas eram levantadas pelo vento, formando enevoamentos densos que escureciam o ar e cegavam os soldados combatentes.

De vez em quando, em determinados pontos, dava a impressão de que a batalha poderia parar um pouco – mas

somente para recomeçar com mais força ainda. As lacunas deixadas nas linhas austríacas pelo determinado e mortífero ataque francês eram imediatamente substituídas pelos novos soldados da reserva. Inicialmente de um lado, depois de outro, os tambores percutiriam e os clarins soariam para anunciar o ataque.

A guarda agia com uma coragem realmente nobre, comparável apenas à bravura e ousadia da infantaria ligeira e aos soldados nas linhas de combate. Os zuavos brotavam com baionetas fixas, atacando como animais selvagens com disparos coléricos. A cavalaria francesa atacava a cavalaria austríaca; os ulanos e os hussardos se apunhalavam e se dilaceravam reciprocamente; até os cavalos, excitados pelo calor da batalha, desempenhavam seu papel na briga, atacando os cavalos do inimigo e mordendo-os com fúria, enquanto seus cavaleiros se açoitavam e ceifavam uns aos outros.

A fúria da batalha era tamanha que, em certos lugares, quando a munição tinha terminado e os mosquetes haviam quebrado, os homens continuavam a lutar com pedras e socos. Os croatas acabavam com qualquer homem que encontravam; mataram os aliados feridos com as soleiras de seus mosquetes; e apesar de tudo o que seus líderes podiam fazer para manter sua selvageria dentro dos limites, os exímios atiradores argelinos também não davam trégua para os oficiais e homens austríacos feridos, e atacavam as fileiras inimigas com rugidos animais e gritos hediondos.

As posições mais fortes eram conquistadas, perdidas e retomadas, apenas para serem perdidas mais uma vez e novamente apreendidas.

Por todos os lados os homens tombaram aos milhares,

com feridas abertas nos membros do corpo e no abdome, crivados de balas, feridos mortalmente por tiros e obuses de todo tipo.

O espectador que observasse os combates, posicionado nas colinas em volta de Castiglione, embora não pudesse ver com exatidão qual fosse o plano da batalha, poderia pelo menos entender que os austríacos estavam tentando abrir caminho através do centro das tropas aliadas, de forma a atrasar e deter o ataque a Solferino. A posição admirável dessa cidade inevitavelmente fazia dela o ponto nevrálgico da batalha. O espectador poderia adivinhar os esforços empreendidos pelo Imperador dos franceses a fim de estabelecer contato entre as diferentes unidades de seu Exército de forma que elas pudessem se ajudar e apoiar mutuamente.

Avaliando a situação rapidamente e corretamente, o Imperador Napoleão percebeu que os soldados austríacos careciam de uma liderança forte e única. Ordenou que as Unidades do Exército de Baraguey d'Hilliers e de MacMahon, e em seguida a sua própria, sob o comando do corajoso Marechal Regnaud de Saint-Jean d'Angely, atacassem simultaneamente as trincheiras em Solferino e em San Cassiano. Seu objetivo era romper o núcleo da linha inimiga, formado pelas Unidades do Exército de Stadion, Clam-Gallas e Zobel, que seguiam individualmente uma depois da outra, para defender essas posições importantes.

Em San Martino, com apenas uma parte do segundo exército austríaco, o valente e assustador Marechal de campo Benedek resistiu o dia todo aos soldados sardos. Ele parecia eletrificado pela presença de seu Rei, e combateu bravamente sob suas ordens.

A ala direita do exército aliado, formada pelas unidades comandadas pelo General Niel e pelo Marechal Canrobert, resistiu com uma energia invencível o primeiro exército alemão, sob o Conde Wimpffen. As Unidades de Schwarzenberg, Schaffgotsche e de Veigl não conseguiram agir juntas.

O Marechal Canrobert não colocou seus soldados em ação de manhã, mas ficou em alerta. A decisão foi bastante sensata e seguia as ordens de Napoleão. Apesar disso, no final, a maior parte do seu exército, notadamente as Divisões de Renault e Trochu, e a Cavalaria do General Partouneaux, participaram ativamente da batalha. Enquanto o Marechal Canrobert inicialmente recuou porque esperava ver o exército do Príncipe Edward de Liechtenstein avançar na sua direção (uma força que não pertencia a nenhum dos dois exércitos austríacos, que haviam deixado Mântova naquela mesma manhã e era uma grande fonte de ansiedade para Napoleão), as Unidades de Liechtenstein, por sua vez, estavam absolutamente paralisadas pelo medo da aproximação do Exército do Príncipe Napoleão, cuja Divisão Autemarre estava a caminho, proveniente de Piacenza.

Com seus valentes soldados, os Generais Forey e de Ladmirault suportaram o primeiro impacto da batalha naquele famoso dia. Após combates indescritíveis, eles conseguiram tomar os pontos culminantes e as colinas que davam para o adorável Monte dos Ciprestes, imortalizado, assim como a Torre e o Cemitério de Solferino, pela espantosa matança ali cometida. O Monte dos Ciprestes foi finalmente tomado de assalto, e no pico o Coronel d'Auvergne içou um lenço na ponta de sua espada em sinal de vitória.

Mas tamanho sucesso foi quase tragado pelas pesadas baixas sofridas pelos aliados. O general Ladmirault teve o ombro fraturado por um tiro, e não se apressou para receber os curativos em um hospital de campo instalado na capela de um pequeno vilarejo. Apesar do grave ferimento, o valente homem voltou caminhando para o combate e estava encorajando seus batalhões quando um segundo projétil atingiu sua perna esquerda.

O General Forey, sempre tranquilo e impassível em meio às dificuldades, foi ferido no quadril. O capuz branco da sua capa militar foi perfurado e seus ajudantes, que estavam ao lado, foram atingidos. Um deles, o Capitão Kervenoël, que tinha apenas vinte e cinco anos, teve a cabeça cortada pela explosão de um obus.

No pé do Monte dos Ciprestes, o General Dieu caiu de seu cavalo com uma ferida mortal enquanto combatia escaramuças. O General Douay foi ferido, e não distante dali, seu irmão, o Coronel Douay, tombou morto. O General-brigadeiro Auger teve o braço esquerdo estilhaçado por uma bala e obteve o grau de General de Divisão no campo de batalha que lhe custaria a vida.

Os oficiais franceses, marchando à frente, agitando suas espadas e incitando os soldados atrás deles com seu exemplo, foram atingidos várias vezes na liderança do comando, porque suas condecorações e dragonas tornavam-nos alvo para a Infantaria Ligeira Tirolesa.

Que cenas trágicas e dramáticas de todo tipo, que catástrofes comoventes foram cometidas! No Primeiro Regimento Africano de Cavalaria Ligeira, ao lado do Tenente-coronel Laurans des Ondes, que caiu de repente

mortalmente ferido, o Segundo-tenente de Salignac Fenelon, de apenas vinte e dois anos, atingiu um esquadrão austríaco e pagou com a vida por sua proeza. O Coronel de Maleville, na propriedade rural de Casa Nova, viu-se com excesso de contingente e sem munição. Com a bandeira do regimento em mãos, correu adiante enfrentando o terrível fogo cruzado do inimigo, gritando: “Todo homem que ama sua bandeira, siga-me!” Seus soldados, enfraquecidos pela fome e cansaço, seguiram-no com as baionetas baixadas. Um tiro quebrou a perna de Maleville, mas apesar do sofrimento atroz ele conseguiu um homem para segurá-lo no seu cavalo e continuou no comando. Próximo, Herbert foi morto comandando seu batalhão, dando sua vida para salvar uma Águia; e à medida que a batalha seguia adiante em meio a seu corpo caído, encontrou forças para gritar a seus homens antes de morrer: “Coragem, rapazes!”

Na Colina da Torre em Solferino, o Tenente Moneglia, da Infantaria Ligeira das Guardas, apreendeu seis peças de artilharia sem a ajuda de ninguém, quatro delas com suas equipes. O Coronel austríaco que estava no comando se rendeu. O Tenente de Guiseul, segurando a bandeira do seu regimento, foi rodeado com seu batalhão por uma força dez vezes o tamanho da sua. Levou um tiro e caiu, e quando rolava no chão apertou sua preciosa patente contra o coração. Um sargento que pegou a bandeira para salvá-la do inimigo teve a cabeça explodida por uma bala de canhão; um capitão que agarrou a bandeira em seguida também foi ferido; seu sangue manchou o emblema rasgado e despedaçado. Todos os homens que a seguravam eram feridos, um após o outro, tanto oficiais quanto





soldados, mas a bandeira foi protegida até o fim por uma muralha de corpos mortos e vivos. No final, a gloriosa e esfarrapada bandeira ficou nas mãos do Sargento-ajudante do regimento do Coronel Abattucci.

O major de la Rochefoucault Liancourt, um destemido homem da cavalaria africana, atacou os destacamentos austríacos, mas bem embaixo dele, seu cavalo foi cravado de balas, e caiu ferido por dois tiros. Foi capturado pelos húngaros, que reposicionaram o esquadrão.

Em Guidizzolo, o Príncipe Charles de Windisch-Graetz, um corajoso Coronel austríaco no comando de seu regimento, tentou em vão reconquistar a posição de Casa Nova. Como era um ilustre herói nobre, o desventurado Príncipe desafiou a morte, e mesmo quando foi mortalmente ferido, continuou a dar ordens. Seus soldados o seguraram nos braços, de pé, imóvel, sob uma chuva de balas, apoiando-o até o fim. Eles sabiam que deviam morrer, mas não deixariam seu coronel a quem amavam e respeitavam. Em breve daria seu último respiro.

Os Marechais de campo Conte Crenneville e Conte Palfy também ficaram gravemente feridos enquanto combatiam bravamente; o mesmo aconteceu com o Marechal de campo Blomberg e com o General de Divisão Baltin, nas Unidades do Barão Von Veigl. O Barão Sturmfeder, o Barão Pidoll e o Coronel Von Mumb foram mortos. Os Tenentes von Steiger e von Fischer tombaram bravamente não longe do local onde o jovem Príncipe de Isenburg, com mais sorte, foi recolhido do campo ainda com uma centelha de vida.

O Marechal Baraguey d'Hilliers, seguido pelos Generais Leboeuf, Bazaine, de Negrier, Douay, d'Altou e Forgeot, e

pelos Coroneis Cambriels e Micheler, entraram no povoado de Solferino. O vilarejo foi defendido pelo Conte Stadion, e pelos Marechais de campo Palffy e Sternberg, sob cujo comando as Brigadas Bils, Puchner, Gaal, Koller e Festetics conseguiram por muito tempo rechaçar os mais violentos ataques. O General Camou, com sua infantaria ágil e com carabineiros, obteve superioridade nessas investidas, da mesma forma que os Coronéis Brincourt e de Taxis, que ficaram feridos, e o Tenente-coronel Hemard, que recebeu dois tiros no peito.

O General Desvaux, corajoso e sereno como nunca, se deparou com o violento ataque da Infantaria Húngara à cabeceira da sua cavalaria, num embate amedrontador. Ele sempre estava à frente da sua Divisão, arremessando a potência de aço de seus esquadrões contra as Unidades do Exército de Veigl, Schwarzenberg e Schaffgotsche, em apoio à vigorosa ofensiva do General Trochu em Guidizzolo e Rebecco. No mesmo setor, os Generais Morris e Partouneaux se destacaram combatendo contra a cavalaria de Mensdorff.

O Marechal de Mac-Mahon, o General de la Motterouge, o General Decaen e a Cavalaria das Guardas conseguiram alcançar as colinas de San Cassiano e Cavriana, graças a forte defesa disposta pelo General Niel, que se posicionou firmemente na planície de Medola, com os Generais de Failly, Vinoy, e de Luzy, contra as três divisões fortes do Exército do Conde Wimpffen. De Mac-Mahon abriu caminho em volta do terreno elevado que era fundamental para essas posições; conseguiu se aproximar das linhas paralelas das colinas, e finalmente se fixou em frente ao local

onde os soldados dos Marechais de campo Clam-Gallas e Zobel estavam concentrados. Mas após ter combatido corajosamente em San Cassiano, o nobre Príncipe de Hesse, um dos heróis do exército da Áustria, um inimigo digno do ilustre conquistador de Magenta, defendeu os três declives do Monte Fontana contra os ataques incessantes. O General Sevelinges teve suas armas de campanha arrastadas sob o fogo austríaco; os Granadeiros da Guarda empurraram-nas morro acima, pois os cavalos não conseguiam enfrentar a ladeira íngreme. Um grupo de Granadeiros passou tranquilamente para os artilheiros a munição dos caixotes que haviam sido deixados para trás na planície, de forma que as armas transferidas para sua posição insólita nos picos pudessem continuar a desfechar suas descargas no inimigo. O General de la Motterouge finalmente controlou Cavriana, apesar da feroz resistência e dos ataques constantemente revigorados por parte dos jovens oficiais alemães, que empurravam sempre seus destacamentos de volta para a luta. A Infantaria Ligeira do General Maneque reabasteceu suas caixas de cartuchos vazias com aquelas dos granadeiros, mas sua munição logo esgotou novamente; então eles atacaram as colinas entre Solferino e Cavriana com baionetas fixas. Com a ajuda do General Mellinet, conseguiram tomar essas posições, a despeito da ferrenha oposição. Depois de mudar de mãos várias vezes, Rebecco foi finalmente reconquistada e controlada pelo General Renault.

Os atiradores de elite argelinos tiveram pesadas baixas durante um ataque ao Monte Fontana. Seus Coronéis, Laure e Herment, foram mortos; também houve baixas entre um grande número de oficiais, mas isto só serviu

para redobrar a sua fúria. Prometendo vingar seus mortos, investiram contra seus inimigos com fúria africana e fanatismo muçulmano, matando freneticamente e sem piedade ou misericórdia, como tigres que tivessem experimentado sangue. Os croatas se jogariam no chão, ou se esconderiam nos fossos até seus adversários passarem perto – e então se levantariam de repente e atirariam contra eles à queima-roupa.

Em San Martino, o Capitão Pallavicini, oficial dos *Bersaglieri*, foi ferido; seus soldados o seguraram nos braços e o carregaram para uma capela onde recebeu os primeiros socorros. Porém, os austríacos, que tinham sido momentaneamente repelidos, voltaram ao ataque e com a força abriram caminho para entrar na capela. Os *Bersaglieri* não eram suficientemente fortes para resistir a eles, e precisaram deixar seu comandante; e então os croatas pegaram as pedras pesadas que estavam no vão da porta e esmagaram o crânio do pobre Capitão, cujos miolos borrifaram suas roupas.

Em meio a todos esses combates, que seguiram adiante por todo o campo de batalha, surgiam os juramentos e as maldições dos homens de todas as diferentes nações engajadas na luta – muitos dos quais tinham se transformado em assassinos aos vinte anos!

No auge da batalha, o capelão de Napoleão, o Abade Laine, ia de um hospital de campanha para outro levando consolo e compaixão aos moribundos. A tempestade letal de aço, enxofre e chumbo que varreu o chão fez balançar a terra que estava debaixo dos seus pés, e cada vez mais mártires se acrescentavam a hecatombe humana

à medida que as linhas de combate singravam o ar com seus relâmpagos mortíferos. Um Segundo-tenente da linha de combate teve o braço esquerdo quebrado por vários disparos e seu sangue jorrava por causa do ferimento. Um oficial húngaro viu um de seus homens apontando para o garoto; o oficial o deteve, e então, dirigindo-se para o homem ferido, apertou sua mão piedosamente e ordenou que ele fosse levado a um lugar mais seguro.

As mulheres que preparavam a comida foram para o campo sob o fogo cruzado dos inimigos, assim como os soldados. Elas também ficavam sempre feridas à medida que se misturavam entre os homens feridos, levantando suas cabeças e oferecendo-lhes de beber quando eles clamavam pateticamente por água.<sup>2</sup> Um oficial dos hussardos, enfraquecido pela perda de sangue, estava lutando para se livrar do corpo do seu cavalo, que caíra sobre ele quando foi atingido por estilhaços de um obus. Um cavalo desembestado passou galopando, arrastando o corpo ensanguentado de seu cavaleiro. Os cavalos, mais misericordiosos que os homens que os montavam, continuavam tentando tomar seu rumo de forma a evitar pisar nas vítimas dessa batalha enfurecida e exaltada.

Um oficial da Legião Estrangeira foi atingido mortalmente por uma bala, enquanto seu cachorro, que era profundamente ligado a ele, estava correndo ao seu lado. Esse cachorro viera com ele da Argélia, e era a mascote de todo o regimento.

<sup>2</sup> Elas podem ter sido as mulheres que foram queimadas vivas pelos mexicanos em 9 de junho de 1862. Foram amarradas a vagões de pólvora com dez soldados, que depois foram rodeados por um grupo guerrilheiro a 3,2 quilômetros de Tejeria, quando estavam pegando um suprimento de comida e munição de Vera Cruz para o campo francês.

O cachorro também foi ferido alguns passos adiante, mas encontrou forças para recuar se arrastando e morrer ao lado do seu amo. Em outro regimento, uma cabra que tinha sido adotada por um atirador de elite e era a favorita de todos os soldados, avançou destemidamente no ataque a Solferino, enfrentando tiros e obuses com os soldados.

Quantos soldados corajosos, sem se deter com os primeiros ferimentos, continuavam a insistir na luta, até que um novo tiro os fazia cair por terra e não podiam mais combater! Em outros setores, batalhões inteiros foram obrigados a aguentar firme, esperando a ordem para avançar, debaixo do fogo cruzado. Eles precisavam ficar imóveis, fervilhando de impaciência, observando enquanto eram abatidos um após o outro.

Os sardos defenderam, e em seguida atacaram as colinas de San Martino, Roccolo, e Madonna della Scoperta, com intervalos regulares ao longo do dia. Essas posições foram conquistadas e reconquistadas cinco ou seis vezes, e os sardos finalmente conseguiram o controle de Pozzolengo, embora tenham demonstrado pouca coordenação e agido bastante como divisões independentes. Seus generais Mollard, de la Marmora, Della Rocca, Durando, Fanti, Cialdini, Cucchiari, de Sonnaz, com seus oficiais de todas as armas e postos hierárquicos, estavam lá com seu Rei, sob cujos olhos três generais, Perrier, Cerale e Arnoldi, ficaram feridos.

Além dos Marechais e dos Generais, no exército francês não se pode deixar de mencionar as gloriosas proezas dos corajosos Brigadeiros, dos brilhantes Coronéis, dos destemidos Majores e valentes Capitães, que fizeram tanto para conseguir a vitória naquele famoso dia. De fato, não foi pouca honra ter

combatido e derrotado guerreiros como o Príncipe Alexandre de Hesse, Stadion, Benedek, ou Karl Von Windisch-Graetz!<sup>3</sup>

“Parecia que o vento estivesse nos empurrando para frente”, um soldado raso expressou de forma pitoresca, tentando dar uma ideia do espírito e do entusiasmo dos camaradas que foram para a batalha com ele. “O cheiro da pólvora, o barulho das armas, os tambores batendo e os clarins tocando, tudo isso acorda você para a vida e te excita!” Realmente naquela batalha parecia que cada homem estivesse lutando como se a sua própria reputação pessoal estivesse em jogo, como se conquistar a vitória fosse uma questão da sua própria credibilidade.

Com certeza, entre os soldados do Exército francês que não eram oficiais havia uma avidez e uma bravura raras. Nada podia parar esses homens. Eles conduziam seus soldados para as passagens mais perigosas e expostas da batalha, como se fossem homens indo para um banquete. Sem dúvida, essa qualidade do exército francês é um fator da sua superioridade em relação aos exércitos das outras grandes nações do mundo.

<sup>3</sup> No que diz respeito ao General Forey, deixem-nos tomar emprestadas algumas palavras sobre ele do belo livro do Coronel Edmond Favre, “L’Armée prusienne et les manoeuvres de Cologne em 1861”.

“Naquele exato dia, o Rei nos convidou para jantar no Castelo Benrath, perto de Düsseldorf. Antes que ele se sentasse à mesa, o Rei tomou o General Forey e o General Paumgarten pelas mãos e disse-lhes rindo: ‘Agora que vocês são amigos, sentem-se ali lado a lado e conversem.’ De agora em diante, Forey era o conquistador de Montebello, e Paumgarten estivera no comando contra ele, mas agora eles podiam fazer perguntas um ao outro sobre todos os detalhes da batalha. Um olhar para o sorriso leal do General austríaco era prova suficiente de que todo o rancor estava superado. Quanto ao General francês, todos nós sabemos que ele não tinha razão para sentir rancor. A guerra é assim; e assim é a vida de um soldado. Esses dois generais, que eram tão amigáveis naquele outono, talvez estejam novamente combatendo entre si no ano que vem, e então jantem juntos de novo em algum lugar no ano seguinte!”

Os soldados do Imperador Francisco José haviam recuado; o exército do Conde Wimpffen foi o primeiro a receber de seu comandante a ordem de retirada, mesmo antes que o Marechal Canrobert tivesse trazido todos os seus homens para a ação.

Apesar da posição firme do Conde Stadion, o exército do Conde Schlick estava enfraquecido pelo apoio indeciso dos Marechais de campo Clam-Gallas e Zobel (com exceção da Divisão do Príncipe Hesse), e foi obrigado a abandonar todas as posições que os austríacos haviam transformado em uma simétrica cadeia de fortalezas.

Enquanto isso, o céu havia escurecido e nuvens pesadas cobriram o horizonte. O vento irrompeu furiosamente, torcendo os galhos das árvores e levando-as pelos ares. Uma chuva fria foi trazida pela tempestade; era uma chuvarada contínua que encharcou os soldados, já debilitados pela fome e cansaço; ao mesmo tempo, apareceram rajadas de vento trazendo turbilhões de uma poeira cegante. De forma que agora, além do inimigo, também havia outros elementos a serem combatidos. Mesmo agachando-se sob a tempestade, os austríacos se reuniam quando seus oficiais chamavam, mas por volta das 5h o massacre foi detido, primeiro em um lugar, depois em outro, pelas torrentes de chuva e granizo, pelos trovões e raios, e pela escuridão que cobria o campo de batalha.

Durante toda a batalha, o Comandante da Casa dos Habsburgos demonstrou uma calma e um autocontrole admiráveis. Quando Cavriana foi tomada, ele estava com o Conde Schlich e seu assistente, o Príncipe de Nassau, numa colina chamada “Madonna de Pieve”, perto de uma

igreja rodeada de ciprestes. Depois que a principal unidade austríaca havia ganhado terreno, e sua fileira esquerda não tinha mais esperança de romper a posição dos Aliados, foi decidida uma retirada geral. Naquele momento solene, o Imperador se conformou em ir com parte de sua formação para a direção de Volta, enquanto os Arquidukes e o Grão-duque da Toscana se retiraram para Viareggio. Em alguns locais os soldados alemães foram tomados pelo pânico, e para certos regimentos a retirada se transformou numa debandada confusa. Seus oficiais, que tinham lutado como leões, não podiam segurá-los. Incentivos, insultos, golpes de espada, nada podia deter a dispersão. Aterrorizados, esses soldados que tinham combatido tão bravamente agora aceitavam os infortúnios e os insultos ao invés de abandonar a fuga.

O desespero do Imperador austríaco era terrível. Ele havia resistido como um herói; tinha visto tiros e obuses choverem à sua volta o dia todo, e agora não podia deixar de chorar diante do desastre. Em meio a essa angústia, jogou-se no meio dos homens que fugiam, chamando-os de covardes. Quando a calma voltou, após esses acessos de fúria, olhou fixamente em silêncio para o cenário de desolação, com grandes lágrimas escorrendo da face, e só depois de seus assistentes insistirem muito, finalmente concordou em deixar Volta e seguir para Viareggio.

Nessa consternação, os oficiais austríacos se entregaram para a morte, tamanha era a sua raiva e desespero. Mas eles venderam suas vidas com amor. Alguns deles se mataram de desgosto e raiva, incapazes de aguentar sobreviver a essa derrota fatal. A maioria se juntou aos seus regimentos cobertos com o seu próprio sangue ou com aquele de

seus inimigos. Vamos dar à bravura deles o elogio que ela merece.

Durante o dia inteiro, o Imperador Napoleão pôde ser visto em qualquer lugar onde sua presença parecia ser necessária. Estavam com ele o Marechal Vaillant; o General de Divisão do Exército General Martimprey; o Assistente do General de Divisão Conde Roguet; o Conde de Montebello, o General Fleury, o Príncipe de la Moskowa, os Coronéis Reille e Robert, a Escolta Imperial e o Esquadrão das Cem Sentinelas. Onde quer que os mais difíceis obstáculos a serem superados se encontrassem, o próprio Imperador iria conduzir a batalha, sem nenhuma preocupação com os perigos que o ameaçavam sem cessar. No Monte Fenile, o cavalo de seu cirurgião, o Barão Larrey, levou um tiro debaixo dele, e várias das Cem Guardas foram atingidas. Ele se abrigou em Cavriana, na mesma casa onde o Imperador austríaco havia estado naquele mesmo dia, e de lá enviou um despacho para a Imperatriz para lhe contar sobre a vitória.

O exército francês acampou nas colinas que havia tomado durante a batalha; a Guarda armou acampamento entre Solferino e Cavriana; as primeiras duas Unidades permaneceram nas colinas em volta de Solferino; a Terceira ficou em Rebecco e a Quarta em Volta.

Guidizzolo ficou sob o controle dos austríacos até às dez da noite. Sua retirada foi protegida no flanco esquerdo pelo Marechal de campo Von Veigl, e no direito pelo Marechal de campo Benedek, que manteve o domínio sobre Pozzolengo até tarde da noite. Ele protegeu então a retirada dos Condes Stadion e Clam-Gallas, na qual as

Brigadas Koller e Gaal, e o Regimento Reischach saíram-se particularmente bem. As Brigadas Brandenstein e Wussin, sob o comando do Príncipe de Hesse, se dirigiram para Volta, onde ajudaram a artilharia a atravessar o rio Mincio em Borghetto e Valeggio.

Os austríacos que estavam dispersos foram recolhidos e levados para Valeggio; as estradas foram cobertas de equipamentos das diferentes unidades, ou de cortejos de vagões de trens e reservas da artilharia, todos empurrando e se apertando para chegar à passagem para Valeggio o mais rápido possível. Pontes de escoras montadas às pressas permitiram que o trem do Exército fosse salvo. A essa altura, os primeiros destacamentos dos homens levemente feridos estavam começando a chegar a Villafranca. Depois deles foi a vez dos seriamente feridos, e naquela noite triste todos continuavam a chegar aos montes. Os médicos fizeram curativos, deram-lhes um pouco de comida, e enviaram-nos em vagões de trem para Verona, onde o congestionamento ficou horrível. Mas embora ao se retirar, o exército tivesse recolhido todos os feridos que podia carregar nos vagões militares e solicitado carroças, quantos homens desafortunados foram deixados para trás, caídos indefesos no chão áspero em meio ao seu próprio sangue!

Por volta do fim do dia, quando as sombras da noite começaram a cobrir esse imenso rio de carnificina, muitos oficiais e soldados franceses foram procurar por todos os cantos companheiros, compatriotas ou amigos. Se eles encontrassem alguém que conhecessem, se ajoelhariam ao seu lado tentando trazê-lo de volta à vida, apertar a sua mão, estancar o sangramento, ou atar o membro quebrado com

um lenço. Quantas lágrimas silenciosas foram derramadas naquela noite miserável quando todo o orgulho falso, e mesmo toda a decência humana foram esquecidas!

Quando a ação começou, hospitais de campanha foram instalados em propriedades rurais, casas, igrejas e conventos, e até ao ar livre, embaixo das árvores. Aqui, os oficiais que tinham sido feridos de manhã receberam algum tipo de tratamento, e depois deles os soldados e os oficiais subalternos. Todos os cirurgiões franceses demonstraram uma devoção incansável para com o dever; vários não tiveram nenhum descanso por mais de vinte e quatro horas. Dois deles, trabalhando no hospital militar dirigido pelo Doutor Méry, o Cirurgião-chefe da Guarda, tiveram tantas amputações e tantos curativos para fazer que acabariam caindo desmaiados. Em outro hospital militar, um dos colegas deles ficou tão exausto que precisou ser segurado pelos braços por dois soldados para poder trabalhar.

Durante uma batalha, uma bandeira preta tremulando de um ponto no alto costuma ser a maneira habitual de mostrar a localização de postos de primeiros socorros ou de hospitais de campanha militar, e existe um acordo tácito de que ninguém deve disparar naquela direção. Porém, às vezes os obuses atingem mesmo assim esses locais, e seus oficiais intendentess e homens que servem nos hospitais não são mais poupados do que os vagões carregados de pão, vinho e carne para preparar sopa para os feridos. Os soldados feridos que ainda podem andar chegam a esses hospitais por conta própria, mas em muitos casos eles estão tão debilitados pela perda de sangue e pela falta de abrigo que precisam ser carregados em macas ou padiolas.

Depois de todas as fases confusas do gigantesco conflito, ao longo de uma grande extensão de uma terra fragmentada de cerca de 20 quilômetros de comprimento, onde a batalha se desencadeou, soldados oficiais e generais só podiam ter uma vaga noção do resultado dos numerosos combates das tropas. Mesmo enquanto estavam lutando, quase não podiam dizer o que estava acontecendo ao seu lado. Essa ignorância se agravou no exército austríaco pela falta de ordens gerais adequadas e apropriadas.

Todas as colinas entre Castiglione e Volta estavam iluminadas por fogueiras, alimentadas com os restos de caixas de munição austríacas e com os galhos das árvores que tinham quebrados pelos obuses e pela tempestade. Os soldados colocaram suas roupas molhadas para secar em frente às fogueiras, enquanto dormiam próximos, deitados nas pedras ou no chão. Mas ainda não havia descanso mesmo para os que não estavam feridos, pois era preciso sair em busca de água para fazer sopa e café, depois de um longo dia sem comida e descanso.

Quantas experiências angustiantes e decepções! Batalhões inteiros ficaram sem comida; companhias que haviam recebido ordens para deixarem suas mochilas não tinham absolutamente nada. Em alguns alojamentos não havia água, e a sede era tão terrível que os oficiais e os soldados se agachavam para beber de poças lamacentas uma água imunda e cheia de sangue coagulado.

Ao voltar para o campo entre as 22h e a meia-noite, um grupo de hussardos, totalmente exausto depois da fadiga em busca de lenha e água para fazer café, encontrou no caminho tantos homens moribundos que imploravam

por água que acabou esvaziando quase todas suas garrafas d'água para atender às necessidades deles. No entanto, o grupo conseguiu preparar seu café, mas então, assim que ficou pronto, ouviram-se disparos à distância e o alarme soou. Os hussardos montaram rapidamente e cavalgaram na direção dos tiros sem terem tido tempo para tomar o café, que com a pressa acabou derramando. Eles logo descobriram que aquilo que tinham pensado ser o inimigo de volta ao ataque, eram apenas tiros vindos das posições avançadas francesas, e que as sentinelas haviam se enganado e tomado por austríacos alguns de seus próprios soldados que estavam à procura de lenha e água. Depois desse alarme, os fustigados cavaleiros voltaram e se jogaram no chão para dormir a noite inteira sem terem comido nada. No caminho de volta, passaram novamente por muitos homens feridos implorando por água. Um tirolês deitado perto do acampamento continuou a chamá-los, mas não havia água para lhe dar. Na manhã seguinte eles o encontraram morto, com a boca cheia de terra e de espuma nos lábios. Seu rosto inchado estava esverdeado e enegrecido, e ele tinha se contorcido em convulsões terríveis; as unhas em suas mãos contraídas eram como protuberâncias contorcidas.

A tranquilidade da noite foi rompida por gemidos, por suspiros abafados de angústia e sofrimento. Vozes de partir o coração continuaram a clamar por ajuda. Será que alguém poderia descrever as agonias daquela noite terrível?!

Quando o sol nasceu no dia 25, trouxe à tona as mais espantosas visões que se possa imaginar. Corpos de homens e cavalos cobriam o campo de batalha; cadáveres espalhavam-se pelas estradas, pelas valas e desfiladeiros,



*O ataque a Solferino*



*“Numerosas colunas de homens se jogam uns em cima dos outros com a impetuosidade de uma torrente destruidora que leva embora tudo o que encontra...”*

matagais e plantações; as vizinhanças de Solferino estavam literalmente cheias de mortos. As plantações estavam devastadas, os pés de trigo e de milho jaziam no chão, as cercas estavam quebradas, os pomares arruinados; aqui e ali havia poças de sangue. Os vilarejos estavam desertos e traziam as marcas deixadas pelos tiros dos mosquetes, pelas bombas, foguetes, granadas e obuses. As paredes tinham caído e estavam perfuradas de buracos produzidos por balas de canhão. As casas estavam destruídas por crateras, reduzidas a estilhaços e em ruínas, e seus moradores, que tinham se escondido, agachados em porões sem luz ou comida, por quase vinte horas, começavam a sair rastejando, olhando à sua volta, atordoados pelo terror que haviam passado. Em toda Solferino, especialmente no cemitério do povoado, o chão estava cheio de armas espalhadas, mochilas, caixas de cartuchos, latas de ração dos soldados, capacetes, uniformes, cintos, equipamentos de todo tipo, restos de roupas com sangue coagulado e pilhas de armas quebradas.

Os pobres homens feridos que estavam sendo recolhidos durante todo o dia encontravam-se espantosamente pálidos e exaustos. Alguns, os que haviam sido feridos com mais gravidade, tinham um olhar estupefato como se não pudessem compreender o que se lhes dizia; fixavam as pessoas com olhos desbotados, mas seu aparente abatimento não os poupava de sentir dor. Outros estavam nervosos e agitados pela tensão e sofriam de tremores causados por espasmos. Alguns, com feridas abertas que já começavam a mostrar sinais de infecção, estavam quase enlouquecidos de sofrimento. Imploravam para serem arrancados de seu

infortúnio, e contorciam-se com rostos alterados pelas garras da luta contra a morte.

Havia pobres companheiros que não só tinham sido atingidos por projéteis ou derrubados por estilhaços de obuses, mas cujos braços e pernas haviam sido quebrados pelas rodas da artilharia que haviam passado sobre eles. O impacto de um projétil em formato de cilindro estilhaça os ossos em mil pedaços, e os ferimentos desse tipo são sempre muito sérios. Lascas de obuses e balas em formato cônico também provocam dolorosas fraturas angustiantes e, frequentemente, ferimentos internos terríveis. Todos os tipos de estilhaços, pedaços de ossos, restos de roupas, equipamentos, meias e sapatos, sujeira ou pedaços de chumbo costumam piorar a gravidade de um ferimento e duplicar o sofrimento que deve ser padecido.

Qualquer um que atravessasse o grande teatro dos combates do dia anterior poderia ver, a cada passo, em meio a uma confusão caótica, o desespero impronunciável e todo o tipo de desgraça. Alguns regimentos deixaram suas mochilas, e o que havia dentro delas tinha sido roubado pelos camponeses lombardos e pelos homens dos grupos de atiradores de elite argelinos, que pegavam qualquer coisa que estivesse em seu caminho. Assim sendo, a Infantaria Ligeira da Guarda havia deixado suas mochilas perto de Castiglione, para que pudessem marchar rapidamente quando fossem ajudar a Divisão Forey a atacar Solferino. Eles combateram o dia todo, avançando ainda mais, e finalmente passaram a noite perto de Cavriana. No amanhecer do dia seguinte voltaram para buscar suas mochilas, mas encontraram-nas vazias; tudo o que carregavam fora roubado à noite. A perda

foi cruel para esses pobres soldados. Suas roupas íntimas e uniformes estavam sujos e manchados, surrados e rasgados, e agora descobriam que toda a sua roupa tinha sumido, talvez suas pequenas economias tinham-se ido junto, além de coisas de valor sentimental que lhes faziam pensar em casa ou na família – objetos recebidos das mães, das irmãs ou das namoradas. Os saqueadores roubavam até dos mortos, e nem sempre se importavam se suas pobres vítimas feridas ainda estavam vivas. Os camponeses lombardos pareciam cobiçar especialmente as botas, e arrancavam-nas sem piedade dos pés inchados dos mortos.

Havia cenas solenes e episódios patéticos, além desses incidentes pavorosos. O velho General Le Breton corria de um lado para o outro à procura de seu genro, o General Douay. Ele tinha deixado sua filha, a Senhora Douay, em meio às cenas de uma confusão selvagem, a algumas milhas de distância, em um estado de terrível ansiedade. Aqui o Tenente-coronel de Neuchèze jazia morto; ele foi morto quando estava para assumir o comando, depois de ter visto seu chefe, o Coronel Vaubert de Genlis, ser derrubado de seu cavalo gravemente ferido. Uma bala atingiu o coração de Neuchèze. O coronel Genlis estava com febre alta, e somente agora estava recebendo os primeiros socorros; ao lado dele jazia o Segundo-tenente de Selve de Sarran, da Artilharia da Cavalaria, que acabara de deixar Saint-Cyr por um mês e iria perder seu braço direito. Aqui também se encontrava o pobre Sargento-ajudante da Infantaria Ligeira Vincennes, com as duas pernas atingidas por tiros. Eu iria encontrá-lo de novo no hospital em Brescia, e depois novamente no trem de Milão para Turim. Morreu em consequência dos seus

ferimentos no Túnel Mont-Cenis. O Tenente de Guiseul, que se acreditava estar morto, foi descoberto onde havia caído; estava inconsciente e ainda segurava sua bandeira. Perto dali, no meio de uma multidão de mortos – lanceiros austríacos e homens da Infantaria, turcos e zuavos – jazia o corpo de um oficial muçulmano, Larbi ben Lagdar, em seu elegante uniforme oriental. O rosto escuro e castigado pelo mau tempo do Tenente dos Atiradores de Elite Argelinos estava pousado sobre o peito de um capitão ilírico cuja túnica ainda brilhava em perfeita brancura. Essas pilhas de destroços humanos exalavam fedor de sangue.

O Coronel de Maleville, que fora ferido lutando heroicamente em Casa Nova, agora dava os últimos suspiros; o Major Pongibaud morreu durante a noite passada e foi enterrado. Eles encontraram o corpo do jovem Conde de Saint Paër, que tinha ascendido ao comando de seu batalhão apenas uma semana antes. O Segundo-tenente Fournier, da Infantaria Ligeira da Guarda, fora gravemente ferido no dia anterior; agora sua carreira militar estava encerrada. Ele tinha apenas vinte anos e havia se incorporado como voluntário aos dez anos; aos onze se tornou cabo; aos dezesseis Segundo-tenente. Estivera em duas campanhas na África e durante a Guerra da Crimeia foi ferido em Sebastopol.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> O Segundo-tenente Jean-François Fournier nasceu em Metz, em 6 de fevereiro de 1836. Alistou-se como voluntário na Legião Estrangeira em 4 de junho de 1849, e foi para a Argélia. Designado cabo em 6 de abril de 1850; sargento em 1 de abril de 1851; cabo oficial-intendente em 11 de julho de 1852, e sargento oficial-intendente em 1854. Foi para a Guerra da Crimeia como sargento-ajudante em 1855-56, e recebeu a patente de Segundo-tenente no 42º Regimento da Linha em 20 de novembro de 1855. Foi transferido para o Segundo Regimento da Infantaria Leve da Guarda em 13 de outubro de 1856, com o mesmo posto. Foi ferido mortalmente em 24 de junho de 1859 e morreu em 25 de junho.

O último portador de um dos mais gloriosos nomes do Primeiro Império morreria em Solferino – Tenente-coronel Junot, Duque de Abrantès, Chefe do Estado-maior do antigo comandante militar de Constantinopla, o bravo General de Faily.

A falta de água era sentida de forma cada vez mais aguda; as valas para drenagem estavam secando e os soldados tinham em geral apenas água poluída e salobra para aplacar a sede. Onde quer que fossem encontradas nascentes, sentinelas armadas ficavam postadas para salvaguardar a água para os enfermos. Perto de Cavriana, um pântano que tinha apodrecido serviu para abastecer de água durante dois dias vinte mil cavalos da artilharia e da cavalaria. Depois de vagar a noite toda, alguns animais feridos, sem cavaleiros, se arrastaram para onde estavam os outros cavalos como se estivessem pedindo a ajuda deles, e foram alvejados a tiros para que ficassem livres da sua penúria. Um cavalo de batalha imponente, com um lindo arreio, ficou perdido no meio de um destacamento francês; o alforje que ele carregava ainda estava fixo na sela. Continha cartas e objetos que revelavam que ele devia ter pertencido ao valente Príncipe de Isenburg. Teve então início uma busca pelo dono e o Príncipe austríaco foi encontrado entre os corpos dos mortos, ferido e inconsciente por causa da perda de sangue. Mas ele foi imediatamente tratado pelos cirurgiões franceses e finalmente pôde ir para casa para ficar com sua família. Eles imaginavam que o Príncipe já tivesse morrido e estavam se vestindo de luto havia várias semanas.

Alguns dos soldados que jaziam mortos tinham uma expressão plácida; eram aqueles que tinham morrido imediatamente. Mas muitos estavam desfigurados pelos

tormentos da luta contra a morte, seus membros estavam retesados, seus corpos cobertos por manchas horripilantes, suas mãos agarradas ao chão, seus olhos bem arregalados, seus bigodes eriçados em cima dos dentes cerrados desvelados por um sinistro sorriso convulsivo e nada natural.

Demorou três dias e três noites para enterrar os mortos no campo de batalha<sup>5</sup>, mas numa área tão ampla muitos corpos que jaziam em valas, em trincheiras, ou que estavam ocultos debaixo de arbustos ou montes de terra só foram encontrados muito mais tarde; eles e os cavalos mortos exalavam um fedor medonho.

No exército francês um determinado número de soldados de cada companhia foi destacado para identificar e enterrar os mortos. Geralmente eles recolhiam os homens de suas próprias unidades. Pegavam o número do regimento nos pertences dos homens mortos, e então, com a ajuda de camponeses lombardos pagos para esse propósito, colocavam os corpos, vestidos, em uma sepultura comum. Infelizmente, na pressa para terminar o trabalho, e por causa da falta de cuidado e da total negligência de alguns dos camponeses, temos todos os motivos para acreditar que mais de um homem vivo foi enterrado com os mortos. As condecorações, o dinheiro, os relógios de pulso, cartas e documentos encontrados com os oficiais foram enviados mais tarde para suas famílias, mas nem sempre foi possível cumprir essa tarefa de maneira adequada, com um número tão grande de corpos a serem enterrados.

<sup>5</sup> Após 24 de junho de 1859, durante três semanas, soldados mortos de ambas as armas foram recolhidos do campo de batalha. Já se afirmou, erroneamente, que apenas um dia, 25 de junho, tenha sido suficiente para encontrar e recolher todos os franceses e austríacos feridos. Isto é absolutamente inverídico.

Um filho idolatrado por seus pais, criado e tratado com carinho durante anos por uma mãe amável que tremia alarmada com a sua mais leve enfermidade; um oficial brilhante, amado por sua família, com uma esposa e filhos em casa; um soldado jovem que havia deixado a namorada ou a mãe, as irmãs ou o pai idoso, para ir à guerra; todos jazem estirados na lama e na poeira, encharcados em seu próprio sangue! O bonito rosto varonil é impossível de ser reconhecido, porque a espada ou o tiro o desfiguraram. O homem ferido agoniza, morre, e seu querido corpo, escurecido, inchado e deteriorado, será logo jogado tal como está em uma sepultura cavada até a metade, com apenas algumas pazadas de cal e terra em cima! As aves de rapina não terão dó daquelas mãos e pés quando, à medida que a terra molhada secar, eles despontarem do monte de lama que é o túmulo. Talvez alguém volte mais tarde, jogue mais terra em cima, monte uma cruz de madeira em cima do local de repouso – e isso será tudo!

Corpos austríacos jazem aos milhares nas colinas e trincheiras, nos topos dos montes de terra, espalhados em pequenos bosques e matas, ou nas plantações e planícies de Medola.

Os grandes casacos sombrios e enlameados, ou as dólmas brancas de outrora, estavam agora tingidas de vermelho com sangue, enxameadas de bandos de moscas gananciosas, e aves de rapina pairavam sobre os cadáveres em putrefação, esperando por um banquete. Os corpos estavam empilhados às centenas em grandes valas comuns.

Quantos jovens húngaros, boêmios, ou romenos, alistados apenas algumas semanas antes, tinham se jogado no

chão, exaustos e famintos, assim que se encontravam fora do alcance das armas, para nunca mais levantar! Alguns estavam apenas levemente feridos, mas tão enfraquecidos pela perda de sangue que morriam tristemente de cansaço e fome.

Entre os prisioneiros austríacos, alguns estavam aterrorizados porque alguém pensara que seria conveniente lhes dizer que os franceses, especialmente os zuavos, eram demônios impiedosos. De fato, quando alguns deles chegaram a Brescia e viram as árvores ao longo da calçada na cidade, perguntaram seriamente se aquelas seriam as árvores de onde eles seriam enforcados. Vários, ao verem como os soldados franceses pareciam ser bondosos, lhes retribuíram das mais estranhas maneiras – pobres companheiros cegos e ignorantes! Na manhã de sábado, um carabineiro francês viu um austríaco que jazia no chão em um estado deplorável, e foi até ele com um cantil de água para lhe dar de beber. O austríaco não podia acreditar que ele lhe queria o bem, e pegando o mosquete que estava ao seu lado, atingiu o francês com a soleira com toda a força que ainda lhe restava. O carabineiro caridoso ficou com o calcanhar e a perna contundidos. Um Granadeiro da Guarda foi recolher outro austríaco ferido gravemente. O homem conseguiu pegar uma pistola carregada que estava ao seu lado e atirou à queima-roupa naquele que o socorria.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Em Marignan, uma sentinela sarda de plantão em um posto avançado foi surpreendida por um destacamento de soldados austríacos; eles lhes arrancaram os olhos, assim o disseram, para que nas próximas vezes ficasse mais atento. Um soldado extraviado dos Bersaglieri também caiu nas mãos de um grupo de austríacos, que cortaram seus dedos e depois o libertaram, dizendo-lhe em italiano: “Vá embora e consiga uma aposentadoria para você!” Esperemos que essas duas atrocidades (que são verdadeiras) tenham sido quase as únicas desse tipo cometidas durante a campanha italiana.

“Não fique surpreso pelo rigor e grosseria dos nossos soldados”, disse-me um oficial austríaco, “temos selvagens dos mais distintos cantos do Império; resumindo, temos verdadeiros bárbaros no nosso exército.”

Alguns soldados franceses tinham intenção de lançar represálias contra um grupo de prisioneiros que, por engano, pensaram que fosse croata, dizendo furiosamente que “aqueles homens de calças justas”, como os chamavam, sempre matavam os feridos. Na realidade, os prisioneiros eram húngaros. Eles usam um uniforme parecido ao dos croatas, mas são muito menos cruéis. Consegui explicar essa diferença para os soldados franceses e em afastar os húngaros deles; os pobres húngaros tremiam de medo. No entanto, na maioria das vezes, com muito poucas exceções, o sentimento dos franceses em relação aos seus prisioneiros era de boa vontade; por isso alguns oficiais austríacos tinham permissão de guardar suas espadas ou sabres, graças à cortesia dos comandantes do exército francês. Eles recebiam a mesma comida dos oficiais franceses, e seus feridos eram tratados pelos mesmos médicos. Um deles teve até autorização para trazer seus pertences. Muitos soldados franceses dividiam suas rações fraternalmente com os prisioneiros que estavam morrendo de fome; outros carregavam nas costas os feridos do exército inimigo para os hospitais de campo e prestavam-lhes todo tipo de cuidado, mostrando uma devoção notável e uma profunda compaixão. Os próprios oficiais franceses cuidavam dos soldados austríacos; um deles atou a cabeça ferida de um tirolês com seu próprio lenço, porque o homem não tinha nada além de um pedaço de trapo velho banhado em sangue.

Eu poderia citar um número infinito de ações e incidentes isolados para provar o caráter sublime do exército francês e a coragem de seus homens e oficiais, mas também deve ser mencionada a humanidade dos soldados da cavalaria.<sup>7</sup> A sua amabilidade e clemência em relação aos inimigos derrotados ou capturados eram tão distintas quanto a sua bravura e brio. É um fato reconhecido que os soldados realmente excelentes são bondosos e educados, tal como são quaisquer pessoas realmente extraordinárias; geralmente os soldados franceses não são apenas amáveis, mas também corteses e generosos. Eles merecem o elogio do General Von Salm, que foi feito prisioneiro pelos franceses na Batalha de Nerwinde, e foi tratado com toda a gentileza pelo Marechal de Luxemburgo. Ele disse para o Cavaleiro

<sup>7</sup> Os soldados franceses foram os que demonstraram o maior respeito por todos os bens da população do país. O seu sentido de disciplina, a sua gentileza e o bom comportamento durante a Guerra Italiana merecem muitos elogios.

Discursos como aqueles do Marechal Regnaud de Saint-Jean d'Angely ou do General Trochu merecem ser transcritos aqui e refletem a honra daqueles homens que os dedicavam a seus soldados.

“Na campanha militar que está começando”, disse o General Trochu em seu discurso de 4 de maio de 1859, em Alexandria, e lido, em desfile, para todas as companhias da sua Divisão, “vamos confrontar com fervor os mais difíceis testes com que podemos nos deparar, e eles já começaram. Seremos disciplinados, e nos adequaremos aos regulamentos, que eu devo impor sem flexibilidade. No dia da batalha não permitiremos que os corajosos sejam mais corajosos do que nós. Não vamos esquecer de que os nativos dessa terra são nossos aliados; vamos respeitar os costumes deles, os seus bens e as pessoas. Vamos travar guerra de forma humana e civilizada. Se fizermos isto, nossos esforços serão honrados, Deus vai abençoá-los, e eu que vos comando vou considerar meu título de Comandante da Segunda Divisão o mais nobre da minha carreira.”

Em 18 de maio de 1859, em Marengo, o Marechal Regnaud de Saint-Jean d'Angely dirigiu essas palavras para a Guarda Imperial: “Soldados da Guarda... Vocês darão para o exército um exemplo de galhardia no perigo, de ordem e disciplina na marcha, de dignidade e moderação no país em que estão empenhados em combate. A memória de suas próprias famílias vos fará ter consideração para com a população do país e manterá vivo o seu respeito pela propriedade, e podem ter a certeza de que a vitória vos espera.”

du Rozel: “Que nação vocês são! Combatem como leões, e quando vencem seus inimigos, tratam-nos como se eles fossem seus melhores amigos!”

O Departamento do Oficial-intendente continuava a recolher os feridos e a transferi-los para os hospitais de campo em macas ou em cadeiras amarradas nas selas das mulas – tanto aqueles cujos ferimentos tivessem sido tratados quanto aqueles cujas feridas ainda não tivessem recebido cuidados. De lá, eles eram enviados para a cidade ou centro mais próximo do lugar onde tinham sido feridos ou encontrados. Toda igreja, convento, casa, praça pública, pátio, rua ou itinerário nesses vilarejos era transformado em um hospital temporário. Muitos pacientes eram levados para Carpenedolo, Castel, Goffredo, Medola, Guidizzolo e Volta, e ainda para todos os lugares das vizinhanças, mas o maior número ia para Castiglione, para onde os feridos menos graves haviam conseguido se arrastar por conta própria.

A longa procissão de carroças ia chegando, elas estavam repletas de soldados, oficiais sem patente, e até com patente, todos os postos hierárquicos estavam misturados; homens da cavalaria, da infantaria, da artilharia; todos sangrando, exaustos, dilacerados, e cobertos de pó. Depois chegaram as mulas; trotavam de tal forma que os pobres feridos que carregavam gritavam várias vezes de dor. Um homem tinha a perna fraturada, e ela parecia quase totalmente separada de seu corpo, de forma que cada solavanco da carroça tornava seu sofrimento ainda mais agonizante. Outro tinha um braço quebrado que ele segurava e protegia com o que estava bom. Um cabo, cujo braço fora perfurado pelo bastão de um fogueiro Congreve, arrancara sozinho o

bastão, e usara-o para servir-lhe de apoio na caminhada até Castiglione. Alguns morreram no meio do caminho e seus corpos foram largados às margens da estrada para serem enterrados mais tarde.

Os feridos deveriam ser enviados de Castiglione para os hospitais em Brescia, Cremona, Bergama e Milão, a fim de serem regularmente tratados, ou passarem por amputações, caso fosse necessário. Mas os austríacos tinham requisitado e transferido todas as carroças que havia nas redondezas, e como os meios de transporte do Exército Francês eram absolutamente insuficientes para um número tão grande de feridos, foi preciso deixá-los esperando nos hospitais de campo por dois ou três dias antes que pudessem ser levados para Castiglione. A aglomeração em Castiglione<sup>8</sup> se tornou algo impronunciável. A cidade foi totalmente transformada em um grande hospital improvisado para os franceses e os austríacos. Na sexta-feira, a sede do hospital foi montada ali, e os vagões cheios de gases, equipamentos e remédios tinham sido descarregados. Os moradores da cidade deram todos os cobertores, toda a roupa de cama e colchões que tinham de reserva. O hospital de Castiglione, a Igreja, o mosteiro de São Luís e as casernas, a Igreja dos Capuchinhos, as casernas da polícia, as igrejas de San Maggiore, San Giuseppe e Santa Rosalia, todos ficaram

<sup>8</sup> Castiglione della Stiviere, a cerca de dez quilômetros ao sudeste de Brescia, tem uma população de cerca 5.300 habitantes. Foi diante de Castiglione que, em 5 de agosto de 1796, com o Exército da Itália, o General Bonaparte conseguiu uma importante vitória sobre o Marechal de campo Wurmaser. Isto aconteceu dois dias depois que a cidade foi tomada pelo General D'Augereau. Perto de Castiglione, no Chiese, o Duque de Vendôme tinha derrotado o Marechal von Reventlow, que comandava as Tropas Imperiais na ausência do Príncipe Eugene, na Batalha de Calcinato, em 19 de abril de 1706.

lotados de feridos, amontoados e com nada, além de palha no chão, para se deitarem em cima. A palha também tinha sido espalhada nas ruas, nos pátios e nas praças, e aqui e ali foram instalados alguns abrigos de madeira ou estendidos peças de tecidos, de forma que os feridos que surgiam de todas as direções pudessem ter uma pequena proteção do sol. As casas particulares foram rapidamente tomadas; os proprietários mais abastados recebiam oficiais e soldados, e se ocupavam em prover do mínimo que podiam para aliviar a sua dor. Alguns corriam pelas ruas desenfreadamente, procurando por um médico para seus hóspedes. Outros iam, agitados, de um lado para o outro na cidade, suplicando para que os mortos fossem recolhidos de suas casas, porque não sabiam como se livrar deles. O Doutor Bertherand, que estava fazendo amputações em Castiglione desde sexta-feira de manhã, exerceu seus excelentes serviços para muitos oficiais de destaque que foram levados para lá, entre eles os Generais de Ladmirault, Dieu, e Auger, e os Coronéis Broutta e Brincourt. Outros dois cirurgiões-chefe, o Doutor Leuret e o Doutor Haspel, dois médicos italianos e os cirurgiões-assistentes Riolacci e Lobstein colocaram talas e fizeram curativos durante dois dias. Não descansaram de sua tarefa penosa mesmo durante a noite.

O General Auger, da Artilharia, foi primeiro levado para Casa Morino, onde tinha sido instalada a sede do hospital para as unidades do Marechal Mac-Mahon, às quais ele pertencia, porém, mais tarde foi levado para Castiglione. Este excelente oficial tivera seu ombro esquerdo fraturado por uma bala que ficou impregnada profundamente nos músculos da axila e ficou lá por vinte e quatro horas. Ele

morreu no dia 29, em consequência de uma operação que incluiu a remoção do membro, a fim de retirar a bala, mais o ferimento virou uma gangrena.

No sábado, o número de comboios de feridos aumentou tanto que as autoridades locais, os moradores da cidade e os soldados que ainda permaneciam em Castiglione eram absolutamente incapazes de lidar com todo o sofrimento. Começaram a acontecer cenas tão trágicas quanto aquelas da véspera, embora de tipo muito diferente. Havia água e comida, mas mesmo assim os homens morriam de fome e sede; também havia bastante gaze, mas não mãos suficientes para fazer curativos; a maioria dos médicos do exército precisava seguir para Cavriana, faltavam ordenanças especializados em serviços médicos, e nesse momento crítico não existia nenhuma ajuda. De uma forma ou de outra era necessário organizar um serviço voluntário, mas isso era muito difícil em meio a tanta confusão; e pior ainda, uma espécie de pânico tomou conta da população de Castiglione, aumentando desastrosamente a terrível condição dos feridos, deixando-os agitados.

Esse pânico fora provocado por um incidente na verdade bastante insignificante. À medida que cada unidade do exército francês se realinhava e reorganizava, no dia seguinte à batalha, comboios de prisioneiros eram formados e marcharam para Brescia através de Castiglione e Montechiero. Um desses destacamentos de prisioneiros, escoltado pelos hussardos, estava se deslocando de Cavriana para Castiglione à tarde. Os moradores locais, vendo-os aproximarem-se de longe, pensaram, por equívoco, que se tratasse de uma unidade do exército austríaco que estivesse



*Castiglione delle Stiviere (Chiesa maggiore)*



*“Procurei organizar o melhor que pude o socorro nos abrigos onde parecia faltar mais, e adotei particularmente um das igrejas de Castiglione, em um ponto culminante que fica à esquerda vindo de Brescia; acho que o batizei de Chiesa Maggiore. Quase quinhentos soldados estavam lá, amontoados na igreja, e outros cem encontravam-se deitados sobre a palha que tinha sido colocada em frente ao templo...”*

voltando. A notícia foi espalhada pelos camponeses, pelos maquinistas suplementares no trem de carga do exército, e pelos pequenos mascates que geralmente acompanham os soldados numa campanha militar; e apesar do absurdo e da improbabilidade dessa informação, as pessoas da cidade pensaram que fosse verdade quando viram essas criaturas se inserirem no meio da população arfando com terror. As casas foram imediatamente fechadas, seus moradores se protegeram dentro com barricadas, queimaram as bandeiras tricolores que decoravam suas janelas, e se esconderam em seus porões ou sótãos. Alguns fugiram para os campos de plantação com as esposas e os filhos, carregando seus objetos de valor. Outros, um pouco menos nervosos, ficaram em casa, mas rapidamente puseram para dentro o primeiro austríaco ferido que encontraram estendido nas ruas, e prontamente começaram a dar atenção e a prestar-lhes socorros. Nas ruas e nas estradas, cheias de hospitais ambulantes se deslocando para Brescia, com suprimentos de comida que chegavam para o exército de lá, os vagões de equipamentos eram rebocados à alta velocidade, os cavalos fugiam em todas as direções em meio aos choros de medo e aos berros de raiva, as carretas de artilharia que transportavam equipamentos eram emborcadas, e os carregamentos de biscoitos eram jogados nos fossos ao lado da estrada. Finalmente, os maquinistas extras, aterrorizados, desarream seus cavalos e foram galopando pela estrada para Montechiero e Brescia, semeando pânico à medida que passavam, e provocando um tumulto impronunciável, colidindo com as charretes carregadas de comida e pão, que eram regularmente enviadas pela administração civil de Brescia para o campo

do Exército Aliado, atingindo tudo o que encontravam na sua fuga, e pisoteando os feridos que lhes gritavam implorando que os recolhessem. Muitos homens feridos, surdos a todas as admoestações, rasgavam seus curativos e saíam cambaleando das igrejas para as ruas, sem uma ideia clara de onde poderiam ir.

Ó, a agonia e o sofrimento durante aqueles dias; 25, 26 e 27 de junho! Os ferimentos infeccionaram com o calor e a poeira, a falta d'água e a falta de cuidados adequados, e ficaram cada vez mais dolorosos. Odores fétidos contaminavam o ar, apesar das tentativas louváveis das autoridades de manter as áreas hospitalares em condições higiênicas. A cada quinze minutos, os comboios traziam um novo contingente de homens feridos para Castiglione, e a carência de assistentes, ordenanças e ajudantes foi duramente sentida. A despeito da atividade de um médico militar e de duas ou três pessoas, na organização do transporte para Brescia em carro de boi, e apesar da ajuda espontânea conferida pelos donos de carruagens em Brescia, que vieram buscar os oficiais pacientes com suas carruagens, os casos não podiam ser evacuados com a mesma rapidez com que chegavam os novos, e o congestionamento piorava cada vez mais.

Homens de todas as nações estão estendidos nos pisos de laje das igrejas de Castiglione – franceses, árabes, alemães e eslavos. Todos estavam pela primeira vez enfileirados, juntos e próximos, dentro das capelas, e não tinham mais forças para se mexer, ou se tivessem não havia espaço para fazê-lo. Juramentos, maldições e súplicas que não podem ser descritos por palavras ressoavam das abóbadas dos edifícios sagrados.

“Ó, Senhor, estou numa aflição tão grande!” disseram-me vários desses pobres companheiros, “eles nos abandonaram, deixam-nos morrer em meio a tanto sofrimento, mas nós combatemos tanto!” Eles não podiam descansar, embora estivessem extenuados e não tivessem dormido por várias noites. Clamavam por um médico em meio àquele infortúnio, e contorciam-se em convulsões desesperadas que acabavam em tétano e morte. Alguns dos soldados acharam que a água fria despejada em ferimentos já infeccionados fazia surgir vermes, e por causa deste motivo absurdo se recusavam a permitir que seus curativos fossem umedecidos. Outros, que tiveram a sorte de receberem imediatamente curativos em seus ferimentos, nos hospitais de campo, não os tinham trocados por novos em Castiglione durante a sua estadia obrigatória na cidade; as ataduras apertadas que haviam sido colocadas para ajudá-los a aguentar os solavancos da estrada não foram substituídas ou afrouxadas e esses homens estavam passando por verdadeiras torturas.

Com os rostos enegrecidos pelas moscas que se apinhavam em seus ferimentos, os homens as olhavam fixamente, com seus olhos selvagens e desamparados. Outros não eram nada mais que uma massa corpórea dominada pelos bichos e vermes; uma mistura confusa de casaco e camisa e carne e sangue. Muitos tremiam com a ideia de serem devorados pelos vermes, e pensavam que podiam vê-los saindo de seus corpos (ao passo que eles realmente vinham das miríades de moscas que infestavam o ar). Havia um pobre homem, completamente desfigurado, com o maxilar quebrado e a língua inchada pendurada para fora da boca. Ele estava tossindo e tentando se levantar.

Umedeci seus lábios secos e a língua endurecida, peguei um bocado de gaze e mergulhei-o no balde que estavam carregando atrás de mim, e espremi a água dessa esponja improvisada no abscesso deformado que havia na sua boca. Outro homem em estado deplorável tivera uma parte do rosto – nariz, lábios e queixo – arrancados por um corte de sabre. Ele não podia falar, e jazia ali, meio cego, fazendo com as mãos acenos de partir o coração e emitindo sons guturais para atrair a atenção. Dei-lhe de beber e joguei um pouco de água fresca em seu rosto ensanguentado. Um terceiro, com uma grande fratura no crânio, estava morrendo, cuspidos seus miolos no chão de pedra. Seus companheiros, que também sofriam, chutavam-no para tirá-lo do caminho, pois ele impedia a passagem. Pude protegê-lo nos últimos momentos da sua vida, e com um lenço cobri sua cabeça, que mal se movia ainda.

Embora toda casa tivesse se tornado uma enfermaria, e toda família tivesse muito que fazer para cuidar dos oficiais feridos que estavam sendo atendidos dentro de suas casas, no domingo de manhã consegui reunir certo número de mulheres que ajudaram o melhor que puderam nos esforços para ajudar os feridos. Não era uma questão de amputações ou operações de nenhum tipo. Porém, a comida, e acima de tudo, a água, precisava ser levada para os homens que estavam morrendo de fome e sede; e então seus ferimentos poderiam receber curativos e seus sangramentos, lamacentos, e os corpos, cobertos de chagas, poderiam ser lavados; tudo isso em meio a uma atmosfera atroz e imunda, em meio a odores asquerosos e infames, com lamentos e gritos aflitos por todos os lados!

Em breve foi formado um grupo de socorristas voluntários. As mulheres lombardas foram ajudar primeiro aqueles que gritavam mais alto – nem sempre os piores casos. Tentei organizar o melhor que pude o socorro nos locais onde parecia faltar mais, e adotei especialmente uma das igrejas de Castiglione, que ficava em um cume à esquerda no sentido Brescia-Castiglione. Acho que a batizei com o nome de Chiesa Maggiore. Quase quinhentos soldados estavam lá, amontoados na igreja, e mais uma centena jazia sobre a palha, em frente à igreja, com pedaços de lonas para protegê-los do sol. As mulheres entraram nas igrejas e atenderam um homem de cada vez, com jarras e cantis cheios de água pura para saciar a sua sede e umedecer suas feridas. Algumas dessas enfermeiras improvisadas eram moças bonitas e charmosas. A sua gentileza e bondade, o seu olhar choroso e piedoso, e o seu cuidado atencioso ajudaram a despertar um pouco de coragem entre os pacientes. Os meninos das vizinhanças corriam de um lado para o outro entre as igrejas e as fontes de água mais próximas, com baldes, cantis e regadores.

A distribuição de água foi seguida pela repartição de sopa e caldo de carne, obrigando os homens a serviço do oficial intendente a preparar esses pratos em enormes quantidades. Grandes pacotes de gazes foram colocados em pontos diferentes, de forma que qualquer um pudesse usá-los à vontade, mas não havia ataduras, roupa íntima e camisas. Os recursos eram tão limitados nessa pequena cidade onde o Exército Austríaco tinha passado, que até os produtos de primeira necessidade não podiam ser obtidos. Não obstante, consegui comprar algumas camisas novas

por intermédio das mulheres bondosas que já tinham trazido e dado para mim toda a sua velha roupa de cama. Na segunda-feira de manhã enviei meu cocheiro para Brescia a fim de buscar provisões. Ele voltou algumas horas mais tarde com a carruagem carregada de camomila, malva, flores de sabugueiro, laranjas, limões, açúcar, camisas, esponjas, ataduras de linho, pregadores de roupa, tabaco e charutos. Isto permitiu fazer uma limonada refrescante, à qual os homens ansiavam, além de lavar suas feridas com água de malva, aplicar compressas quentes, e trocar os curativos. Nesse meio tempo, conseguimos alguns novos recrutas; primeiro um ex-oficial naval e depois um casal de turistas ingleses que entrou na igreja por curiosidade, e que pegamos e seguramos conosco praticamente à força. Por outro lado, outros dois ingleses demonstraram, desde o início, a máxima vontade de ajudar, e distribuíram charutos entre os austríacos. Também tivemos ajuda de um padre italiano, de dois ou três viajantes e transeuntes que passavam por ali, de um jornalista parisiense (que mais tarde assumiu a responsabilidade pelos trabalhos de socorro em outra igreja próxima), e de alguns oficiais cujo destacamento recebera ordens para ficar a postos em Castiglione.

Em breve um deles perceberia que aquele cenário lhe fazia mal, e, um por um, nossos outros socorristas voluntários nos deixaram; eles não podiam mais suportar assistir àquele sofrimento todo, e ver que podiam fazer tão pouco para trazer alívio. O padre seguiu os demais, mas voltou atrás, e solícitamente trouxe ervas aromáticas e frascos de sal para que puséssemos debaixo dos nossos narizes.

Um jovem turista francês, vencido pela visão da

devastação humana diante de seus olhos, irrompeu em soluços repentinos. Um comerciante de Neuchâtel se dedicou dois dias inteiros a fazer curativos, e a escrever cartas de despedida dos homens moribundos para suas famílias. Para a sua própria segurança, foi necessário refrear seu entusiasmo, e também precisamos acalmar a compreensível exaltação de um belga, que crescera tanto a ponto de temermos que ele pudesse ter um acesso de febre alta, como acontecera a um Segundo-tenente que havia se juntado a nós na chegada de Milão, a caminho para o seu regimento.

Alguns dos soldados do destacamento mantidos na defesa da cidade tentaram ajudar seus companheiros, mas eles também não podiam suportar um espetáculo que se abatia sobre o seu moral, deixando uma marca demasiado profunda em sua mente.

Um cabo engenheiro, que fora ferido em Magenta e estava praticamente curado de seus ferimentos (estava voltando agora para o seu batalhão, e seus superiores lhe deram alguns dias de folga) veio conosco, e nos ajudou corajosamente, embora tenha desmaiado duas vezes seguidas. O Oficial-intendente francês, que havia acabado de assumir seu quartel em Castiglione, finalmente autorizou o uso de prisioneiros sem ferimentos nos serviços hospitalares; e três médicos austríacos vieram ajudar um jovem cirurgião militar corso que me pediu várias vezes um certificado em que estivesse incluído o entusiasmo com que eu tinha visto seu trabalho. Um cirurgião alemão, que por vontade própria tinha ficado no campo de batalha para colocar ataduras nos ferimentos de seus compatriotas, se dedicou aos feridos de ambos os exércitos.

Em reconhecimento a essa iniciativa, o departamento do Oficial-intendente enviou-o de volta para se juntar aos austríacos em Mântova, três anos mais tarde.

“Não me deixem morrer!” – clamariam alguns desses pobres companheiros, e então pegando repentinamente minha mão com um vigor extraordinário, sentiam o ataque de força deixá-los, e morriam. Um jovem cabo chamado Claudius Mazuet, de cerca de vinte anos, com um jeito dócil, tinha uma bala no flanco esquerdo. O caso dele não tinha esperança e ele estava totalmente consciente disso. Quando o ajudei a beber água, ele me agradeceu e acrescentou com lágrimas nos olhos: “Ó, Senhor, se o senhor pudesse escrever para o meu pai para consolar minha mãe!” Tomei nota do endereço dos pais e um momento depois ele deixou de viver.<sup>9</sup> Um velho sargento, com vários galões na manga, por serviços prestados, me disse com a maior surpresa, convictamente, e com uma fria amargura: “Se tivessem me procurado antes, talvez eu sobrevivesse, mas agora até esta noite devo estar morto!” À noite ele estava morto.

“Não quero morrer, não quero morrer!” gritava ardentemente um Granadeiro da Guarda. Esse homem que, três dias antes, era o retrato da saúde e da força, agora estava ferido à morte. Percebeu totalmente que suas horas estavam inexoravelmente contadas, e se empenhou e lutou contra aquela certeza cruel. Conversei com ele, e ele me escutou. Permitiu ser tranquilizado, consolado e confortado, para finalmente morrer com a simplicidade digna de uma criança.

<sup>9</sup> Os pais moravam na Rue d'Alger, 3, em Lyon, e esse jovem rapaz que entrara para o exército como voluntário era seu único filho. A única notícia que receberam dele foi aquela que eu lhes dei. Assim como muitos outros, seu nome aparecia entre os “desaparecidos”.

Na ponta da igreja, no nicho à esquerda do altar, um soldado da Infantaria Leve Africana estava deitado na palha, sem pronunciar nenhuma queixa e quase não se mexendo mais. Ele fora atingido por três tiros: um no flanco direito, um no ombro esquerdo, e o terceiro na perna direita, onde ficou. Era domingo à noite, e disse que não havia tido nada para comer desde sexta-feira de manhã. Era um espetáculo revoltante; ele estava coberto de lama seca e sangue coagulado, suas roupas estavam rasgadas e a camisa reduzida a trapos. Lavamos as suas mãos e lhe demos um pouco de sopa, e eu o cobri com um cobertor. Ele levou minha mão para seus lábios com uma expressão de impronunciável gratidão. Na entrada da igreja havia um húngaro que nunca parava de chamar, implorando por um médico em um italiano sofrível. Uma explosão de metralha havia atravessado suas costas, que pareciam como se tivessem sido cortadas com garras de aço, trazendo à tona uma grande área de palpitante carne vermelha. O resto de seu corpo inchado estava todo enegrecido e esverdeado, e ele não conseguia uma posição confortável para se sentar ou deitar. Umedeci uma boa quantidade de gaze em água fria e tentei colocar debaixo dele, mas em pouco tempo a gangrena levou-o embora.

Perto dali havia um zuavo que chorava copiosamente e precisou ser consolado como uma criancinha. A fadiga que se seguia aos esforços que eles faziam, e a falta de comida e de descanso, acrescidas à agitação mórbida e ao medo de morrer sem nenhuma ajuda, chegavam a este nível mesmo entre os soldados que não conheciam o medo; era um estado de nervosismo e emoção que os levava a explodir em gemidos e soluços. Uma de suas principais preocupações,

quando a dor não era tão pavorosa, era a lembrança das mães, e o medo do desgosto que elas sentiriam quando escutassem o que havia acontecido com elas. No corpo de um jovem rapaz foi encontrada, pendurada em seu pescoço, a miniatura de uma senhora idosa que, sem dúvida, era a mãe dele. Sua mão esquerda ainda parecia apertar a miniatura na altura do coração.

Cerca de cem soldados e oficiais subalternos, embrulhados em seus cobertores, estavam estendidos em duas fileiras dispostas contra a parede; eles quase se tocavam e entre cada fileira mal dava para passar. Todos esses homens tinham sido tratados com bandagens. Também haviam recebido sopa. Estavam calmos e tranquilos, mas os olhos de todos eles me seguiam; se eu ia para a direita todas as cabeças viravam para a direita; se eu ia para a esquerda, para a esquerda. “Ah”, disseram alguns, “você pode ver que ele é de Paris.”<sup>10</sup> “Não”, diziam os outros, “ele olha para mim como se fosse do Sul.” “O senhor é de Bordeaux, não é, senhor?” – perguntou um terceiro. Cada homem dizia que eu vinha da sua província ou de sua cidade. A resignação que geralmente esses simples soldados de cavalaria revelavam é digna de observação e interesse. Se os considerarmos individualmente, o que cada um deles representava nessa grande sublevação? Muito pouco. Eles sofriam sem se queixar. Morriam modestamente e em silêncio.

Raramente os prisioneiros austríacos feridos tentavam desafiar seus conquistadores. Alguns, no entanto, não

<sup>10</sup> No ano seguinte tive a satisfação de encontrar em Paris, exatamente na Rue de Rivoli, um grupo de soldados inválidos, alguns com membros amputados; eles me reconheceram e me pararam para agradecer por ter cuidado deles em Castiglione. “Nós chamávamos o senhor de Cavalheiro Branco, um deles disse, “porque o senhor estava todo vestido de branco e, de fato, estava realmente quente!”

~~née française~~ sur laquelle ils font pleuvoir une  
 grêle incessante d'obus, de bombes et de boulets.  
 Aux épais nuages de la fumée des canons et de  
 la mitraille se mêlent la terre et la poussière que  
 soulève, en frappant le sol à coups redoublés,  
 cette énorme nuée de projectiles. C'est ~~en~~ <sup>de</sup> ~~affron~~  
~~tant la~~ <sup>de</sup> ~~force~~ de ces batteries qui grondent en vo-  
 missant sur eux la mort, que les Français, comme  
 un autre orage qui se déchaine ~~de~~ <sup>sur</sup> la plaine, s'é-  
 lancent à l'assaut des positions dont ils sont ~~de-~~  
~~jà à s'emparer.~~

61  
 51

Mais ~~c'est~~ pendant la chaleur torride du milieu  
 du jour ~~que~~ les combats qui se livrent de toutes  
 parts, deviennent de plus en plus acharnés.

Des colonnes serrées ~~se~~ <sup>se</sup> ~~ren-~~ <sup>ren-</sup> ~~contrent~~ <sup>contrent</sup> les unes sur les  
 autres, avec l'impétuosité d'un torrent ~~de-~~ <sup>de-</sup> ~~vastateur~~  
 qui renverse tout sur son passage ~~des~~ <sup>des</sup> ~~régiments~~  
 français ~~se~~ <sup>se</sup> ~~précipitent~~ <sup>précipitent</sup> en tirailleurs ~~sur~~ <sup>sur</sup> les mas-  
 ses autrichiennes ~~de~~ <sup>de</sup> ~~plus en plus nombreuses et~~  
 menaçantes et qui, pareilles à des murailles de fer,  
 soutiennent ~~énorguement~~ <sup>énorguement</sup> l'attaque ~~des~~ <sup>des</sup> ~~divisions~~  
 entières mettent sac à terre afin de pouvoir mieux

19 /  
 11 / 3 /  
 10 /

O texto da terceira edição, corrigido por Dunant.

se lancer sur l'ennemi, la baïonnette en avant; un bataillon est-il repoussé, un autre lui succède immédiatement. Chaque mamelon, chaque hauteur, chaque crête de rocher voit se livrer des combats opiniâtres: ce sont des morceaux de morts sur les collines et dans les ravins. Autrichiens et Alliés se foulent aux pieds, s'entretuent sur des cadavres sanglants, s'assomment à coups de crosse, se brisent le crâne, s'éventrent avec le sabre ou la baïonnette; il n'y a plus de quartier, c'est une boucherie, un combat de bêtes féroces, furieuses et ivres de sang; les blessés même se défendent jusqu'à la dernière extrémité, celui qui n'a plus d'armes saisit à la gorge son adversaire <sup>de sa main</sup> et le déchire avec ses dents. ~~La lutte~~ <sup>est</sup> ~~perilable~~ <sup>pour les</sup> ~~mais~~ <sup>deux</sup> devient plus effrayante par l'approche d'un escadron de cavalerie; il passe au galop: les chevaux <sup>parassent</sup> ~~parassent~~ <sup>qui</sup> sous leurs pieds ferrés les morts et les mourants; un pauvre blessé a la mâchoire emportée, un autre la tête écrasée, un troisième qu'on eût pu sauver, a la poitrine enfoncée. Aux hennissements des chevaux se mêlent des vociférations, des cris de

*de mains crâches que les hommes, existent en vain de fouler les mourants; ils écrasent sous leurs pieds ferrés les morts et les mourants.*

"Publicado pela primeira vez em 1862, em Genebra, "Lembrança de Solferino" foi um sucesso estrondoso em todo o mundo. Foi traduzido para mais de 17 idiomas. Dunant não narrou simplesmente o desenrolar da batalha; ele descreveu as provações dos soldados feridos abandonados em seu sofrimento, e a operação de socorro que iniciou em benefício deles. Também sugeriu a criação do que, mais tarde, veio a se tornar a Cruz Vermelha.

aceitavam ajuda, porque suspeitavam, e arrancavam seus curativos, provocando sangramento. Um croata pegou a bala que tinha acabado de ser extraída de seu ferimento e jogou-a na cara do cirurgião. Outros permaneciam taciturnos, silenciosos e impassíveis. A maioria deles não tinha o caráter expansivo, a propensão jovial, a vivacidade animada e amigáveis características da raça latina. Contudo, a maioria não era de nenhuma forma estéril ou refratária à bondade, e uma gratidão sincera podia ser vista em seus rostos surpresos. Um rapaz de dezenove anos, que ficara estendido meio distante, com cerca de quarenta da sua nação no canto mais afastado da igreja, estava sem comida havia três dias. Perdera um olho, estava tremendo de febre, não conseguia mais falar, e mal tinha forças para tomar um pouco de sopa, mas os nossos cuidados o trouxeram de volta à vida, e vinte e quatro horas mais tarde, quando foi possível mandá-lo para Brescia, ele estava triste, com o coração quase partido, por nos deixar. Em um dos olhos esplendidamente azuis que ele ainda tinha podia-se ver uma expressão de verdadeira e profunda gratidão, e ele apertou as mãos das caridosas mulheres de Castiglione em seus lábios. Outro prisioneiro com febre alta atraiu todos os olhares para si. Ainda não tinha vinte anos, mas estava bastante grisalho. Seu cabelo tinha embranquecido em combate, pelo que disseram ele e seus companheiros.<sup>11</sup>

Quantos jovens de dezoito e vinte anos vieram para cá com relutância, das profundezas da Alemanha ou das

<sup>11</sup> Mencionei esse fato em uma reunião da Sociedade Etnográfica de Paris e foi citado na “Revue orientale et américaine” (janeiro de 1860), por M. R. Cortambert em seu notável artigo “O cabelo de povos diferentes”.

Províncias Orientais do imenso Império Austríaco – e alguns deles, talvez, sob uma grosseira coação – foram obrigados a sofrer não apenas dores físicas, mas também as aflições do cativo. E agora eles precisam enfrentar o rancor dos milaneses, que têm um profundo ódio em relação à sua raça, aos seus líderes, e ao seu Soberano. Esses homens podiam contar com pouca compaixão até alcançarem o solo francês. Ah, pobres mães na Alemanha, na Áustria, na Hungria e na Boêmia, como alguém pode ajudar ao pensar na sua agonia, quando elas escutam que seus filhos estão feridos e presos nessa terra hostil!

Mas as mulheres de Castiglione, vendo que não fiz nenhuma distinção entre as nacionalidades, seguiram meu exemplo, demonstrando a mesma amabilidade para todos esses homens cujas origens eram tão diferentes, e que eram estrangeiros para todas elas. “*Tutti fratelli*”<sup>12</sup>, elas repetiam emocionadas. Deve-se todo o respeito a essas mulheres piedosas, a essas moças de Castiglione! Serenas, infatigáveis, determinadas, o seu silencioso autossacrifício fez pouco da fadiga e dos horrores, e da sua própria devoção.

A sensação de estar totalmente fora do lugar nessas circunstâncias solenes e extraordinárias é impronunciável. De fato, é demasiado angustiante perceber que nunca se pode fazer nada mais do que simplesmente ajudar aqueles que estão diante de você – e que se deve continuar esperando que outros homens o chamem e lhe implorem para vir. Quando você começa a ir para algum lugar, passam-se horas até que chegue, porque é interrompido por alguém que clama por ajuda, e então por outro; a cada passo você é

<sup>12</sup> “São todos irmãos”, elas diziam.

detido pela multidão de pobres infelizes que o pressionam de todos os lados. Então você se vê perguntando: “Por que ir para a direita, quando há todos esses homens à esquerda que vão morrer sem uma palavra de amabilidade ou de conforto, sem nada mais que um copo d’água para aplacar a sua sede abrasadora?”

O sentido moral da importância da vida humana; o desejo humano de aliviar um pouco os tormentos de todos esses pobres desgraçados, ou de restabelecer a sua coragem dilacerada; a fervorosa e implacável atividade que um homem engaja em momentos como esse: tudo isso se soma para criar uma espécie de energia que traz um desejo ardente de mitigar o sofrimento do maior número possível de desventurados. Não há mais luto nas múltiplas cenas a que se assiste nessa tragédia terrível e imponente. A indiferença existe mesmo quando alguém passa diante dos mais abomináveis cadáveres desfigurados. Há alguma coisa que se assemelha a um cálculo frio, diante dos horrores ainda mais espantosos do que aqueles descritos aqui, e para os quais a pena se recusa totalmente a narrar.<sup>13</sup>

Mas então, às vezes, sente-se que o coração está

<sup>13</sup> Como se passaram mais de três anos antes que eu me decidisse a reunir essas dolorosas memórias, que nunca pensei em publicar, deve se entender que nesse meio tempo elas podem ter ficado um pouco obscurecidas, e, além disso, deveriam abreviar as cenas de dor e desolação que testemunhei. Mas se essas páginas pudessem trazer à tona a questão (ou levá-la a ser objeto de debates frutíferos e à percepção da sua urgência) da ajuda a ser destinada aos soldados feridos em tempos de guerra, ou dos primeiros socorros a lhes ser dispensados após um combate – se essas memórias pudessem chamar a atenção daqueles com pendores humanitários e filantrópicos – resumindo; se a consideração e o estudo desse tema infinitamente importante pudesse, ao trazer um pequeno progresso, levar à melhoria numa situação em que o avanço e o melhoramento nunca podem ser demasiados – até nos exércitos mais organizados – terei atingido completamente meu ideal.

repentinamente alquebrando – é como se você tivesse sido atingido de uma só vez por uma sensação de amargura e tristeza irresistíveis em virtude de um incidente simples, de um acontecimento isolado, um pequeno detalhe inesperado que chega mais perto da alma, despertando nossa compaixão e sacudindo todas as mais sensíveis energias do nosso ser.

Quando um soldado volta de um exército no campo de batalha para a rotina diária, depois das terríveis fadigas e das assustadoras emoções que ele teve de aguentar numa batalha como a de Solferino, no dia seguinte as lembranças de sua família e de casa ficam mais impressionantes do que nunca. Isto é claramente descrito nas linhas que se seguem, escritas em Volta por um galhardo oficial francês, para seu irmão em casa, na França: “Você não pode imaginar como os homens ficam agitados quando veem surgir o Cabo da Correspondência, para entregar as cartas. Veja, o que ele traz são notícias da França, notícias de casa, notícias de nossas famílias e amigos. Os homens são todos olhos e ouvidos quando esticam suas mãos ávidas para ele. Os que têm sorte – aqueles para os quais há uma carta – abrem-nas com uma pressa impetuosa e devoram o que está escrito. Os decepcionados se afastam com os corações carregados de pesar, e vão embora sozinhos para pensar naqueles que deixaram para trás. Vez ou outra se chama um nome, mas não há resposta. Os homens se olham entre si, fazem perguntas um para o outro, e esperam. Então uma voz baixa diz ‘Morto’, e o Cabo das Correspondências separa essa carta, que voltará para os remetentes sem ser aberta. Como estavam felizes quando disseram: ‘Ele vai gostar de

receber isso', e quando a carta volta para eles, seus pobres corações estarão dilacerados.”

As ruas de Castiglione estavam mais tranquilas agora. As mortes e as partidas haviam acabado, e embora continuassem a chegar mais carretas com feridos, a ordem foi aos poucos restabelecida, e os serviços começaram a funcionar regularmente. A aglomeração não se devia a má organização ou a falta de previsão por parte dos serviços administrativos, mas era a consequência do inesperado número de feridos nunca vistos antes, e do efetivo de médicos, socorristas e ordenanças relativamente muito pequeno. Os comboios de Castiglione para Brescia agora eram mais regulares. Eram formados ou por carretas de prontos-socorros ambulantes, ou por vagões pesados puxados por bois, que seguiam devagar, infinitamente devagar, debaixo do sol escaldante, em meio a uma nuvem de poeira tão espessa que, acima do tornozelo, os homens que caminhavam na estrada ficavam encobertos de um pó seco e suave. Mesmo quando esses veículos de difícil manejo ficavam cobertos de galhos, ofereciam pouca proteção do calor abrasador do céu de julho. Os feridos também estavam quase empilhados um em cima do outro; é fácil imaginar os tormentos daquela longa viagem! Um aceno amigável com a cabeça, vindo de um transeunte, parecia fazer bem a esses pobres desventurados, e rapidamente eles o retribuía com um olhar de gratidão.

Em todos os povoados ao longo da estrada que ia para Brescia, as mulheres eram vistas sentadas em frente às portas de suas casas, confeccionando peças de gaze em silêncio. Quando um comboio chegava, elas pulavam nas

carretas, trocavam as bandagens dos homens, lavavam seus ferimentos, colocavam novas gazes embebidas em água fria, e enfiavam colheres de sopa, vinho ou limonada nas bocas daqueles que não tinham mais forças para levantar a cabeça ou levantar as mãos. Os vagões de transporte, que continuaram a trazer da França ou do Piemonte provisões, forragem, munição e todo tipo de víveres para o campo francês, ao invés de voltarem vazios, eram carregados com inválidos que, por sua vez, eram transportados para Brescia. Em cada pequeno município por onde os comboios passavam, as autoridades paroquiais providenciavam bebida, vinho e carne. Em Montechiero, os três pequenos hospitais locais eram administrados por camponesas que cuidavam com discernimento e afabilidade os feridos que eram deixados ali. Embora temporariamente, cerca de mil homens feridos foram instalados decentemente em um imenso castelo em Guidizzolo; em Volta, um antigo convento que fora transformado em quartel dava abrigo para centenas de austríacos; na principal igreja da pobre cidadezinha de Cavriana foram encontrados alojamentos para vários austríacos inválidos que haviam ficado estendidos durante quarenta e oito horas protegidos apenas pelas sacadas de uma prisão militar caindo aos pedaços. No hospital de campo no Quartel-General, as operações eram conduzidas com clorofórmio. Enquanto os austríacos se habituaram ao produto quase prontamente, os franceses reagiram com contrações nervosas acompanhadas de uma intensa agitação.

Os moradores de Cavriana quase não tinham mais comida e sortimentos, e os homens da Guarda lhes davam

de comer compartilhando com eles suas rações e rancho enlatado. Toda a zona rural fora devastada, e praticamente todo o tipo de artigo comestível havia sido vendido para os soldados austríacos ou solicitado por eles. Graças à previsão do departamento do Oficial-intendente; se por um lado o exército francês tinha muitas rações de campanha; por outro, era o que tinha mais dificuldade em conseguir manteiga, gordura e verduras – que em geral complementavam as rações da soldadesca. Os austríacos haviam requisitado quase todo o gado da localidade; a farinha de milho era a única coisa que os Aliados podiam encontrar facilmente nos distritos onde estavam agora acampados. No entanto, qualquer coisa que os camponeses lombardos ainda pudessem vender para ajudar a alimentar os soldados, era comprada deles a um preço muito alto e as avaliações de preço eram feitas sempre para satisfazer aquele que vendia. Os pedidos de forragem, batata, ou outras provisões, feitos pelo exército francês, eram pagos generosamente; assim sendo, a população local era em grande parte indenizada pelos inevitáveis danos provocados pela batalha.

Os homens feridos do exército sardo que tinham sido levados para Desenzano, Rivoltella, Lonato e Pozzolengo, não estavam tão acabados quanto aqueles de Castiglione. Como as duas primeiras cidades mencionadas não foram ocupadas pelos dois diferentes exércitos em poucos dias, estavam mais abastecidas de gêneros alimentares; os hospitais de campanha estavam em boas condições, e os moradores, menos perturbados e assustados, ajudaram efetivamente a cuidar dos pacientes. Aqueles que foram

enviados de lá para Brescia eram colocados em vagões apropriados e estendidos sobre uma camada espessa de palha. Eram salvaguardados do sol por aros entrelaçados feitos de ramos de folhagens firmemente presos aos vagões e cobertos por uma resistente capa de lona.

Desgastado pela fadiga, e incapaz de pregar o olho, chamei minha carruagem na tarde do dia 27, e por volta das 6h da tarde parti para respirar o ar fresco da noite, e descansar um pouco, ficando longe das cenas sombrias que se espalhavam por todos os lados em Castiglione. Tive sorte com o dia que escolhi, porque (como soube mais tarde) não tinham sido determinados movimentos de tropas para a segunda-feira. Por isso, a quietude se sucedia às terríveis perturbações dos dias anteriores no campo de batalha, que agora era uma paisagem melancólica. Não havia mais nenhum sinal de paixão ou entusiasmo. Mas aqui e ali poças secas vermelhas de sangue eram vistas no chão, e a terra recém-revolvida coberta de cal indicava os últimos lugares de descanso das vítimas do dia 24. Em Solferino, onde durante séculos uma torre na praça zelara imperturbável, e orgulhosamente, o chão onde pela terceira vez, duas das maiores potências dos tempos modernos tinham chegado às vias de fato; as pessoas ainda estavam apanhando grandes quantidades de destroços recuperados, que se espalhavam por todos os cantos, cobrindo até as cruzes manchadas de sangue e os túmulos do cemitério.

Cheguei a Cavriana por volta das 9h. A panóplia de guerra que rodeava o Quartel-general do Imperador dos franceses era um espetáculo único e esplêndido. Eu estava

procurando o Marechal Duque de Magenta, a quem tinha a honra de conhecer pessoalmente. Sem saber exatamente onde as suas Unidades Militares estavam acampadas naquele momento, parei minha carruagem em uma pequena praça, do lado oposto a casa onde o Imperador Napoleão havia se hospedado desde a sexta-feira à noite. Sem querer, me deparei com um grupo de Generais, sentados em simples cadeiras de vime ou em bancos de madeira, fumando seus charutos ao ar livre diante do palácio improvisado do Soberano. Enquanto eu estava indagando para aonde o Marechal de Mac-Mahon tinha sido enviado, esses Generais, por sua vez, estavam perguntando ao Cabo quem estava comigo, e a quem confundiam com o meu ordenança, que estava sentado no compartimento ao lado do cocheiro.<sup>14</sup> Eles estavam curiosos para saber quem eu poderia ser, e para descobrir o objetivo da missão na qual supunham que eu estava engajado – porque mal podiam imaginar que um mero turista teria se aventurado sozinho em meio aos acampamentos, e depois, tendo chegado até Cavriana, tivesse intenção de seguir mais adiante ainda a uma hora tão tardia. O Cabo, que não sabia mais do que eles, permaneceu naturalmente reservado diante das

<sup>14</sup> Esse Cabo, que fora ferido em Magenta e estava voltando para seu batalhão após a convalescência, tinha se esforçado admiravelmente em Castiglione ajudando os ordenanças. Aceitei sua sugestão de acompanhar-me em minhas missões no meio dos exércitos, onde seu posto de oficial subalterno podia servir para mim como o equivalente a um salvo-conduto naqueles tempos. Naquele mesmo dia 27, dois ingleses que haviam insistido em se aventurar no meio das fileiras francesas, foram tomados por espíões alemães, por engano, e conduzidos asperamente por todo o acampamento em que haviam desafortunadamente entrado – até que, felizmente para eles, encontraram o Marechal que comandava as Unidades Militares, que imediatamente pôs um fim a uma aventura que, para dizer a verdade, deixou os dois ilhéus encantados!

perguntas deles, embora respondesse respeitosamente; e a curiosidade dos Generais parecia aumentar quando me viram partir de novo para Borghetto, onde eu esperava encontrar o Duque de Magenta.

A Segunda Unidade, que ele comandava, havia recebido ordens para continuar no dia 26 de Cavriana para Castellaro, cinco quilômetros adiante, e as suas Divisões foram estabelecidas à direita e à esquerda da estrada que ia de Castellaro para Monzambano. O próprio Marechal estava em Borghetto com seu Estado-Maior. Mas já era tarde da noite, e como a informação que eu tinha recebido era meio vaga, nos perdemos após uma hora de viagem e pegamos a estrada para Volta. Foi assim que nos deparamos com as Unidades Militares do General (Marechal havia três dias) Niel, que estavam acampadas em torno da pequena cidade de Volta. Os barulhos indistintos que podiam ser ouvidos sob o lindo céu estrelado – as fogueiras do bivaque nas quais árvores inteiras estavam queimando – as barracas iluminadas dos oficiais, e os murmúrios sonolentos de um acampamento que estava entre o sono e o despertar – eram um descanso agradável para a minha imaginação tensa e superagitada. As sombras noturnas e o silêncio mortal tinham se seguido aos vários ruídos e emoções diurnas, e era uma alegria respirar o ar puro e suave da noite italiana.

Naquela meia escuridão, meu cocheiro italiano foi tomado de tanto pânico diante da ideia de estar tão perto do inimigo, que mais de uma vez fui obrigado a tirar as rédeas dele e entregá-las ao Cabo, ou conduzir eu mesmo a carruagem. O pobre homem tinha fugido de Mântova uma semana ou dez dias antes, de forma a não servir no exército

austriaco, e fora para Brescia como refugiado, onde, a fim de sobreviver, conseguiu trabalho junto a um comerciante de carruagens que o empregou como cocheiro. Seu pânico crescera aos poucos por causa de um tiro distante de mosquete disparado por um austriaco quando ouviu que estávamos chegando – e depois fugiu e desapareceu na mata. Quando o exército austriaco recuou, alguns soldados se esconderam nos porões de pequenos vilarejos que haviam sido abandonados pelos moradores e parcialmente pilhados. Esses pobres fugitivos, sozinhos e assustados, inicialmente tinham conseguido encontrar comida mais ou menos razoável em seus esconderijos subterrâneos. Depois disso entraram às escondidas nos campos de plantações e vagaram a esmo toda a noite.

Meu mantovano não conseguia recuperar a calma, e não podia mais conduzir seu cavalo em linha reta. Ficava virando a cabeça dele da esquerda para a direita, e da direita para a esquerda, olhando fixamente para todos os arbustos ao longo da estrada com olhos abatidos, e a todo o momento temendo que alguns austriacos emboscados estivessem apontando para ele. Seu olhar assustado procurava por cada fileira de cerca viva, e por cada choupana, e a cada pequena curva da estrada seu medo dobrava. Seu pavor se tornou um terror indescritível quando o silêncio da noite foi repentinamente quebrado por outro disparo oriundo de uma vedeta que não tínhamos visto na escuridão, e ele quase desmaiou ao ver um grande guarda-chuva aberto, com perfurações de três balas de canhão e vários projéteis, que ficaram à vista à beira de um trecho perto da linha férrea para Volta. Suponho que o guarda-chuva fizesse parte dos

apetrechos de algumas mulheres francesas da cantina que o haviam perdido em meio ao tumulto do dia 24.

Reconstituímos nossos passos para tomar a estrada certa para Borghetto. Já tinha passado das 11h e colocamos nossos cavalos para galopar o mais rápido que podiam. Nossa modesta pequena carruagem foi saindo em disparada, correndo silenciosamente na Strada Cavallara, quando fomos surpreendidos por um novo alarme: “Quem está aí? Responda ou atiro!” exclamou uma sentinela montada, de um fôlego só, sem rodeios. “França!” respondeu imediatamente o Cabo, e deu sua identidade: “Cabo dos Primeiros Engenheiros, Companhia número sete...” “Passem”, veio a resposta.

Finalmente, chegamos às primeiras casas de Borghetto<sup>15</sup> às 11h45, sem outros incidentes. A cidade inteira estava mergulhada no silêncio e na escuridão, com exceção da rua principal, onde uma pequena luz estava brilhando no térreo, numa pequena sala de teto baixo onde os oficiais do serviço do Oficial-intendente estavam trabalhando. Embora tivessem sido interrompidos em seu trabalho, e estivessem muito surpresos pela minha chegada inesperada àquela hora, eles foram muito amáveis comigo. Um dos tesoueiros, o Sr. A. Outrey, ofereceu-me a maior hospitalidade, sem querer confirmar se eu tinha recomendações de vários Oficiais Gerais. O seu ordenança trouxe-me um colchão, no qual me deixei cair, de roupa, para ter algumas horas de descanso, depois de tomar uma sopa excelente que eu

<sup>15</sup> Borghetto é uma cidadezinha de cerca de dois mil habitantes, à margem direita do rio Mincio, do outro lado de Valeggio. Em 1848, tropas da Sardenha comandadas pelo Rei Carlos Alberto cruzaram o Mincio ali, apesar da enérgica resistência dos austríacos e de seu comandante, o Marechal de campo Radetzky.

gostei mais ainda, uma vez que não tinha comido nada durante dias. Dormi tranquilamente, sem ser sufocado por odores fétidos e perseguido por moscas (que, depois de se alimentarem dos corpos dos mortos, precisam vir atormentar os vivos), tal como o fora em Castiglione. O Cabo e o cocheiro se instalaram na carruagem, que ficava na rua – mas o desafortunado mantovano estava uma pilha de nervos e não conseguia fechar o olho. Encontrei-o de manhã realmente mais morto que vivo.

No dia 28, às 6h da manhã, fui gentil e amigavelmente recebido pelo valente e cavalheiresco Marechal Mac-Mahon, que era justamente conhecido como o ídolo de seus homens.<sup>16</sup> Às 10h da manhã eu estava naquela que seria, de agora em diante, a casa histórica em Cavriana, que abrigou dois grandes Soberanos hostis no dia 24 de junho. Às 3h da tarde daquele mesmo dia, eu estava retornando para os feridos em Castiglione, que manifestaram seu encantamento por me ver de novo, e no dia 30, encontrava-me em Brescia.

<sup>16</sup> O Duque de Magenta é muito popular no exército francês. Seus soldados o amam tanto quanto o respeitam. Por exemplo, em 1856, na Argélia, na estrada para Constantine, dois ex-zuavos estavam dentro de uma diligência em que eu ocupava o cupê. Eles estavam a caminho de Bathna; eram trabalhadores que iam cortar as árvores da floresta. Estavam conversando sobre a guerra do Oriente Próximo, e sobre o Marechal Mac-Mahon, no seu jeito pitoresco, e algumas de suas considerações chegaram aos meus ouvidos: “Esse General”, disse um deles, “existe alguém como ele? Ele era alguém que sabia como comandar! Somos velhos soldados, velhos resmungões, que nunca ficaram com medo, e mesmo assim ficamos em lágrimas. Você se lembra, quando ele falava conosco, na planície, quando éramos dispensados ao final do nosso serviço? Lembra-se de como ele se despedia de nós: ‘Meninos, vocês serviram bravamente sob a bandeira, vocês retornarão para a vida civil. Nunca façam algo do que se envergonhar, lembrem-se de que vocês têm um pai, e sou eu!’, é isso o que ele dizia, com a mão sobre o coração, ‘E a minha carteira é vossa. Deem-me suas mãos, todos vocês.’ Lembra-se dele jogando sua carteira cheia de ouro e nos dizendo: ‘Dividam-na entre vocês, mas seja lá o que façam, não briguem.’ E todos nós chorávamos tal como moças!”

Essa graciosa e pitoresca cidade não fora transformada como Castiglione, que virou um grande hospital ambulante de campanha, mas sim em um hospital imenso. As duas catedrais, as igrejas, palácios, conventos, colégios e quartéis – realmente todos os prédios da cidade – estavam cheios de feridos de Solferino. Quinze mil leitos foram improvisados, de um jeito ou de outro, de um dia para o outro. A população, generosa, fez mais do que em qualquer outro lugar em circunstâncias semelhantes. No centro da cidade, a velha Catedral, conhecida como “*il Duomo Vecchio*” ou a “*Rotonde*”, com suas duas capelas, abrigava cerca de 1 mil homens feridos. Muitas pessoas iam vê-los, e mulheres de todas as classes lhes traziam grandes porções de laranja, geleia, biscoitos, doces e outras guloseimas. A viúva mais humilde e a mulher mais velha e enrugada sentiam que era seu dever ir até lá com seu tributo de solidariedade e sua modesta oferenda. A mesma coisa acontecia na nova Catedral, uma esplêndida igreja branca com uma cúpula imensa, onde estavam aglomeradas centenas de feridos; e o mesmo se passava com os outros quarentas prédios, igrejas e hospitais, que davam abrigo para cerca de 20 mil feridos e enfermos.

O Conselho Municipal de Brescia se reuniu imediatamente para a ocasião, e incumbiu-se dignamente das extraordinárias responsabilidades que essas circunstâncias solenes haviam depositado sobre ele. O Conselho reuniu-se de forma permanente, e garantiu a ajuda e as recomendações dos cidadãos mais notáveis, que efetivamente prestaram muito auxílio. Para dirigir os trabalhos no hospital, o órgão indicou por sugestão do eminente Dr. Bartolomeo Gualla, um Comitê Central, presidido por ele, incluindo os Doutores Corbolani,



*O chamado "Comitê dos Cinco"*



*“Em 1863, um ano depois que o livro de Dunant foi publicado, um Comitê privado organizou uma conferência em Genebra, para a qual 16 países enviaram representantes. Seguindo a ideia de Dunant, a Conferência recomendou a criação de “Sociedades Voluntárias de Socorro”.*”

Orefici, Ballini, Bonicelli, Cassa, C. Maggi e Abeni, que com admirável entusiasmo trabalharam incansavelmente dia e noite. O comitê indicou para a chefia de cada hospital um administrador especial, e um cirurgião-chefe que era assistido por vários médicos e por determinado número de ordenanças. Ao manter abertos os conventos, as escolas e as igrejas, dentro de poucas horas o comitê conseguiu, como por encantamento, hospitais com centenas de leitos, cozinhas espaçosas e serviços de lavanderia, roupas de cama e tudo o mais que pudesse ser útil ou necessário. Essas medidas foram tomadas tão rapidamente, e com tanta solidariedade, que poucos dias depois era de se espantar com a organização e a ordem com que esses numerosos hospitais improvisados funcionavam. Era natural que houvesse tamanho espanto, quando se pensa que a população de Brescia, de 40 mil habitantes, praticamente dobrou de uma só vez com a chegada de mais de 30 mil doentes ou feridos.<sup>17</sup>

Não posso deixar de lembrar aqui que, durante todo o tempo em que estavam exercendo essas tarefas difíceis e estafantes, os médicos – 140 no total – demonstraram uma energia e devoção sublimes, isentas de qualquer tipo de mesquinhez ou ciúmes que viesse a prejudicar a excelente harmonia em que eles trabalhavam para o bem comum. Eram auxiliados pelos estudantes de medicina e por alguns voluntários. Também foram organizados comitês auxiliares, e um comitê especial foi indicado para receber as

<sup>17</sup> De acordo com estatísticas oficiais, entre 15 de junho e 31 de agosto os hospitais de Brescia receberam 19.665 enfermos e pacientes acometidos de febre. Mais de 19 mil deles eram homens do exército franco-sardo. Os austríacos, por sua vez, tinham pelo menos 20 mil doentes em seus hospitais do Vêneto, além do grande número de feridos que também estavam sendo tratados lá.

contribuições em material (roupa de cama, panos de linho, e todo o tipo de provisão). Outro comitê era responsável pelo depósito central ou armazém.<sup>18</sup>

Nas amplas enfermarias dos hospitais, os oficiais eram geralmente mantidos separados dos soldados, e os pacientes austríacos não ficavam misturados com os aliados. As fileiras de leitos pareciam todas iguais, mas uma prateleira afixada acima de cada leito com o uniforme e o quepe de serviço de cada homem revelava à qual exército ele pertencia. Era preciso tomar medidas para evitar que os visitantes se apinhassem no local, uma vez que eles atrapalhavam e interrompiam o trabalho. Ao lado de soldados cujo semblante era belicoso e paciente, podiam ser vistos outros que murmuravam e se lamentavam. Naqueles primeiros dias todos os ferimentos pareciam ser muito sérios. Entre os soldados franceses podia-se notar o animado caráter gaulês, determinado, adaptável e de natureza bondosa, firme e enérgico, mas mesmo assim impaciente e de pavio curto. Pouco apreensivos, e demonstrando quase nenhuma emoção, sua serenidade transformou-os em pacientes mais fáceis de serem operados do que os austríacos, que ao levar as coisas de maneira não tão despreocupada, tinham muito medo de amputações e a propensão de choramingar a sós. Já os médicos italianos, em seus longos roupões pretos, tratavam dos franceses com o maior cuidado possível, mas os métodos de alguns deles afligiam seus pacientes quando prescreviam dieta, sangrias e água de tamarindo.

Nas enfermarias encontrei vários dos meus homens

<sup>18</sup> A primeira dessas comissões era formada pelos senhores Pallavicini, Glisenti, Averoldi, Sienna, Zuccoli e Conter, e Canon Rossa; a segunda, pelos senhores Basiletti, Caprioli, Rovetta e Da Ponte.

feridos de Castiglione, que me reconheceram. Eles estavam recebendo um tratamento melhor agora, mas seus problemas não haviam passado. Entre eles estava um desses heroicos homens da Infantaria Ligeira da Guarda que tinham combatido tão bravamente, em cujo ferimento fiz o curativo pela primeira vez em Castiglione. Ele tinha sido ferido por um tiro na perna e estava deitado no seu catre com uma expressão de profundo sofrimento no rosto, olhos vermelhos, encovados, e uma cor pálida amarelada indicando que uma febre purulenta sobreviera e piorara seu estado. Seus lábios estavam secos, sua voz tremia, e seu brio militar cedera lugar a um vago sentimento de apreensão assustada e relutante. Ele tinha medo de deixar qualquer pessoa se aproximar da sua condoída perna, que já estava gangrenosa. O cirurgião francês que executava amputações passou diante do seu leito; o paciente pegou a mão dele e apertou-a entre as suas próprias mãos, que queimavam como ferro quente. “Não me faça mal, estou num sofrimento medonho!” – gritou.

Mas a operação precisava ser realizada, e rapidamente. Havia cerca de outros 20 homens feridos a serem operados naquele mesmo dia, e mais 150 esperavam receber curativos. Não havia tempo a perder por compaixão de um único caso, ou para esperar que o homem mudasse de ideia. O cirurgião, um sujeito amigável, mas frio e determinado, respondeu simplesmente: “Deixe tudo conosco.” E então levantou rapidamente o cobertor. A perna fraturada tinha inchado e estava com o dobro do tamanho normal, um pus malcheiroso estava escorrendo livremente em três lugares diferentes, e marcas roxas indicavam que uma artéria principal fora cortada, de forma que o membro não podia mais receber o suprimento

adequado de sangue. Assim sendo, não havia nada a fazer, e o único remédio, se é que se podia chamar de remédio, era a amputação de dois terços da perna até a coxa. Amputação! Uma palavra horrorosa para esse pobre rapaz, que podia ver diante dele apenas uma alternativa: a morte iminente, ou a vida deplorável de inválido. Ele não tinha tempo para avivar sua coragem para o que estava por vir. “Ó meu Deus, ó Deus, o que o senhor vai fazer?” – ele perguntou, tremendo. O cirurgião não respondeu. “Leve-o embora, ordenança” – disse: “Vamos logo!”. Mas um grito de partir o coração irrompeu da garganta latejante. O desajeitado ordenança tinha segurado perto demais do ferimento o membro imobilizado, porém terrivelmente frágil. Os ossos fraturados haviam entrado em contato com a carne, provocando uma dor terrível no paciente. Podia-se ver sua perna arqueando, totalmente deformada pelo choque que tinha levado, quando o homem foi levado para a sala de operação.

Ah, aquela procissão assombrosa! Era como um cordeiro sendo levado para o sacrifício.

Finalmente o paciente estava calmo na mesa de operação, que foi coberta por um colchão fino. Em outra mesa ao lado ficavam os instrumentos debaixo de uma toalha. O cirurgião, com a mente focada na sua tarefa, agora não tinha olhos ou ouvidos para nada a não ser a operação. Um jovem médico assistente segurava os braços do paciente. O ordenança segurou a perna que não estava machucada, e pôs toda a sua força para estender o paciente na beirada da mesa. O paciente gritou aterrorizado: “Não me deixe cair!” e jogou seus braços vigorosamente em volta do jovem doutor, que estava pronto para sustentá-lo e estava pálido de

emoção e quase tão perturbado quanto o próprio paciente.

O cirurgião responsável pela operação havia tirado o casaco e dobrado as mangas quase até o ombro, e vestia um avental branco que o cobria até o pescoço. Com um joelho no chão e a terrível faca na mão, jogou seu braço em volta da coxa do soldado, e com um único movimento cortou a pele em torno do membro. Um grito pungente repicou por todo o hospital. Olhando para o rosto do homem que sofria, o jovem doutor podia ver nas suas feições contraídas todos os detalhes da impressionante agonia que ele estava passando. “Seja corajoso!” – disse para o soldado a meia voz quando sentiu as mãos do homem se agarrarem às suas costas – “Mais dois minutos e você estará bem.”

O cirurgião se levantou e começou a separar a pele dos músculos que estavam embaixo, deixando-os expostos. Então ele separou a carne da pele, com um corte, e levantou-a cerca de dois centímetros e meio, fazendo uma espécie de bainha. Depois disso voltou à tarefa principal, e com um movimento enérgico fez um corte com sua faca exatamente nos músculos, até chegar ao osso. Uma grande quantidade de sangue jorrou das artérias abertas, cobrindo o cirurgião e pingando no chão. O habilidoso médico, sereno e impassível, não afirmou nada até que, de repente, em meio ao silêncio, disse zangado para o ordenança desajeitado: “Seu bobo, você não pode comprimir uma artéria?” O ordenança tinha pouca experiência, e não sabia como parar a hemorragia apertando seu polegar sobre os vasos sanguíneos do jeito certo. Num arroubo de dor, o paciente murmurou fracamente: “Ó, o que vocês vão fazer, deixem-me morrer!”. Um suor frio caía do seu rosto, mas ainda havia um minuto pela frente, um minuto que parecia

uma eternidade. O assistente, bondoso como nunca, contava os segundos, e olhando seguidamente do cirurgião para o rosto do paciente, tentava estimular a sua coragem. Ao vê-lo tremer de terror, disse: “Só mais um minuto.”

De fato, agora tinha chegado a hora do serrote e eu podia escutar o aço raspar à medida que entrava no osso com vida, e separava o membro meio pútrido do corpo.

Mas a dor era demais para aquela constituição física fraca e exaurida. Não havia mais gemidos porque o paciente desmaiara. Não existindo mais queixas e súplicas para orientá-lo, o cirurgião temia que o silêncio do paciente pudesse ser o silêncio da morte, e olhava-o ansiosamente para se certificar de que ele ainda estivesse com vida. Os licores, que haviam sido guardados em caso de necessidade, mal conseguiram trazer um sopro de vida em seus olhos opacos, que estavam semicerrados e brilhavam. Parecia finalmente que o moribundo estava recobrando a vida. Ele estava alquebrado e exausto – mas pelo menos o pior do seu sofrimento tinha passado.

No outro hospital às vezes se usava clorofórmio. Naquele caso, o paciente, principalmente quando era francês, passava por duas fases distintas, indo de um estado de excitação que muitas vezes chegava a um delírio violento, até a depressão e prostração total; e ao longo da segunda fase permanecia mergulhado em uma espécie de profunda letargia. Alguns soldados, que estavam habituados ao uso de bebidas fortes, não sucumbem facilmente ao clorofórmio e resistem ao forte anestésico por muito tempo. Acidentes, e até a morte causada por clorofórmio, não são tão raros como se poderia supor, e às vezes tenta-se em vão chamar de volta à vida um homem que estava conversando com você apenas alguns minutos antes.

Imagine-se então o que era uma operação desse tipo quando efetuada em um austríaco que não sabia italiano ou francês, que era levado como uma ovelha para o matadouro, incapaz de trocar uma única palavra com aqueles que eram a bondosa fonte de seus tormentos. Os franceses se deparavam com a gentileza de todos. Eram animados, confortados e encorajados, e quando a conversação encaminhava-se para a Batalha de Solferino, embora fosse lá que eles tivessem sido feridos com mais ferocidade, ficavam excitados e começavam logo a discutir. Para eles, tudo o que fosse gloriosas memórias acalorava seu entusiasmo, e parecia mitigar o seu destino ao levar seus pensamentos para longe de si mesmos. Mas os austríacos não tinham uma sorte tão boa. Nos vários hospitais onde haviam sido internados, insisti em vê-los, e em alguns casos quase irrompi nas enfermarias. Como aqueles bons sujeitos ficavam agradecidos pelas poucas palavras afáveis e pela pitada de tabaco que eu tinha para dar-lhes! Em suas fisionomias resignadas, serenas e dóceis estavam descritos sentimentos que eles não podiam expressar em palavras. Sua fisionomia dizia mais do que qualquer afirmação de obrigado. Os oficiais revelavam uma apreciação especial em relação à atenção dispensada a eles. Tanto os oficiais como os soldados eram tratados com humanidade pela população de Brescia, mas sem pretensão de amizade. No hospital onde estava internado o Príncipe de Isenburg, ele e outro príncipe alemão compartilhavam um pequeno quarto que era razoavelmente confortável.

Durante vários dias seguidos distribuí tabaco, cachimbos e charutos nas igrejas e hospitais, onde o cheiro de tabaco fumado por centenas de homens era de grande

utilidade contra o fedor torturante que emanava por causa da aglomeração de tantos pacientes juntos em prédios de calor sufocante. Os estoques de tabaco em Brescia acabaram rapidamente, e foi preciso trazer mais de Milão. Só o tabaco podia diminuir os medos que os homens feridos sentiam antes de uma amputação. Muitos sofreram a própria operação com um cachimbo na boca, e vários morreram enquanto fumavam.

Um morador respeitável de Brescia, Carlo Borghetti, foi muito gentil a ponto de me levar na sua carruagem conduzida por ele próprio; fomos a vários hospitais na cidade e ele me ajudou a distribuir nossos presentes de tabaco. O tabaco era empacotado pelo comerciante em milhares de pequenos pedaços de papel enrolados que os soldados carregavam voluntariamente em cestos enormes. Onde quer que eu fosse era recebido com entusiasmo. Apenas um médico lombardo, Conde Calini, não permitiu que os charutos fossem distribuídos no hospital militar San Luca, que estava sob sua responsabilidade. Isso era um triste dissabor para os pobres pacientes, que lançavam olhares de cobiça para os cestos de tabaco na porta. Em todos os outros lugares os médicos se demonstravam tão gratos quanto os pacientes por presentes desse tipo. Não me deixei desanimar por essa pequena decepção e devo dizer que foi o primeiro obstáculo que encontrei e a primeira dificuldade – se é que pode ser chamada assim – que surgiu no meu caminho. Até aquele momento eu não tivera nenhuma contrariedade do gênero, e o que era ainda mais surpreendente, não fui solicitado nem mesmo uma vez para mostrar meu passaporte ou as afetuosas cartas

de recomendação dos Generais<sup>19</sup> para outros Generais, que deixavam minha carteira cheia. Por esse motivo não aceitei ser derrotado pelo Doutor Calini, e naquela mesma tarde depois de uma nova tentativa em San Luca, consegui fazer uma generosa distribuição de charutos entre os afáveis camaradas mutilados, que tinham sido obrigados a aguentar torturas de Tântalo por causa da minha culpa inocente. Quando eles me viram retornar não puderam deixar de gritar e suspirar de satisfação e regozijo.

Ao longo das minhas andanças passei por uma série de quartos no segundo andar de um convento enorme – um perfeito labirinto transformado em hospital. Os quartos do térreo e do primeiro andar estavam cheios de pacientes. Em um desses cômodos imponentes encontrei quatro ou cinco homens com febre alta; em outro, dez ou quinze; e em um terceiro cerca de vinte. Cada homem estava deitado numa cama, mas todos estavam sem ajuda, e se queixavam amargamente de que já se haviam passado várias horas desde que tinham visto um ordenança. Eles rogavam e me imploravam para providenciar que lhes fosse trazido um pouco de sopa, ao invés da água fria gelada – a única bebida que haviam tido. Na ponta de um corredor interminável, em um quarto só para ele, um jovem companheiro dos Bersaglieri estava morrendo lentamente de tétano. Ele

<sup>19</sup> Particularmente do General Marquis de Beaufort d'Hautpol, cujo caráter bondoso e amigável era tão conhecido quanto suas brilhantes capacidades militares. Ele era Chefe do Estado-Maior das Unidades Militares que haviam ocupado a Toscana, e desde então é Comandante-chefe da expedição síria. O General de Beaufort é sobrinho do falecido nobre Conde de Bude, o membro do Conselho Geral do Ain que faleceu recentemente em Genebra em 1862, pranteado por todos que o conheciam, cujo coração bondoso, e qualidades generosas e amáveis lhe granjearam a estima de seus muitos amigos.

estava deitado no seu catre completamente imóvel, e embora ainda parecesse estar cheio de vida, e seus olhos estivessem escancarados, não podia escutar nem entender nada, de forma que simplesmente fora deixado para morrer.

Muitos soldados franceses me suplicavam para escrever para seus pais, ou em alguns casos, para o seu Capitão, pois pensavam que ele substituíria suas famílias distantes.

No Hospital São Clemente, uma senhora nobre de Brescia, Condessa Bronna, dedicou-se com esplêndido altruísmo aos cuidados dos pacientes com membros amputados. Os soldados franceses falavam dela com entusiasmo. Os detalhes mais repulsivos nunca a deixaram vacilar. “*Sono madre*”, ela dizia para mim com uma simplicidade imponente. “Sou mãe!” Essas palavras revelavam toda a grandiosidade do seu sacrifício. Uma mãe de verdade!

Fui parado cinco vezes seguidas na rua por cidadãos de Brescia, que me imploraram para ir a casa deles a fim de traduzir para os oficiais franceses – Majores, Capitães ou Tenentes – que eles haviam pedido para receber, e para quem ofereciam os mais ansiosos e carinhosos cuidados. No entanto, muitas vezes eles não podiam entender uma única palavra do que lhes dizia um hóspede que não falava italiano; e o oficial ferido, quase sempre nervoso e aflito, ficava zangado ao perceber que não era compreendido, para o desespero de toda a família, cujos membros estavam lhe demonstrando toda a gentileza e viam seus esforços recebidos com impaciência e mau humor provocado pela febre e dor. Em outro caso, um médico italiano queria aplicar a sangria em um oficial, e este, imaginando que ele queria cortar um membro do corpo, resistiu com toda sua força e na sua agitação machucou-se de forma indelével.

Explicações tranquilizadoras em seus idiomas nativos era a única maneira de acalmar essas vítimas de Solferino quando surgiam esses lamentáveis mal-entendidos. Com que generosidade e paciência a população de Brescia agora se sacrificava por aqueles que tinham feito sacrifícios por eles e pelo seu país, a fim de livrá-los do domínio estrangeiro! Quando um paciente morria, o pesar deles em relação a ele era claramente sincero. Era infinitamente comovente ver as famílias que tinham adotado esses homens seguirem religiosamente o caixão de um oficial francês ao longo da grande avenida dos ciprestes, do Portão São João até a sua última casa no Campo Santo. O oficial fora hóspede dessas pessoas apenas por alguns dias; mesmo assim elas o pranteavam como se chora por um amigo, um pai, uma mãe, ou um filho – por ele, cujo nome nem sempre sabiam.

Os soldados que morriam nos hospitais eram sepultados à noite. Pelo menos na maioria dos casos tinha-se o cuidado de anotar seus nomes ou números, o que fora praticamente impossível em Castiglione.

Todas as cidades na Lombardia adotaram como motivo de honra reivindicar a sua quota de homens feridos. Em Bergamo e em Cremona os serviços de socorros estavam muito bem organizados. As sociedades de socorro eram auxiliadas por comitês de ajuda formados por senhoras que prestavam notáveis cuidados para o grande número de pacientes que lhes eram destinados. Num dos hospitais de Cremona um médico italiano dissera: “Guardamos as coisas boas para nossos amigos do Exército Aliado e damos as necessidades básicas para os nossos inimigos. Se eles morrerem, tanto pior!” – e, para se desculpar por

essas palavras atrozes, acrescentou que soubera, a partir de alguns soldados italianos que haviam retornado de Verona e Mântova, que os austríacos deixavam os feridos do exército franco-sardo morrer sem receberem nenhum cuidado. Uma senhora nobre de Cremona, Condessa..., que escutara as palavras do médico e estava se dedicando aos hospitais com extremo zelo, apressou-se em mostrar sua desaprovação declarando que ela dava exatamente a mesma atenção para os austríacos e para os aliados, e não fazia diferença entre amigos e inimigos. “Porque”, disse ela, “Nosso Senhor Jesus Cristo não fez essas diferenciações entre os homens quando se trata de fazer o bem.” Embora possa ser que os homens do exército aliado feitos prisioneiros pelos austríacos tivessem sido, no começo, tratados bastante rudemente, as informações relatadas eram certamente inexatas e exageradas, e de nenhuma forma justificam o emprego de expressões como aquelas que foram usadas.

Os médicos franceses não só fizeram tudo o que era humanamente possível sem distinção de nacionalidade; eles resmungavam e se queixavam da sua incapacidade de fazer ainda mais. No que diz respeito a isso, preciso citar as palavras do Dr. Sonrier: “Não posso pensar sem a mais profunda renovada tristeza”, disse ele, “em uma pequena enfermaria de vinte e cinco leitos em Cremona, que foi destinada aos feridos austríacos mais graves. Ainda posso ver diante de mim os rostos macilentos, de uma coloração argilosa, que ficaram pálidos por causa da exaustão e do veneno do pus, implorando, com gestos e gritos de cortar o coração, como última misericórdia, que pudéssemos lhes cortar um membro que havíamos tentado salvar –

possibilitando assim que morressem em meio a uma agonia desesperada enquanto nós os olhávamos impotentes.”

O chefe do Comissariado em Brescia, e o Dr. Gualla, Diretor-geral dos hospitais de Brescia, ao lado do Dr. Commissetti, Cirurgião-chefe do Exército Sardo, e do Dr. Carlo Cotta, Inspetor-médico para a Lombardia, todos eram igualmente dedicados, e seus nomes merecem uma menção honrosa ao lado daqueles do ilustre Barão Larrey, Cirurgião-chefe e Inspetor do exército francês; do Dr. Isnard, Cirurgião-Chefe do exército, que demonstrou notáveis habilidades, tanto profissionais quanto administrativas. Excelso serviços também foram prestados em Brescia pelo Sr. Thierry de Maugras, e por um grupo de corajosos e incansáveis cirurgiões franceses, cujos nomes eu gostaria de mencionar. Certamente, se aqueles que cometem a carnificina podem reivindicar um lugar na lista de honra, aqueles que tratam dos feridos, e frequentemente, o fazem colocando suas vidas em risco têm direito a seu tributo de estima e gratidão.

Um cirurgião anglo-americano, Dr. Norman Bettun, Professor de Anatomia em Toronto, no Alto Canadá, veio de Estrasburgo com o propósito de ajudar esses homens devotados, e estudantes de medicina se apressaram em chegar ao local, vindos de Bolonha, de Pisa, e de outras cidades italianas. Além dos moradores de Brescia, com a autorização da administração, alguns viajantes franceses, suíços e belgas também vieram oferecer seus serviços por iniciativa própria, e se dirigiram aos hospitais, ajudando os pacientes e proporcionando-lhes pequenos consolos tal como laranjas, sorvete de frutas, café, limonada e tabaco.

Um desses viajantes deu um florim para um croata, em troca de uma cédula alemã. No mês anterior, o croata tinha pedido encarecidamente a todos que via à sua frente para que alguém lhe fizesse essa transação, uma vez que, se não conseguisse fazer aquela troca, não poderia usar aquela pequena soma que representava toda a sua fortuna.

No hospital San Gaetano, um monge franciscano se destacou por seu dedicado trabalho pelos doentes; e um soldado mais jovem do Piemonte, que estava convalescente e vinha de Nice, falava tanto francês quanto italiano e traduzia as queixas ou as solicitações para os médicos lombardos. Ele foi mantido como intérprete. Em Piacenza, onde os três hospitais na cidade eram dirigidos por cavalheiros e senhoras que atuavam como ordenanças e enfermeiras, uma destas, uma jovem senhora cuja família lhe implorava para desistir de passar seus dias nos hospitais por causa das febres mortais e contagiosas, continuou mesmo assim a tarefa que estabelecera para si mesma, com tanta dedicação, tanta bondade, e tanto apaixonado entusiasmo que todos os soldados a idolatravam. “Ela traz alegria para o hospital”, disseram.

Ó, como teria sido precioso naquelas cidadezinhas lombardas ter tido uma centena de experientes e qualificados ordenanças e enfermeiros voluntários! Um grupo como esse teria formado um núcleo em torno do qual poderia se concentrar a reduzida ajuda e os esforços dispersos que precisavam de uma direção capacitada. Do jeito que as coisas estavam não havia tempo para que aqueles que conheciam a sua área de atuação pudessem fornecer as recomendações e a liderança necessárias, e a maioria daqueles que traziam a



*A Conferência Diplomática de 1864 em Genebra*



*“...elaborar algum princípio internacional, sancionado por uma Convenção de caráter inviolável, que, uma vez acordada e ratificada, possa constituir a base para as sociedades no conforto dos feridos...” (p. 126)*

sua boa vontade para a tarefa careciam da experiência e do conhecimento necessários, de forma que seus esforços eram inadequados e frequentemente ineficientes.

Diante de tanta emergência, o que poderia ser feito por um punhado de entusiastas, todos isolados e dispersos? Ao final de uma semana ou dez dias, o caridoso entusiasmo da população de Brescia, sincero como era, começou a esfriar. Com algumas honrosas exceções, as pessoas ficaram cansadas e abatidas. Além disso, moradores da cidade inexperientes ou imprudentes levaram para as igrejas e hospitais comida muitas vezes imprópria para os feridos, e foi necessário não deixá-los entrar. E assim, muitos que queriam passar uma ou duas horas com os pacientes não se importaram quando foi preciso obter uma autorização; e a solicitavam. Os estrangeiros que eram predispostos a ajudar e a serem úteis encontraram inesperados obstáculos de vários tipos, alguns dos quais pareciam ser calculados para desencorajá-los. Porém, os voluntários selecionados e competentes, enviados pelas sociedades sancionadas e aprovadas pelas autoridades, superariam facilmente todas essas dificuldades e fariam infinitamente melhor.

Durante a primeira semana depois da batalha, os homens feridos, sobre os quais os médicos diziam sussurrando, balançando as mãos quando passavam por seus leitos: “Não há mais nada a fazer”, quase não recebiam tratamento, e eram simplesmente deixados para morrer. E, de fato, isso era muito natural, observando os poucos ordenanças que deviam lidar com os enormes números de feridos. Na verdade, era tão lógico e inevitável quanto triste e cruel que esses homens deveriam ser abandonados para

morrer sem receber ajuda, uma vez que o tempo precioso que os socorristas tinham disponível precisava ser reservado para os soldados que ainda podiam ser salvos. Portanto, aqueles que eram condenados à morte de antemão eram realmente muitos. Os pobres miseráveis para os quais esse inexorável veredito era pronunciado não eram surdos. Eram rápidos para perceber que eram abandonados, e davam seus últimos sopros de vida, angustiados e magoados, sem lágrimas e sem atenção. A morte de alguns deles se tornava ainda mais triste e amarga com os gracejos de alguns jovens zuavos, apenas levemente feridos, cujos leitos ficavam perto e que não os deixavam em paz. Em outros casos, um homem podia estar morrendo em um leito próximo ao de um companheiro de infortúnio que, por sua vez, tinha acabado de morrer; e enquanto sentia que sua força estava diminuindo, era obrigado a olhar seu companheiro morto ser tratado de forma tão obscena que ele podia ver imediatamente o que estava reservado para si próprio. Esse homem ainda era felizizado se seus olhos não se dirigiam para certas pessoas que, sabendo que ele estava à beira da morte, se aproveitavam da sua fraqueza para pegar seu farnel e roubar qualquer coisa que lhes aticasse a fantasia.

Outro homem ferido, abandonado a si mesmo, tinha cartas da família à espera dele no Correio por uma semana. Se lhe tivessem sido trazidas, teria encontrado conforto na leitura. Pedira várias vezes aos homens da enfermaria para buscá-las, de forma que pudesse lê-las antes da hora final, mas eles não queriam ser incomodados e responderam asperamente que tinham outras coisas a fazer e não tinham tempo. Quão melhor teria sido para ti, pobre sofredor, se

tivesses te encontrado com uma morte súbita, provocada por uma bala no campo da carnificina, em meio aos esplêndidos horrores que os homens chamam glória! Pelo menos teu nome ficaria rodeado por um pouco de honra, se tivesses caído ao lado do teu Coronel, combatendo pela bandeira! Melhor ainda se tivesses sido enterrado ainda com vida em ti, pelos recrutas que eram encarregados das internações no campo de batalha, quando eles recolhiam os soldados sem vida e inconscientes na colina dos Ciprestes, ou na planície de Medola. Então, pelo menos a tua terrível agonia não teria sido longa – enquanto agora é uma sucessão de agonias que deves suportar, e te espera não um campo de honra, mas um sofrimento inexprimível, e depois disso uma morte fria e sombria com todos os seus horrores. E por último, não seria justo imaginar que teu nome devesse figurar apenas com a breve menção de “desaparecido” para a tua única prece em teu funeral.

O que aconteceu com aquele profundo espírito embriagador com o qual os valentes combatentes eram eletrizados, que os instigava com tanta força, tão misteriosamente, até as profundezas do seu ser, quando a campanha militar teve início, e no dia de Solferino, quando todos eles estavam arriscando suas vidas, e quando sua coragem ansiava pelo sangue de homens como eles próprios, e incitava-os a partir vociferando para destruí-los? Onde está agora o amor pela glória, onde está o fervor marcial, que foi mil vezes ampliado pelo orgulho e pelo melodioso acento das bandas militares e pelos tons igualmente belicosos do som dos trompetes – que só eram aguçados pelos zunidos dos tiros, a explosão das bombas, e o rugido metálico dos

foguetes e das granadas estourando e explodindo, naquelas horas quando o entusiasmo, quando a atração pelo perigo e pela violência, pela excitação imprevidente, eliminou da mente dos homens qualquer pensamento sobre seu destino final?

Nesses hospitais lombardos podia-se ver e observar como se comprava caro e como se pagava abundantemente aquela mercadoria que os homens pomposamente chamam de Glória! A Batalha de Solferino é a única do Século XIX que pode ser comparada, em função do número de vítimas que provocou, às batalhas de Borodino, Leipzig e Waterloo. Após a Batalha de Solferino, em 24 de junho de 1859, o total de austríacos e franco-sardos mortos e feridos incluía três Marechais de campo, nove Generais, 1.566 oficiais de todos os postos (630 austríacos e 936 no exército aliado), e cerca de 40 mil oficiais subalternos e homens.<sup>20</sup> Dois meses mais tarde, esses números (para os três exércitos juntos) sofreram um aumento de 40 mil, mortos ou internados nos hospitais acometidos de enfermidades ou febre, seja em consequência das excessivas fadigas sofridas em 24 de junho e nos dias que antecederam ou sucederam à batalha; ou ainda devido aos efeitos nocivos do clima de verão e do calor tropical na planície lombarda – ou, em alguns casos, devido aos acidentes provocados pela falta de cuidado dos próprios soldados. Deixando de lado todas as questões de estratégia e glória, do ponto de vista de qualquer pessoa

<sup>20</sup> Jornais franceses e outras publicações têm defendido que, ao assinar o Tratado de Paz em Villafranca, o Marechal de campo Hess admitiu que, na Batalha de Solferino, os austríacos perderam 50 mil homens, acrescentando que “os fuzis da artilharia francesa deixaram nossos reservas em frangalhos.” Contudo, a autenticidade dessas palavras, mencionadas por vários jornais, pode ser colocada em dúvida.

neutra e imparcial, portanto, essa Batalha de Solferino foi realmente uma catástrofe europeia.<sup>21</sup>

A remoção dos feridos de Brescia para Milão, que aconteceu à noite por causa do calor tórrido diurno, foi uma visão dramática e impressionante: os trens abarrotados de soldados feridos entravam nas estações que estavam lotadas de pessoas pesarosas e silenciosas na luz bruxuleante das tochas de pinheiros; toda aquela massa compacta tremendo de emoção e agitação, parecia quase parar de respirar, a fim de escutar os lamentos e gemidos sufocados que saíam daqueles soturnos trens carregados à medida que passavam.

Na ferrovia entre Milão e Veneza, em sua gradual retirada durante junho para o Lago de Garda, os austríacos haviam cortado a linha em vários pontos entre Milão, Brescia e Peschiera. Mas a ferrovia fora rapidamente

<sup>21</sup> Citarei aqui Paul de Molènes, que estava presente na Batalha de Solferino como Oficial de campo no exército francês e cujo nobre coração levou-o a escrever as seguintes linhas que combinam perfeitamente com o nosso assunto:

“Após a Batalha de Marengo (1800), que, no entanto, não causou tantas vítimas quanto a Batalha de Solferino, Napoleão I cedeu a um desses repentinos acessos de forte sentimento que não têm nada a ver com os ditames do plano de ação e talvez estejam em um plano superior até das inspirações do gênio, um desses sentimentos que são o segredo das almas heroicas, que veem uma luz repentina sob o Olho de Deus, nas esferas mais recônditas e misteriosas da consciência. ‘É no campo de batalha’, escreveu ele para o Imperador da Áustria, ‘em meio aos sofrimentos de grande número de homens feridos, circundado por 15 mil corpos mortos, que eu imploro para Sua Majestade para ouvir a voz da humanidade’. Essa carta, que nos foi entregue em sua versão integral por um célebre historiador da nossa época, causou-me uma profunda impressão. Ele próprio, que a escreveu, estava comovido e surpreso com a missiva. Essa surpresa, contudo, não tinha nenhum vestígio do remorso secreto que é sentido no seu ressuscitar (como eles o chamam) pelos homens que culpam a si mesmos de ter perdido a sua sagacidade ao dar livre vazão a um impulso repentino de generosidade. Napoleão I aceitou, na maneira inesperada em que se apresentou para ele, um pensamento cuja origem entendeu e respeitou. A Batalha de “Solferino”, Paul de Molènes acrescenta, “deu mais uma vez curso à origem daquele pensamento que os estranhos clamores de tristeza e compaixão suscitavam no vencedor de Marengo.”

consertada e reaberta ao tráfego<sup>22</sup> a fim de facilitar o fluxo de víveres, munições e suprimentos para o exército aliado, e para permitir a evacuação dos hospitais de Brescia.

A cada ponto de parada, cabanas compridas e estreitas haviam sido erguidas para receber os feridos que, ao deixar os vagões, eram colocados em camas, ou em simples colchões alinhados um ao lado do outro. Mesas com grandes quantidades de pão, sopa, vinho e, acima de tudo, água, como também gaze e ataduras, em constante demanda, estavam dispostas embaixo desses abrigos. A escuridão era iluminada por um grande número de tochas seguradas pelos jovens da localidade aonde o trem parava; e a população lombarda, atuando como ordenanças improvisados, se apressou em trazer seu tributo de respeito e gratidão aos vencedores de Solferino. Sem barulho, em silêncio religioso, faziam curativos nos ferimentos dos homens, carregando-os para fora do trem com zelo paternal e deitando-os cuidadosamente nos sofás preparados para eles. As senhoras locais ofereciam-lhes bebidas refrescantes e víveres de todos os tipos, distribuindo tudo nos vagões para aqueles cuja convalescência estava bem adiantada e deveriam seguir adiante ou ir para Milão.

Em Milão, aonde os feridos chegavam à estação de Brescia ao ritmo de mil por noite<sup>23</sup>, durante várias noites, os mártires de Solferino eram recebidos com o mesmo

<sup>22</sup> Isto foi possível particularmente graças à atividade e energia do banqueiro milanês Charles Brot, o único membro do Conselho de Administração das Ferrovias da Lombardia e do Vêneto a permanecer em Milão.

<sup>23</sup> Em meados de junho de 1859 (ou seja, antes da Batalha de Solferino), os hospitais de Milão já tinham cerca de 9 mil pacientes feridos em campanhas militares anteriores. Só o Hospital Maggiore, o grande hospital civil em Milão fundado no século quinze por Blanche Visconti (esposa do duque Sforza), tinha quase 3 mil deles.

entusiasmo e a mesma inesgotável simpatia que haviam sido demonstrados àqueles de Magenta e Marignan.

As graciosas e amáveis jovens senhoras da aristocracia, ainda mais encantadoras pela exaltação de apaixonado entusiasmo, não estavam mais esparramando as folhas das roseiras dos terraços dos suntuosos palácios para que caíssem nas resplandecentes dragonas de sedas e fitas, de cruces douradas ou esmaltadas; dos olhos delas agora caíam lágrimas ardentes, alimentadas por uma dolorosa emoção e compaixão, que rapidamente se transformou em uma devoção cristã paciente e abnegada.

Toda família que possuía uma carruagem vinha buscar homens feridos na estação. Assim, o número de veículos enviados por iniciativa própria pela população milanesa chegou a mais de 500. Todas as noites eram enviadas luxuosas caleches e modestas carruagens de duas rodas para Porta Tosa, a plataforma de embarque para a ferrovia de Veneza. Para as senhoras da nobreza italiana era motivo de honra instalar, elas mesmas, os hóspedes que lhes haviam sido destinados nas suas carruagens, depois de supri-los de colchões, lençóis e travesseiros. Os homens eram carregados do trem para esses opulentos veículos por cavalheiros da Lombardia, cujos empregados disputavam com seus senhores em zelo e obsequiosidade. A multidão aplaudia e as pessoas levantavam seus chapéus em sinal de respeito, à medida que esses privilegiados padecentes passavam. Em seguida o povo escoltava as carruagens, que seguiam adiante vagarosamente, segurando tochas que iluminavam as fisionomias entristecidas dos homens feridos. Eles faziam o melhor que podiam para sorrir. A multidão os seguia até as

portas dos palácios e casas particulares que iriam acolhê-los, onde o mais diligente cuidado os esperava.

Toda família em Milão estava determinada a ter um francês ferido sob seu teto, e não foram poupados esforços para confortar os homens pelo fato de se encontrarem longe de seu país, da família e dos amigos. Os melhores médicos cuidavam deles, tanto nas casas particulares como nos hospitais.<sup>24</sup> As senhoras da alta sociedade de Milão revelaram uma benevolência corajosa e duradoura em relação aos feridos, velando com firme tenacidade tanto os soldados rasos quanto os oficiais. Madame Uboldi de Capei, Madame Boselli, Madame Sala, nascida Condessa Taverna, e muitas outras senhoras da nobreza esqueceram seus costumes usuais de elegância e conforto, e passavam meses ao lado desses leitos de dor, tornando-se as Anjas Guardiãs dos enfermos. Toda a benevolência foi manifestada sem nenhuma ostentação. O cuidado, o consolo e a atenção incessantes dispensados por essas senhoras tornam-nas merecedoras da gratidão das famílias daqueles para quem elas prestaram esse serviço, e da admiração respeitosa de todos. Algumas delas eram mães

<sup>24</sup> Na maioria dos casos, após poucos dias, a população de Milão precisava enviar para os hospitais os soldados pacientes que havia abrigado em suas casas, porque se desejava evitar a dispersão inútil da ajuda a ser fornecida, e a fadiga desnecessária dos médicos, que não podiam empreender tantas visitas individuais.

A supervisão geral dos hospitais de Milão era confiada ao Dr. Cuvelier, que conduziu dignamente a difícil tarefa de que foi encarregado pelo cirurgião-chefe do exército da Itália. Após a Batalha de Solferino, este último recebeu a competente assistência de M. Faraldo, comissário-geral da província de Brescia, cujo admirável caráter e excelente trabalho nessa grave emergência merecem os maiores elogios.

Ao sair de Milão em meados de junho, rumo a Brescia, o exército francês deixou disponíveis alojamentos para mais de 8 mil feridos.

Deve se mencionar a excelente organização do exército francês do ponto de vista humanitário. Esse trabalho se deve especialmente ao H.E. Marechal Randon, ministro da Guerra, ao Marechal Vaillant, Major-general do Exército da Itália, e ao General Martimprey, General-assistente.

cujas vestimentas de luto falavam de perdas recentes que haviam passado. Uma delas disse ao Dr. Bertherand essas admiráveis palavras, que valem a pena de serem citadas: “A guerra”, a marquesa lhe confidenciou, “privou-me do meu filho mais velho, que morreu há oito meses de um ferimento à bala ocorrido quando estava combatendo com o seu exército em Sebastopol. Quando ouvi que franceses feridos estavam vindo para Milão e que eu poderia ajudar a cuidar deles, senti que Deus estava me enviando o seu melhor consolo.”

A condessa Verri-Borromeo, presidente do grande Comitê Central de Socorros<sup>25</sup>, ficou como responsável dos preparativos nos depósitos de roupas de cama e gaze e, apesar da idade avançada, encontrou tempo para se dedicar várias horas à leitura para os homens feridos.

Todos os palácios em Milão estavam cheios de pacientes.

<sup>25</sup> A Condessa Giustina Verri, nascida Borromeo, faleceu em Milão em 1860, profundamente pranteada por todos os que haviam tido a sorte de tê-la conhecido. Os imensos almoxarifados de gaze e atadura na Contrada San Paolo, que ela dirigia tão bem, eram abastecidos graças ao envio de grandes quantidades de diferentes cidades e distritos, especialmente de Turim, onde a Marquesa Pallavicino-Trivulzio desempenhava uma função semelhante a da Condessa Verri em Milão.

Genebra e outras cidades suíças, e também algumas cidades em Savóia, mandaram para Turim grandes remessas de roupa de cama e gaze, por intermédio do Dr. Appia, que tomou a iniciativa nesse excelente trabalho em Genebra. Somas razoáveis de dinheiro foram destinadas a oferecer todo o tipo de pequeno conforto para os feridos, sem distinção de nacionalidade. A Condessa de G... sugeriu a formação de um comitê com esse objetivo, e sua proposta, que foi recebida favoravelmente em Paris, foi seguida em Genebra. A partir da Suíça, onde naturalmente havia muita simpatia em relação a ambos os beligerantes, foram enviados socorros para os comitês oficiais de socorro em Turim e em Milão, a fim de serem distribuídos de forma imparcial entre os franceses, alemães e italianos feridos.

Em Turim, a Marquesa Pallavicino-Trivulzio, com benevolência, generosidade e devoção infinitas, atuou como Presidente do comitê principal (*Comitato delle Signore per la Raccolta di bende, filacce, a pro dei feriti*), e demonstrou uma grande atividade na condução dessa grande responsabilidade. Outros comitês também foram formados em Turim, cuja população fez um trabalho excelente para os padecentes da guerra.

O Palácio Borromeo tinha 300. A Madre Superiora do Convento Ursulino, Irmã Marina Videmari, dirigia com exemplar espírito caridoso um grande hospital que era um modelo de ordem e limpeza, e era totalmente conduzido pelas freiras de seu convento.

Aos poucos, começamos a ver saírem pequenos destacamentos de soldados franceses convalescentes ao longo da estrada para Turim. Seus rostos estavam bronzeados pelo sol italiano. Alguns tinham os braços pendurados em tipoias; outros se apoiavam em muletas; outros traziam as marcas de ferimentos graves. Seus uniformes militares estavam rasgados e surrados, mas embaixo eles vestiam um linho fino, generosamente oferecido por italianos abastados para substituir suas camisas manchadas de sangue. “O seu sangue”, diziam esses italianos, “foi derramado para a defesa do nosso país. Gostaríamos de ficar com as vossas camisas para nos lembrar disso.” Apenas algumas semanas antes, esses homens eram fortes e saudáveis – agora, um tinha ficado sem os braços; outro sem uma perna; um terceiro tinha uma faixa manchada de sangue em volta da cabeça; todos suportavam seu sofrimento com resignação. Mas eles nunca mais poderão seguir a carreira militar, ou ajudar às famílias. Com amargura e aflição, já podem ver a si próprios se tornarem objeto de comiseração e dó, um peso para os outros e um peso para si mesmos.

Não posso me abster de mencionar meu encontro, em Milão, quando voltei de Solferino, com um respeitável senhor idoso, o Marquês Ch. De Bryas, ex-Deputado e ex-Prefeito de Bordeaux. O Marquês, que possuía uma fortuna muito grande, viera para a Itália por iniciativa própria com

nenhum outro objetivo a não ser o de ajudar os soldados feridos. Tive a sorte de ajudar na partida desse magnânimo filantrópico para Brescia. Durante a primeira quinzena de julho a aglomeração e a confusão eram tantas em Porta Tosa, a estação onde o acompanhei, que foi uma dificuldade enorme chegar até os vagões do trem. Apesar da idade, da sua posição e de suas funções oficiais (acredito que ele deve ter sido encarregado pelo governo francês com uma missão puramente caridosa), o Marquês não conseguiu um lugar no trem que deveria tomar. Esse pequeno incidente pode dar uma ideia das grandes multidões que obstruíam a estação e as vizinhanças.

Quantas questões interessantes existem que ficarão desconhecidas para sempre! Outro francês, quase totalmente surdo, que tinha viajado 300 léguas para cuidar de seus compatriotas, também revelou espírito de grandeza. Quando ele chegou a Milão, viu que os austríacos feridos eram praticamente abandonados, e se dedicou especialmente a eles, tentando ajudá-los de todos os modos possíveis – e, assim, retribuindo com o bem o mal que tinha sofrido quarenta e cinco anos antes nas mãos de um oficial austríaco. Em 1814, quando a França foi invadida pelos exércitos da Santa Aliança, o oficial austríaco se alojara na casa dos pais desse francês, que na época era criança e tinha uma doença que causava repulsa no oficial estrangeiro. O austríaco pegou o pobre menino e, grosseiramente, jogou-o para fora da casa antes que alguém o pudesse deter. Esse brutal incidente provocou no garoto uma surdez que ficou para o resto da vida.

Em um dos hospitais de Milão, um Sargento dos Zuavos

da Guarda, um sujeito orgulhoso, com ares de poderoso, e que tivera uma perna amputada e passara por uma dolorosa operação sem uma queixa, após algum tempo entrou em uma profunda melancolia, embora seu estado melhorasse e sua convalescença avançasse satisfatoriamente. Sua melancolia, que crescia sem parar, era inexplicável. Um dia, uma freira encontrou-o com lágrimas naqueles olhos que talvez nunca houvessem chorado antes – e ela encheu-o de tantas perguntas que ele acabou confessando à bondosa Irmã que era o único esteio para a sua mãe, uma senhora inválida e idosa para quem, quando ele estava bem, enviava todos os meses cinco francos que guardava do seu salário. Agora ele tinha se dado conta de que não poderia ajudá-la, e sabia que ela deveria estar muito necessitada de dinheiro, uma vez que ele não tinha podido lhe enviar a sua pequena contribuição habitual. A freira ficou com pena e lhe deu uma nota de cinco francos, o equivalente do que outrora era enviado para a França. Mas quando a Condessa T..., que se interessara pela sorte desse bravo e valoroso homem, foi informada sobre a razão da sua estranha melancolia, e quis lhe dar uma pequena soma para ele e sua mãe, ele não quis. Simplesmente agradeceu e disse: “Por favor, reserve esse dinheiro para outros que precisam mais do que eu. No que diz respeito a minha mãe, no mês que vem espero lhe enviar dinheiro como sempre, porque estou confiante de que logo poderei trabalhar.”

Uma grande senhora de Milão, portadora de um nome histórico, colocara um de seus palácios à disposição dos feridos. O palácio contava com 150 leitos. Entre os soldados designados para esse esplêndido palácio havia

um Granadeiro do Setuagésimo que perdera um membro e corria risco de morte. Em seus esforços para consolar o homem ferido, a senhora pediu-lhe para falar sobre a sua família, e ele lhe contou que era o único filho de um casal de camponeses no Departamento de Gers, e que a sua única tristeza era deixá-los em extrema dificuldade, uma vez que ele era o único que poderia prover-lhes a subsistência. Ele também disse que seria um enorme alívio poder beijar sua mãe antes de morrer. Sem dizer nada para o homem, a senhora resolveu repentinamente sair em viagem. Ela partiu de Milão de trem e foi para Gers à procura de sua família, cujo endereço havia conseguido. Deixou 2 mil francos para o pai do ferido, um senhor inválido, e levou consigo para Milão a sua pobre mãe camponesa. Seis dias depois da conversa daquela senhora com o Granadeiro, mãe e filho estavam abraçados, chorando e abençoando a benfeitora.

Mas por que contei todas essas cenas de dor e infortúnio, despertando, talvez, dolorosas emoções em meus leitores? Por que me estendi em uma aparente complacência em torno de cenas lamentáveis, reconstituindo os detalhes com aquilo que pode parecer uma fidelidade exaltada?

Esta é uma questão natural. Talvez eu possa respondê-la com outra:

Nos períodos de paz e tranquilidade, não seria possível criar sociedades de socorro com vistas a oferecer cuidados para os feridos em tempos de guerra, por parte de voluntários perfeitamente qualificados, zelosos e devotados?

Considerando que as esperanças e aspirações da Sociedade de Amigos da Paz precisam ser abandonadas,

assim como devem ser abandonados os sonhos do Abade de São Pedro e as nobres aspirações de homens como o Conde de Sellon;

Considerando que podemos repetir as palavras de um grande pensador que afirmou: “Os homens chegaram ao ponto de se matarem sem se odiarem uns aos outros, e a maior glória, a mais majestosa de todas as artes, é o extermínio mútuo”;

Considerando que realmente foi dito que a “guerra é divina”, de acordo com o Conde Joseph de Maistre;

Considerando que novos e terríveis métodos de destruição são inventados diariamente, com uma perseverança digna de um melhor propósito, e considerando que os inventores desses instrumentos de destruição são aplaudidos e encorajados na maioria dos grandes Estados europeus, engajados em uma corrida armamentista;

E, finalmente, considerando que o estado de espírito na Europa, aliado a muitos outros sintomas, indica a perspectiva de futuras guerras, que mais cedo ou mais tarde parecem ser quase impossíveis de serem evitadas;

Tendo em vista tudo isso, por que não se poderia aproveitar um período de relativa calma e tranquilidade para pesquisar e tentar resolver uma questão de uma importância enorme e mundial, tanto do ponto de vista humano como cristão?

Tenho certeza de que, uma vez que as pessoas comecem a pensar sobre um tema de tanto interesse geral como este, isto levará a reflexões e artigos de pessoas mais capacitadas e competentes que eu. Mas enquanto isso, não é evidente que, a fim de tentar alcançar esse nobre ideal, seja inicialmente

necessário que se apresente a ideia a diferentes ramos da grande família europeia, e que se garanta a atenção e a simpatia de todas as almas sublimes, de todos os corações que podem ficar comovidos com o sofrimento de seus semelhantes?

Uma vez criadas e uma vez assegurada a sua permanente existência, as sociedades desse tipo ficariam naturalmente inativas em períodos de paz. Mas elas sempre seriam organizadas e prontas para a possibilidade de guerra. Elas não só teriam de garantir a boa vontade das autoridades dos países em que tivessem sido criadas, mas em caso de guerra também teriam de requerer autorização e recursos dos governantes dos estados beligerantes, que lhes permitissem conduzir um trabalho eficaz.

Portanto, em cada país as sociedades deveriam incluir como membros de seu conselho administrativo, homens com a mais honrada reputação e a mais elevada estima. Os comitês fariam apelos a todos os que, por motivos sinceramente filantrópicos, se comprometessem a se dedicar por um determinado período a este trabalho caridoso. O trabalho em si consistiria em levar ajuda e socorro (em comum acordo com os comissários militares, isto é, quando necessário, com o seu apoio e seguindo suas instruções) no campo de batalha seja onde houvesse uma batalha, e em seguida continuar a tratar dos feridos nos hospitais até que a sua convalescença seja concluída.

Uma devoção espontânea desse tipo é mais fácil de ser encontrada do que se costuma pensar. Existem muitas pessoas que, uma vez seguras de que poderiam ser úteis e convencidas de que poderiam realmente fazer o bem,

com o incentivo e os recursos fornecidos pelas autoridades administrativas, estariam certamente preparadas para ir, mesmo pagando as despesas, e empreender por um determinado período uma tarefa filantrópica desse tipo. Nessa época, que frequentemente é chamada de egoísta e fria, que atração seria para os corações magnânimos e piedosos e para os espíritos cavalheirescos, enfrentar os mesmos perigos que o guerreiro, por vontade própria, em um espírito de paz, pelo propósito de ajudar, pela motivação de autossacrifício!

A história pode mostrar exemplos para provar que não existe nenhuma quimera em contar com sacrifícios desse tipo. Para dar não mais que dois ou três exemplos, não é verdade que Santo Carlo Borromeo, Arcebispo de Milão, veio da outra ponta da sua diocese para a cidade de Milão na época da peste, em 1576, enfrentando o contágio, a fim de trazer para todos socorro e encorajamento? Esse exemplo foi imitado em 1627 por Frederico Borromeo. Também o Bispo Belzunce de Castel-Moron se destacou pela devoção heroica que mostrou quando a peste devastava Marselha em 1720 e 1721.

Havia ainda John Howard, que percorreu toda a Europa visitando prisões, lazaretos e hospitais, introduzindo reformas sanitárias. Howard morreu em 1790, depois de contrair uma febre de um camponês quando permaneceu entre os acometidos pela peste na Crimeia.

A Irmã Marthe, de Besançon, ganhou notoriedade pelo que fez entre 1813 e 1815 pelos feridos dos exércitos da Coalizão e também por aqueles do exército francês; antes dela, outra freira, Irmã Barbe Schyner, se destacou em

Freiburg, em 1790, por seu trabalho tanto em prol dos feridos do exército que estava invadindo seu país quanto de seus compatriotas.

Mas eu faria uma menção especial de dois casos da nossa própria época, ligados à guerra do Oriente Próximo, e ainda mais próximos ao tema em questão. Na Crimeia, enquanto as bondosas freiras cuidavam dos doentes e feridos do exército francês, os exércitos russo e inglês saudavam a chegada, uma do norte e a outra do leste, de duas magnânimas legiões de generosas freiras lideradas por duas Senhoras Abençoadas. Logo depois que a guerra estourou, a Grande Duquesa Helen Pawlowna da Rússia, nascida Princesa Charlotte de Wurtemberg, viúva do Grão Duque Michael, deixou São Petersburgo com quase 300 senhoras, que foram com ela atuar como enfermeiras nos hospitais da Crimeia, onde mereceram as bênçãos de milhares de soldados russos.<sup>26</sup>

Por outro lado, a Senhorita Florence Nightingale, que tinha familiaridade com os hospitais na Inglaterra e com os principais estabelecimentos caritativos e filantrópicos no Continente, e que abdicara dos prazeres da opulência a fim de se dedicar a fazer o bem, recebeu um apelo urgente do Lorde Sidney Herbert, Secretário da Guerra do Império Britânico, solicitando-lhe para cuidar dos soldados britânicos no Oriente Próximo. A Senhorita

<sup>26</sup> Durante a guerra no Oriente Próximo, no inverno de 1854-55, o Imperador Alexandre II da Rússia visitou os hospitais da Crimeia. Esse influente potentado, cujo coração bondoso e alma humana e generosa são bem conhecidos, ficou tão profundamente impressionado com as visões amedrontadoras com que seus olhos se depararam que imediatamente determinou a conclusão dos termos de paz, sentindo-se incapaz de suportar a ideia de que a série de massacres que levou tantos de seus súditos a um momento tão terrível pudesse continuar.

Nightingale, que obtivera uma grande popularidade, não hesitou em conduzir esse nobre trabalho, com o qual sabia que seu Soberano simpatizava. Partiu para Constantinopla e Scutari em novembro de 1854, com trinta e sete senhoras britânicas, que, tão logo chegaram, começaram a trabalhar para os muito feridos da Batalha de Inkermann. Em 1855, a Senhorita Stanley juntou-se a ela com outras cinquenta, e isso permitiu a Senhorita Nightingale ir para Balaclava e inspecionar os hospitais lá. Tudo o que ela conseguiu durante esses longos meses de sublime autossacrifício, por meio de sua devoção apaixonada à humanidade em sofrimento, goza de prestígio.<sup>27</sup>

Quantos desses sacrifícios foram feitos, a maioria deles pouco conhecidos e esquecidos! E quantos deles foram feitos em vão, porque eram esforços isolados e careciam do apoio de grupos organizados de simpatizantes!

Se tivesse existido uma sociedade internacional de socorro na época de Solferino, e se tivesse havido socorristas voluntários em Castiglione, em 24, 25 e 26 de junho, ou em Brescia por volta da mesma época, e ainda em Mântova ou em Verona, que bem infinito eles poderiam ter feito!

Não se pode pensar nem por um momento que uma multidão de socorristas ativos, zelosos e corajosos não conseguiria fazer nada naquele campo de destruição durante a pavorosa noite entre sexta-feira e sábado, quando gemidos

<sup>27</sup> A imagem da Senhorita Florence Nightingale, caminhando à noite com uma pequena lamparina na mão, através das imensas enfermarias do hospital militar, observando o estado de cada paciente de forma a providenciar-lhes as exigências e os confortos necessários, ficará para sempre impressa nos corações dos homens que foram objeto de seu esplêndido trabalho caridoso, e daqueles que o viram. A tradição de seu autossacrifício heroico e sagrado será mantida para sempre nos anais da História.

e preces de partir o coração brotavam das gargantas dos homens feridos, que estavam suportando as mais temidas agonias, e sofrendo de tormentos de sede inimagináveis!

Se o Príncipe de Isenburg, e milhares de outros desafortunados combatentes, tivessem sido recolhidos mais cedo por mãos piedosas, da terra encharcada e banhada em sangue, onde se estendiam inconscientes, o Príncipe não estaria sofrendo até hoje dos perigosos ferimentos que se agravaram durante as horas em que ficou deitado ali sem receber ajuda. Se o seu cavalo não tivesse sido, por acaso, descoberto entre os mortos, certamente ele teria perecido por falta de ajuda, como aconteceu com muitos outros homens feridos, criaturas de Deus como ele, homens cujas mortes podem significar tanto para suas famílias quanto a do Príncipe teria significado para a dele.

Não se deve pensar que as amáveis moças e bondosas mulheres de Castiglione, dedicadas como eram, salvaram da morte muitos dos feridos e deformados, mas ainda curáveis. Eram soldados para quem elas deram a sua ajuda. Tudo o que podiam fazer era levar um pouco de alívio para poucos deles. Fazia-se necessário não apenas mulheres fracas e ignorantes, mas com elas e ao lado delas, homens bondosos e experientes, capacitados, determinados, já organizados, e em número suficiente para começar o trabalho imediatamente de forma disciplinada. Nesse caso, muitas das complicações e febres que agravaram tão terrivelmente os ferimentos inicialmente leves, mas que logo se tornaram mortais, poderiam ter sido evitadas.

Se tivesse havido assistência suficiente para recolher os feridos nas planícies de Medola e do fundo dos desfiladeiros

de San Martino, nos acentuados declives do Monte Fontana, ou nas pequenas colinas acima de Solferino, como as coisas teriam sido diferentes! Não teria existido nenhuma dessas longas horas de espera em 24 de junho, horas de pungente angústia e amargo desamparo, durante as quais aqueles pobres soldados dos Bersagliere, dos Ulanos e dos Zuavos pelejavam para se levantar, apesar da sua dor enorme, e acenavam em vão para que lhes fosse trazida uma carta; e nunca teria havido a terrível possibilidade do que com muita probabilidade aconteceu no dia seguinte – homens vivos sendo enterrados em meio aos mortos!

Se tivesse havido meios de transporte melhores do que aqueles que existem agora<sup>28</sup>, à disposição para os feridos, não haveria necessidade para a dolorosa amputação a que um homem da Infantaria Ligeira da Guarda precisou fazer em Brescia. A necessidade daquela operação surgiu da deplorável falta de atenção quando ele estava sendo conduzido do hospital militar móvel do regimento para Castiglione. Se este homem não morreu durante a operação, tal como aconteceu com muitos soldados, podia agradecer a sua própria forte e saudável constituição por isso.

<sup>28</sup> Meios de transporte melhores, que evitariam os frequentes acidentes que acontecem entre o campo de batalha e os hospitais de campanha, significariam uma redução no número de amputações, que já é em si alguma coisa do ponto de vista humanitário. Além disso, ao diminuir o número de inválidos, também se pouparia os gastos do governo que tem de pagar pensão para os soldados inválidos.

Recentemente, vários médicos fizeram pesquisas sobre a questão do transporte dos homens feridos. O Dr. Appia, por exemplo, trabalhou em torno de uma máquina simples, leve e flexível que atenua o choque e é particularmente útil em casos de fratura. O Dr. Martres também dedicou atenção para esse assunto, que seria o tema de estudo mais apropriado para as sociedades que eu gostaria de ver criadas.

Quando vemos jovens companheiros inválidos, sem uma perna ou um braço, voltando para casa entristecidos, isso não deve provocar remorso e arrependimento por não termos tentado evitar, com uma ajuda eficiente conferida a tempo, que houvesse consequências fatais como essa, provocadas por ferimentos que poderiam ter sido curados? Pense nos homens feridos que são abandonados nos hospitais de campo em Castiglione, ou nos hospitais de Brescia, muitos dos quais não podiam se fazer entender de jeito nenhum em suas próprias línguas! Esses homens teriam emitido a sua última maldição e blasfêmia, se tivesse havido alguém com eles para entendê-los, escutá-los e consolá-los?<sup>29</sup>

Não se deve pensar que, apesar de todo o zelo mostrado pelo povo de Brescia e nas cidades da Lombardia, não havia tanto trabalho ainda por fazer. Nunca houve uma guerra em qualquer século em que se tenha mostrado tamanha boa vontade e tanto espírito benevolente e caridoso. Contudo, os sacrifícios feitos, apesar de serem generosos e notáveis, eram completamente inadequados, e não eram proporcionais à amplitude das necessidades. Além disso, tudo o que era feito dirigia-se para os feridos do exército aliado, e nada para os pobres austríacos. Representava a gratidão de um povo salvo da opressão, e isso explica o excesso temporário de entusiasmo e amabilidade. É verdade, na Itália existia uma abundância de destemidas mulheres cuja paciência e perseverança não conheciam a fadiga – mas, ai de mim! – ao final sobraram poucas. A população estava cada vez mais

<sup>29</sup> Durante a guerra italiana alguns soldados tinham tanta saudade de casa que morreram disso, sem sofrerem de nenhuma enfermidade ou ferimento.

cansada; febres contagiosas assustavam e afastavam aqueles que no início estavam ansiosos por ajudar; socorristas e ordenanças, cansados ou desencorajados, não contribuíam para nutrir esperanças por muito tempo.

Para um trabalho desse tipo não se quer uma ajuda remunerada. Com muita frequência, os ordenanças hospitalares trabalhando com contrato ficam ríspidas, ou, insatisfeitas, desistem de seu trabalho, ou ainda se tornam cansadas e preguiçosas. Por outro lado, é essencial uma ação imediata porque a ajuda que salvará um homem ferido hoje não vai salvá-lo amanhã, e caso se perca tempo, a gangrena se alastra e leva o paciente embora.<sup>30</sup> Portanto, há necessidade de ordenanças voluntários e de enfermeiras voluntárias, zelosas, treinadas e experientes, cuja posição seria reconhecida pelos comandantes ou exército em campo, e com uma missão assistida e apoiada. A equipe dos hospitais militares de campanha nunca está à altura das necessidades e ainda assim não o estaria se o número de ajudantes fosse duplicado ou triplicado, e sempre será esse o caso. A única maneira possível é dirigir-se à população. É inevitável, e sempre será inevitável, considerando que através da cooperação da população podemos esperar conseguir o objetivo desejado. Por isso, o apelo deve ser feito aos homens

<sup>30</sup> No início da campanha italiana, antes que tivesse início qualquer combate, a Senhora N... propôs num salão em Genebra a formação de um comitê para enviar ajuda aos feridos. Muitos daqueles para os quais ela disse isso acharam sua proposta prematura, e eu mesmo não pude deixar de dizer: “Como alguém pode pensar em produzir gaze antes que um único homem tenha sido ferido?” Todavia, tão logo aconteceram os primeiros combates, como teria sido valiosa aquela gaze nos hospitais da Lombardia e do Vêneto! É por ter visto com meus próprios olhos as coisas que conto que fui levado a mudar minhas opiniões e a apresentar minhas reflexões em torno da questão. Prego a Deus para que eles possam conseguir uma acolhida melhor do que aquela que eu dei à proposta da Senhora..., em 1859.

de todos os países e de todas as classes, aos poderosos do mundo, e ao mais pobre trabalhador: porque, de uma forma ou de outra, todos podem, cada um na sua esfera de ação e dentro de seus limites, fazer alguma coisa para ajudar a continuar o bom trabalho. Tal apelo é feito aos homens e mulheres – à poderosa princesa sentada nos degraus do trono até à pobre órfã dedicada que trabalha como criada e à pobre viúva sozinha no mundo e ansiosa para dedicar sua última energia ao bem-estar do seu vizinho. É um apelo que dirige igualmente ao General e ao Cabo; ao filantropo e ao escritor que, na quietude de seu escritório, pode dar seu talento para publicações relativas à questão que diz respeito a toda a raça humana e, de maneira especial, a toda nação, a todo distrito, e a toda família, uma vez que nenhum homem pode afirmar com certeza que está para sempre a salvo da possibilidade de guerra. Se um general austríaco e um general francês podem se sentar próximos à hospitaleira mesa do Rei da Prússia, e conversar como bons amigos, o que pode existir para evitar que, juntos, pesquisem e discutam uma questão que merece tanto despertar o seu interesse e atenção?

Em certas ocasiões especiais, como por exemplo, quando os príncipes da arte militar de diferentes nacionalidades se encontram em Colônia ou em Châlons, não seria desejável que eles aproveitassem esse tipo de congresso para formular algum princípio internacional, sancionado por uma Convenção de caráter inviolável, a qual, uma vez acordada e ratificada, possa constituir a base para as sociedades de socorro dos feridos nos diferentes países europeus? É melhor obter um acordo e concertar as medidas antecipadamente, porque uma vez que as hostilidades começam a má vontade entre os beligerantes é

recíproca, e aí começa a abranger todas as questões a partir do limitado ponto de vista dos seus próprios súditos.<sup>31</sup>

A humanidade e a civilização clamam imperiosamente por uma organização tal como é aqui sugerida. É como se a questão fosse uma verdadeira obrigação, pode-se contar com segurança com a cooperação de todo homem influente, e com os bons auspícios de pelo menos toda pessoa decente. Existe no mundo um príncipe ou um monarca que se negaria a apoiar as sociedades propostas, feliz de poder dar total garantia aos seus soldados que eles receberão imediatamente o tratamento apropriado caso venham a ser feridos? Existe algum governo que hesitaria em dar sua proteção para um grupo que está se empenhando a fim de preservar as vidas de cidadãos profícuos, uma vez que, certamente, o soldado que recebe um tiro ao defender seu país merece toda a atenção daquele país? Existe um único soldado, um único general que considera seus soldados como “seus rapazes”, que não estaria ansioso por ajudar o trabalho dos socorristas voluntários? Existe um comissário militar, ou um médico militar, que não estaria agradecido pela assistência de um destacamento de pessoas inteligentes, comandado com sabedoria e precisão, e diplomático em seu trabalho?<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Pequenas conferências são convocadas com o propósito expresso de lidar com questões de importância evidentemente muito menor, e existem sociedades internacionais que trabalham com a indústria, a filantropia, e com a utilidade pública, e conferências de cientistas, juristas e agricultores, estatísticos, economistas, etc.

<sup>32</sup> Com o tipo de sociedades que temos em vista, um possível desperdício e falta de critério na distribuição de fundos e de material de socorro seriam amplamente evitados. Na Guerra da Crimeia, por exemplo, grandes entregas de gaze preparadas por senhoras russas foram enviadas de São Petersburgo para a Crimeia, mas as cargas de gaze acabaram indo para as fábricas de papel, que ficaram com elas para atender a seus próprios objetivos.

Por último – numa época em que escutam os falar tanto de progresso e civilização, uma vez que infelizmente não podemos sempre evitar as guerras, não seria uma questão de urgência apoiar, dentro de um espírito humano e verdadeiramente civilizado, a tentativa de evitar, ou pelo menos aliviar, os horrores da guerra?

A execução prática dessa proposta, em larga escala, certamente requereria consideráveis recursos, mas nunca haveria dificuldade em relação ao dinheiro necessário. Em período de guerra, todo mundo iria se apressar para dar suas contribuições ou levar suas pequenas contribuições em resposta aos apelos do comitê. Não existe frieza ou indiferença entre a população quando os filhos do país estão combatendo. Afinal, o sangue que está sendo derramado na batalha é o mesmo que corre nas veias da inteira nação. Mas não se deve pensar que exista algum perigo de que a iniciativa seja refreada por obstáculos desse tipo. Não é lá que a dificuldade se encontra. Todo o problema está na preparação rigorosa para um trabalho desse tipo, e na efetiva formação das sociedades propostas.<sup>33</sup>

Se, por um lado, as novas e assustadoras armas de destruição que agora estão à disposição das nações parecem destinadas a abreviar a duração das futuras guerras, por

<sup>33</sup> “... As pessoas precisam ser feitas para ver”, o Honrável General Dufour foi amável em me escrever em 19 de outubro de 1862, “o custo em suplícios e lágrimas da glória do campo de batalha através dos vívidos exemplos trazidos pelo senhor. É fácil demais enxergar apenas o lado deslumbrante da guerra e fechar os olhos para suas dolorosas consequências... É algo excelente”, continuou o ilustre Comandante-chefe das Forças da Confederação Suíça, “chamar a atenção para essa questão humanitária, e me parece que o seu texto seja muito bem calculado para conseguir esse objetivo. Uma reflexão esmerada e solícita pode produzir uma solução por intermédio da cooperação de filantropos em todos os países...”

outro lado, parece provável que as futuras batalhas se tornem cada vez mais mortíferas. Além disso, nessa era em que a surpresa tem em si um papel tão importante, não é possível que as guerras possam surgir de uma ou outra região da maneira mais repentina e inesperada? E só essas considerações já não são mais do que uma razão apropriada para tomar precauções contra a surpresa?

## *As ideias de Dunant – o teste do tempo*

Em “Lembrança de Solferino”, Henry Dunant não apenas descreve uma batalha terrível e recorda os fatos dos dias seguintes e o papel que desempenhou nesse momento; também expõe ideias e propostas para o futuro com vistas a evitar a repetição do sofrimento que testemunhou em Solferino. Essas ideias, ao mesmo tempo ousadas e modestas, e o ritmo com que foram colocadas em prática, transformaram o trabalho de Dunant em algo mais que mais outro relato de guerra. Ainda vale muito a pena ler o livro; a obra é indispensável para entender a organização mundial conhecida como Cruz Vermelha.

O objetivo das propostas de Dunant era duplo: por um lado, criar em todos os países “sociedades voluntárias de socorro com o propósito de garantir que os feridos em períodos de guerra sejam assistidos” e, por outro, formular um “princípio internacional, sancionado por uma Convenção de caráter inviolável”, que serviria como base e apoio para as sociedades de socorro. O que aconteceu com essas propostas ao longo dos mais de cem anos que passaram desde então?

Em 1863, quatro anos depois da Batalha de Solferino e um ano após a publicação do livro de Dunant, um Comitê particular formado pelo General Dufour, por Gustave Moynier, pelos médicos Théodore Maunoir e Louis Appia, e pelo próprio Henry Dunant, organizou uma conferência em Genebra, para a qual 16 países enviaram representantes.

A conferência recomendou que fossem estabelecidas sociedades nacionais de socorro, e pediu aos governos para lhes dar proteção e apoio. Além disso, a conferência expressou o desejo de que, em período de guerra, as partes beligerantes declarem neutros os lazaretos e os hospitais de campanha, isto é, que sejam invioláveis, e que uma proteção semelhante seja estendida às equipes médicas militares, aos socorristas voluntários e aos próprios feridos, e finalmente que os governos escolham um símbolo distintivo comum que identifique as pessoas e os objetos a serem protegidos.

Em 1864, o Conselho Federal reuniu uma Conferência Diplomática em Genebra, com plenipotenciários dos 16 países participantes. Essa conferência esboçou a “Convenção de Genebra para a Melhoria da Condição dos Feridos dos Exércitos em Campanha”, e foi assinada em 22 de agosto daquele ano, e ratificada por quase todos os Estados nos anos seguintes. A Convenção formalizou as recomendações da conferência de 1863 e declarou o princípio – crucial para todo o empreendimento – de que os soldados feridos e doentes devem ser recolhidos e tratados sem distinção de nacionalidade. Em tributo à Suíça, o símbolo heráldico de uma cruz vermelha sobre um fundo branco – na verdade, a bandeira suíça com as cores ao contrário – foi escolhido como o emblema que garante proteção e assistência.

A partir das resoluções da conferência de 1863 e baseada nas Convenções de Genebra, aos poucos se desenvolveu a organização humanitária chamada “Cruz Vermelha Internacional” e o considerável conjunto de normas reconhecidas universalmente, que formam as Convenções de Genebra para a proteção das vítimas de guerra. Em outras

palavras, agora existe uma organização mundial e uma série de convenções; uma diz respeito à assistência humanitária e a outra à proteção jurídica, e as duas caminham lado a lado e se complementam. Juntas, elas constituem a competência que tem conferido proteção, conforto e consolo a milhares de pessoas pegas nas piores catástrofes imagináveis.

Mesmo antes de a Convenção de Genebra ser adotada, o “Comitê dos Cinco” resolveu, sem deixar de manter seu caráter especificamente suíço, se tornar a “Comissão Internacional Permanente para a Ajuda aos Soldados Feridos” e estabeleceu para si tarefas de fomento à instalação de Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha, apoiando seu trabalho e, em caso de guerra, atuando como uma intermediadora neutra a fim de garantir a proteção das vítimas de guerra e prestar assistência onde fosse necessário. Logo depois esse comitê se tornou o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV).

Durante as duas Guerras Mundiais, a principal preocupação do CICV foi a difícil situação dos prisioneiros de guerra: seus delegados visitaram os campos de prisioneiros de guerra, e uma agência central de informação foi instalada em Genebra enviando milhões de mensagens entre os prisioneiros e suas famílias. Durante a II Guerra Mundial o CICV ampliou suas atividades de proteção e assistência para os civis, particularmente aqueles que eram prisioneiros de guerra e a população civil nos territórios ocupados. Desde a Primeira Guerra Mundial, o CICV também fez a maior parte do trabalho da elaboração das Convenções de Genebra e de forma tão abrangente quanto possível. As revisões dos textos, assim como as novas

provisões adotadas em 1929 e 1949 (vamos abordar ambas mais tarde), foram em grande parte trabalho do Comitê.

Muitas Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha foram fundadas imediatamente depois de 1863-1864, e outras mais tarde, à medida que estouraram vários conflitos. O movimento se espalhou bem além das fronteiras da Europa, como é evidenciado pelo fato de além das Sociedades da Cruz Vermelha, foram fundadas Sociedades do Crescente Vermelho e do Leão e Sol Vermelhos<sup>34</sup>, com seus respectivos emblemas. No momento, o movimento da Cruz Vermelha é formado por 137 Sociedades Nacionais com cerca de 250 milhões de membros. Além disso, existem 50 milhões de jovens entre 10 e 18 anos nas Seções Juvenis da Cruz Vermelha.

O campo de ação das Sociedades Nacionais agora se estende bem além das tarefas estabelecidas por Henry Dunant e pela conferência de 1863. A ajuda médica em prol dos soldados feridos e doentes evoluiu para a assistência a todas as vítimas da guerra, abrangendo os prisioneiros, os civis feridos e doentes, as pessoas na condição de prisioneiros de guerra, os deportados, os evacuados, os refugiados, os sem-teto e as populações de territórios ocupados.

O desenvolvimento do trabalho da Cruz Vermelha em período de guerra levou à expansão de suas atividades em época de paz: voluntários que prestaram um trabalho valioso para a Cruz Vermelha em épocas de adversidade não querem – e de fato não deveriam – ficar inativos em períodos menos difíceis. Pelo contrário, é correto que eles possam ter permissão para dar sua contribuição ao trabalho humanitário cotidiano que precisa ser feito em

<sup>34</sup> Esse símbolo não é mais usado desde 1980.

países industrializados e também no Terceiro Mundo. É assim que as “ações de períodos de paz” das Sociedades Nacionais tomaram forma, e a começou-se a atuar em prol dos doentes, feridos e inválidos, idosos e crianças pequenas, vítimas de desastres dentro das fronteiras nacionais ou no exterior. Ao final da I Guerra Mundial, a essas atividades de cunho social e médico somou-se o trabalho da Cruz Vermelha Juvenil, que ensina aos jovens os ideais de ajuda e serviço, e visa a promover a amizade e a compreensão entre os jovens de todas as nações.

Desde 1919, as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha estão agrupadas em uma federação mundial, a Liga das Sociedades da Cruz Vermelha.<sup>35</sup> Ao contrário do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (cujos membros precisam ser cidadãos suíços – uma garantia de independência, neutralidade e imparcialidade), a Liga é um fórum no qual os representantes das Sociedades da Cruz Vermelha em todo o mundo se encontram em pé de igualdade para compartilhar suas experiências e se ajudarem mutuamente. As principais tarefas da Liga são encorajar o desenvolvimento das muitas Sociedades Nacionais recentemente criadas, promover e coordenar as atividades de todas as Sociedades-membro, particularmente o trabalho de socorro em caso de desastres naturais.

Em 1928, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, a Liga e as Sociedades Nacionais se reuniram em uma única organização sob o nome de “Cruz Vermelha Internacional”. Os estatutos da organização estabelecem as respectivas esferas de

<sup>35</sup> Desde 1983: Liga das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A partir de 1991, Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.

ação do Comitê e da Liga, assim como suas relações bilaterais. Também preveem uma “Conferência Internacional” formada por representantes das Sociedades Nacionais reconhecidas, do CICV, da Liga e dos Estados Partes das Convenções de Genebra, a fim de assegurar a unidade da ação empreendida pelas corporações componentes da Cruz Vermelha.

Da mesma forma que as instituições da Cruz Vermelha mudaram ao longo dos anos de acordo com as novas necessidades, a Convenção de 1864 também foi adaptada às circunstâncias em transformação, e complementada por novos instrumentos legais. Em 1899, uma nova convenção “para a Adaptação à Guerra Marítima dos Princípios da Convenção de Genebra, de 22 de agosto de 1864” foi assinada pelos representantes dos Estados que participaram da primeira Conferência Internacional de Paz, ocorrida em Haia. A Convenção de Genebra de 1864 foi revisada em 1906 e pela primeira vez as sociedades voluntárias de socorro foram mencionadas no documento. A segunda Conferência de Paz (Haia, 1907) adotou as “normas relativas às leis e aos costumes da guerra terrestre”, que proíbem meios de combate que causem sofrimento cruel e desnecessário, e estabelecem um tratamento humano para os prisioneiros de guerra e a observância de determinados direitos básicos da população dos territórios ocupados. Em 1929, uma Conferência Diplomática convocada pelo Conselho Federal promoveu a revisão da Convenção de Genebra de 1906 e adotou a “Convenção de Genebra Relativa ao Tratamento dos Prisioneiros de Guerra”, que acrescentou e estabeleceu mais detalhadamente as normas contidas nos regulamentos de Haia no que diz respeito à

guerra terrestre, levando em consideração a experiência da I Guerra Mundial.

Em 1949, outra Conferência Diplomática, também convocada pelo governo suíço, efetuou uma ampla revisão do Direito de Genebra já em vigor e acrescentou um novo instrumento legal, a “Convenção de Genebra Relativa à Proteção das Pessoas Civis em Período de Guerra”. Essa Convenção também diz respeito aos regulamentos de Haia sobre a guerra terrestre, mas vai além e abrange um campo novo, como a proteção dos hospitais civis e dos transportes médicos civis, a instalação de hospitais e de zonas de segurança, o status jurídico dos estrangeiros no território de um país participante do conflito, e o tratamento de civis prisioneiros de guerra e das populações dos territórios ocupados. Outro aspecto importante das quatro Convenções de Genebra de 1949 é que elas devem ser implantadas pelos Estados Partes em todos os casos de conflitos armados, ou seja, mesmo quando a guerra não foi declarada ou quando o estado de guerra não foi reconhecido por uma parte interessada no conflito. Além disso, algumas normas básicas devem ser observadas no caso de um conflito armado que não seja de caráter internacional (guerra civil) que aconteça no território de uma das Altas Partes Contratantes. Até junho de 1977, 143 Estados, incluindo as grandes potências, eram partes das quatro Convenções de Genebra de 1949.

As Convenções de Genebra de 1949 foram complementadas em 1977 por dois Protocolos Adicionais, adotados pela Conferência Diplomática sobre a Reafirmação e o Desenvolvimento do Direito Internacional Humanitário

Aplicável em Conflitos Armados, que estava se reunindo em Genebra desde 1974 a convite do Conselho Federal. O Protocolo I trata dos conflitos armados internacionais, e o Protocolo II dos conflitos armados não internacionais. Eles contêm ao todo 130 artigos, que incluem – além das prescrições para dar proteção e assistência aos feridos, aos prisioneiros e aos enfermos – normas relativas à condução da guerra, basicamente com vistas a evitar o sofrimento desnecessário e a conferir à população civil mais proteção das consequências da guerra. Desde 1977, os Protocolos Adicionais estão à disposição dos Estados Partes das Convenções de Genebra, para anuência, ou para assinatura e ratificação.

Nos futuros anos, o CICV, a Liga e as Sociedades Nacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho vão se deparar com tarefas monumentais e problemas difíceis. Para superar essas dificuldades, as instituições precisam deixar-se guiar pelo espírito das Convenções de Genebra e dos Princípios da Cruz Vermelha – em outras palavras, pelo espírito do compromisso humanitário incondicional e da ajuda imparcial e desinteressada. Também será essencial respeitar o princípio da neutralidade, que proíbe a Cruz Vermelha de se envolver em hostilidades ou em controvérsias políticas e ideológicas. Humanidade, imparcialidade e neutralidade são as garantias da unidade e universalidade do Movimento, e a Cruz Vermelha só pode encontrar a força para cumprir suas tarefas humanitárias se continuar a ser uma organização unida e mundial.

*Professor Hans HAUG  
Ex-Presidente da Cruz Vermelha Suíça*

## *Convenção*

para a melhoria da condição dos feridos dos exércitos em  
campanha

*A Confederação Suíça*; Sua Alteza Real o Grão-duque de Baden; Sua Majestade o Rei dos Belgas, Sua Majestade o Rei da Dinamarca; Sua Majestade a Rainha da Espanha; Sua Majestade o Imperador dos Franceses; Sua Alteza Real o Grão-duque de Hesse; Sua Majestade o Rei da Itália; Sua Majestade o Rei dos Países Baixos; Sua Majestade o Rei de Portugal e Algarve; Sua Majestade o Rei da Prússia; Sua Majestade o Rei de Würtemberg, animados, por igual, pelo desejo de aliviar, tanto quanto deles dependa, os males irreparáveis da guerra, de suprimir os sofrimentos inúteis e melhorar a sorte dos militares feridos nos campos de batalha, resolveram concluir uma Convenção com esse objetivo, e nomearam seus Plenipotenciários, a saber:

*A Confederação Suíça*: Guillaume Henri Dufour, Grão-oficial da Ordem Imperial da Legião de Honra, General-chefe do exército federal, Membro do Conselho de Estados; Gustave Moynier, Presidente do Comitê Internacional de Socorro para os soldados feridos e da Sociedade de Utilidade Pública de Genebra; e Samuel Lehmann, Coronel federal, Médico-chefe do exército federal, Membro do Conselho Nacional.

*Sua Alteza Real o Grão-duque de Baden:* Robert Volz, Cavaleiro da Ordem do Leão de Zaehringen, M.D., Médico Conselheiro na Direção de Assuntos Médicos; e Adolphe Steiner, Cavaleiro da Ordem do Leão de Zaehringen, Médico Chefe do Estado-maior.

*Sua Majestade o Rei dos Belgas:* Auguste Visschers, Oficial da Ordem de Leopoldo, Conselheiro do Conselho de Minas.

*Sua Majestade o Rei da Dinamarca:* Charles-Emile Fenger, Comandante da Ordem de Danebrog, condecorado com a cruz de prata da mesma Ordem, a Grã-Cruz da Ordem de Leopoldo da Bélgica, etc., Seu Conselheiro de Estado.

*Sua Majestade a Rainha da Espanha:* Don José Heriberto García de Quevedo, Cavalheiro da Sua Sala de Audiências na ativa, Cavaleiro da Grã-Cruz de Isabela a Católica, Comandante Numerário da Ordem de Carlos III, Cavaleiro de primeira classe da Ordem Real e Militar de São Ferdinando, Oficial da Legião de Honra da França, Seu Ministro Residente junto à Confederação Suíça.

*Sua Majestade o Imperador da França:* Georges-Charles Jagerschmidt, Oficial da Ordem Imperial da Legião de Honra, Oficial da Ordem de Leopoldo da Bélgica, Cavaleiro da Ordem da Águia Vermelha da Prússia da Terceira classe, etc., Subdiretor no Ministério de Relações Exteriores; Henri Eugène Séguineau de Préval, Cavaleiro

# Convention

*pour l'amélioration du sort des Militaires  
blessés dans les armées en campagne.*

*La Confédération Suisse, Son Al-  
tesse Royale le Grand-Duc de Bade, Sa  
Majesté le Roi des Belges, Sa Majesté le Roi  
de Danemark, Sa Majesté la Reine d'Espagne, Sa  
Majesté l'Empereur des Français, Son Altesse  
Royale le Grand-Duc de Saxe, Sa Majesté le  
Roi d'Italie, Sa Majesté le Roi des Pays-Bas;  
Sa Majesté le Roi de Portugal et des Algarves;  
Sa Majesté le Roi de Prusse; Sa Majesté le Roi  
de Wurtemberg, également unanis du désir d'adoucir, au-  
tant qu'il dépend d'eux, les maux inséparables de la guerre,  
de supprimer les rigueurs inutiles et d'améliorer le sort  
des militaires blessés sur les champs de bataille, ont résolu  
de conclure une Convention à cet effet et ont nommé pour  
leurs Plénipotentiaires, savoir:*

*La Confédération Suisse:  
le Sieur Guillaume Henri Dessein, Grand-  
Officier de l'Ordre Impérial de la Légion*

A Convenção de 1864 consiste em não mais de dez artigos referentes à proteção dos soldados feridos e daqueles responsáveis pelo seu tratamento. Hoje, existem quatro Convenções abrangendo mais de 400 artigos para proteger não apenas os soldados feridos ou doentes, mas também os prisioneiros e os civis em mãos inimigas.

insérés dans cette Convention.

Article 9

Les hautes Puissances contractantes sont convenues de communiquer la présente Convention aux Gouvernements qui ont pu envoyer des Plénipotentiaires à la Conférence Internationale de Genève, en les invitant à y accéder; le protocole est à cet effet laissé ouvert.

Article 10

La présente Convention sera ratifiée, et les ratifications en seront échangées à Genève, dans l'espace de quatre mois, ou plus tôt si faire se peut.

En foi de quoi les Plénipotentiaires respectifs l'ont signée et y ont apposé le cachet de leurs armées.

Fait à Genève, le vingt-deuxième jour du mois d'Août de l'an mil huit cent soixante-quatre.

Genève  
Général Dufour

S. Moynier

M. Schiner

Dr. Robert Volz

Blin

Visschers

Heug

A Doze Estados colocaram seus carimbos na Primeira Convenção de Genebra. Hoje, 87 Estados – incluindo as grandes potências – aderiram às quatro Convenções de 1949.

da Ordem Imperial da Legião de Honra, condecorado com a Ordem Imperial de Medjidié da quarta classe, Cavaleiro da Ordem de São Maurício e Lázaro da Itália, etc., Subcomissário militar da primeira classe; e Martin François Boudier, Oficial da Ordem Imperial da Legião de Honra, condecorado com a Ordem Imperial de Medjidié da quarta classe, condecorado com a medalha de Valor Militar da Itália, etc., doutor-chefe da segunda classe.

*Sua Alteza Real o Grão-duque de Hess:* Charles Auguste Brodruck, Cavaleiro da Ordem de Filipe o Magnânimo, da Ordem de São Miguel da Bavária, Oficial da Ordem Real do Salvador Sagrado, etc., Chefe de Batalhão, Oficial do Estado-maior.

*Sua Majestade o Rei da Itália:* Jean Capello, Cavaleiro da Ordem dos Santos Maurício e Lázaro, Seu Cônsul-geral da Suíça, e Felix Baroffio, Cavaleiro da Ordem dos Santos Maurício e Lázaro, Doutor-chefe da divisão médica.

*Sua Majestade o Rei dos Países Baixos:* Bernard Ortuinus Théodore Henri Westenberg, Oficial da Sua Ordem da Coroa de Carvalho, Cavaleiro das Ordens de Carlos III da Espanha, da Coroa da Prússia, de Adolfo de Nassau, L.D., Seu Secretário da Legação em Frankfurt.

*Sua Majestade o Rei de Portugal e de Algarves:* José Antonio Marques, Cavaleiro da Ordem de Cristo, da Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, de São Benedito de Aviz, de Leopoldo da Bélgica, etc., M.D., Cirurgião

de Brigada, Subchefe do Departamento de Saúde no Ministério da Guerra.

*Sua Majestade o Rei da Prússia:* Charles Albert de Kamptz, Cavaleiro da Ordem da Águia Vermelha da segunda classe, etc., Seu Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário junto à Confederação Suíça, Conselheiro Particular da Legação; Godefroi Frédéric François Loeffler, Cavaleiro da Ordem da Águia Vermelha da terceira classe, etc., M.D., Médico-chefe da quarta Unidade Militar; Georges Hermann Jules Ritter, Cavaleiro da Ordem da Coroa da terceira classe, etc., Conselheiro Particular do Ministério da Guerra.

*Sua Majestade o Rei de Württemberg:* Christophe Ulric Hahn, Cavaleiro da Ordem dos Santos Maurício e Lázaro, etc., Doutor em Filosofia e Teologia, Membro da Direção Central Real para as Instituições de Caridade.

Os quais, após terem apresentado seus poderes, e de tê-los encontrado em boa e devida forma, concordaram com os seguintes artigos:

Art. 1

As ambulâncias e os hospitais militares serão reconhecidos como neutros e como tal protegidos e respeitados pelos beligerantes, durante todo o tempo em que abrigarem doentes e feridos.

A neutralidade cessará se as citadas ambulâncias ou hospitais forem controlados por uma força militar.

#### Art. 2

As equipes dos hospitais e das ambulâncias, incluindo a intendência, os serviços de saúde, de administração, de transporte, assim como os capelães, devem gozar do benefício da mesma neutralidade quando em serviço, e enquanto continuarem a existir feridos a recolher ou a assistir.

#### Art. 3

Mesmo após a ocupação por parte do inimigo, as pessoas designadas no Artigo precedente podem continuar a exercer suas funções no Hospital ou no serviço ambulante de saúde em que servirem, ou podem se retirar para se juntarem às unidades a que pertencem,

Quando, nessas circunstâncias, essas pessoas cessarem suas funções, devem ser entregues pelo exército ocupante aos postos avançados inimigos.

#### Art. 4

Tendo em vista que o material dos hospitais militares é submetido às leis da guerra, ao se retirarem, as pessoas em serviço nesses hospitais podem levar consigo apenas os objetos que são de sua propriedade particular.

Em circunstâncias semelhantes, os serviços ambulantes de saúde, ao contrário, devem ficar com seu equipamento.

#### Art. 5

A população do país que leva socorro aos feridos deve ser respeitada e permanecer livre. Os generais das Potências beligerantes devem ter o dever de informar a população

sobre o apelo feito ao seu sentimento de humanidade e da neutralidade a ser conferida à conduta humanitária.

A presença de qualquer combatente ferido que recebe abrigo e cuidados em uma casa particular deve garantir a salvaguarda a esta. Um morador que tenha abrigado feridos em sua casa deve ser isento de ficar no alojamento dos soldados, assim como de pagar uma parte dos tributos de guerra que possam ser cobrados.

#### Art. 6

Seja qual for a nação a que pertencem, os combatentes feridos ou doentes devem ser recolhidos e tratados.

Os Comandantes-chefe devem entregar imediatamente aos postos avançados do inimigo, os combatentes inimigos feridos em combate, quando as circunstâncias o permitirem e desde que haja consentimento de ambas as partes.

Aqueles que, uma vez curados, forem reconhecidos como incapazes de servir, devem ser repatriados.

Os outros poderão igualmente ser repatriados, sob a condição de não retomarem as armas enquanto durarem as hostilidades.

As partes em retirada, assim como o pessoal que as dirigem, devem ser consideradas como totalmente neutras.

#### Art. 7

Uma bandeira uniforme e distintiva deve ser adotada pelos hospitais, serviços ambulantes de saúde e partes em retirada. Em todas as circunstâncias deve ser acompanhada da bandeira nacional.

Uma braçadeira também será usada pelas equipes que

gozam de neutralidade, mas a sua distribuição ficará a cargo da autoridade militar.

A bandeira e a braçadeira terão uma cruz vermelha sobre um fundo branco.

#### Art. 8

A implantação da presente Convenção deve ser organizada pelos Comandantes-chefe dos exércitos beligerantes seguindo as instruções de seus respectivos Governos e de acordo com os princípios gerais estabelecidos nesta Convenção.

#### Art. 9

As Altas Partes Contratantes concordaram em comunicar a presente Convenção com um convite de adesão aos Governos que não puderam indicar Plenipotenciários para a Conferência Internacional de Genebra. O Protocolo foi deixado aberto para este fim.

#### Art. 10

A presente Convenção deve ser ratificada e a ratificação deve ser apresentada em Berna, dentro dos próximos quatro meses, ou se possível antes.

Com convicção, os respectivos Plenipotenciários assinaram a Convenção e posteriormente colocaram seus carimbos.

Realizada em Genebra, neste vigésimo segundo dia de agosto, no ano de mil oitocentos e sessenta e quatro.

## *Lista de Ilustrações*

### *Página*

- 5 Jean-Henry Dunant (1863)  
Foto Boissonas, Genebra
- 24-25 Mapa de Solferino e da área do  
entorno (1859)
- 40-41 Solferino, pintura de Bossoli  
(Museu do Risorgimento, Milão)  
Foto Mandel, Milão
- 56-57 Castiglione  
Foto Speiser, Basileia
- 68-69 Texto da terceira edição, corrigido  
por Dunant  
Foto ATP, Zurique
- 84-85 O Comitê dos Cinco
- 100-101 A Conferência Diplomática de  
1864 em Genebra  
Quadro de Dumaresq (Sede da  
Prefeitura, Genebra)  
Foto Boissonas, Genebra  
A Primeira Convenção  
(Arquivos, Berna)



### **Missão**

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) é uma organização imparcial, neutra e independente cuja missão exclusivamente humanitária é proteger a vida e a dignidade das vítimas dos conflitos armados e de outras situações de violência, assim como prestar-lhes assistência. O CICV também se esforça para evitar o sofrimento por meio da promoção e do fortalecimento do direito e dos princípios humanitários universais. Fundado em 1863, o CICV deu origem às Convenções de Genebra e ao Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A organização dirige e coordena as atividades internacionais que o Movimento conduz nos conflitos armados e em outras situações de violência.



# CICV

*Quem melhor do que Henry Dunant para sacudir o leitor com um absorvente relato sobre o sofrimento de milhares de soldados feridos, abandonados sem nenhuma assistência, após a Batalha de Solferino? Nesse trabalho, Dunant consegue dar o passo vital entre aquela visão de devastação e um apaixonado apelo em prol das vítimas de combate.*

*Os horrores testemunhados por Dunant após a Batalha de Solferino, em 24 de junho de 1859, e o seu apelo humanitário que veio em seguida estão na origem do Movimento da Cruz Vermelha/Crescente Vermelho, que hoje abrange 189 Sociedades Nacionais com milhões de membros, e ainda dois organismos internacionais – o Comitê Internacional da Cruz Vermelha e a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.*

*Este é um livro realmente comovente.*



0361/007 05.2016 1000